

INTRODUÇÃO

À

SCIENCIA DAS FINANÇAS

INTRODUCCÃO

Á

SCIENCIA DAS FINANÇAS

ESTUDOS

ORDENADOS E REDIGIDOS SEGUNDO AS PRELECCOES QUE O SR. DR. MENDONÇA CORTEZ
FAZIA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA NO ANNO LECTIVO DE 1871 A 1872

POR

Candido de Figueiredo

BACHAREL FORMADO EM DIREITO, SOCIO DO INSTITUTO DE COIMBRA
DA COMMISSÃO NACIONAL DOS ORIENTALISTAS DE PARIS
E DA DOS ORIENTALISTAS DE LONDRES, ETC.

FASCICULO I

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1874

AO

ILLUSTRÍSSIMO E EXCELLENTÍSSIMO SENHOR

CONSELHEIRO DR. JOÃO JOSÉ DE MENDONÇA CORTEZ

LENTE CATHEDRÁTICO DA FACULDADE DE DIREITO

NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

E MINISTRO DE ESTADO HONORÁRIO

Offerece

O SEU DISCÍPULO RESPEITOSO E GRATO

Candido de Figueiredo.

ADVERTENCIA

Auctorizado para reconstruir e dar á estampa as prelecções financeiras do sr. Mendonça Cortez, planeei e prometti estampal-as num volume de 500 a 600 paginas. Estimulava-me nesta arrojada empreza o valor intrinseco da obra, e a persuasão de que os estudiosos, á mingua de mais largos subsidios nacionaes, achariam compendiado nesse volume o resultado das conscienciosas e profundas vestigações do erudito prelector.

Imprevistas e insuperaveis difficuldades vieram todavia obstar á realisação do meu plano, e tive de cerrar-me neste primeiro fasciculo.

Chamo-lhe primeiro, porque o sr. Mendonça Cortez não abandona o empenho de rematar o trabalho que encetei, e oxalá a sciencia das finanças seja cedo brindada com as prestadias lucubrações de tão illustre professor.

Estes mesmos estudos que hoje se dão á luz são mais seus do que meus. Improbó e inestimavel foi em verdade o trabalho que me importaram essas poucas paginas que ao diante seguem; mas do que nellas ha de bom e de verdade nada me pertence: minha é apenas a *fôrma*, com todos os seus defeitos e inexactidões.

A dedicatoria d'este opusculo é pois uma restituição devida; para mim reservo apenas o que nelle ha de imperfecto e inutil.

Coimbra, 20 de maio
de 1874.

C. de F.

ESTUDOS FINANCEIROS

I

Utilidade da Sciencia das Finanças

1. Ao principiar-se o estudo da sciencia das finanças, é natural que aos espiritos logicos e positivos assome desde logo esta pergunta: *para que serve a sciencia das finanças?* Facil é a resposta.

Para os que não são estranhos aos principios rudimentares do direito natural e do direito politico, é evidente que a existencia do Estado é indispensavel á existencia do homem civilisado. D'ahi é necessario concluir que o Estado tem finalidade propria. A realisação d'esta finalidade obtem-se por certos meios, *serviços publicos*; e estes serviços só podem ser prestados pelos cidadãos. Ora, o grande desenvolvimento das sociedades modernas, exige que taes serviços sejam remunerados com valores, *moeda*; e, como a sciencia economica e a opinião publica não permitem que o Estado seja productor de valores, segue-se que só dos cidadãos elle os poderá haver.

Por um lado o Estado organisa serviços, por outro recebe os meios para a remuneração dos mesmos. D'ahi,

series de actos, mais ou menos complicadas, constituindo um organismo susceptivel de bem e de mal. Como tal, este organismo precisa de ser regulado pela justiça, pedindo o Estado só o que deve pedir, pagando só o que deve pagar. Isto aprende-se no estudo da sciencia das finanças.

2. Se nos disserem que, nas sociedades antigas, muitas vezes os negocios do Estado eram sabiamente administrados, sem que lá houvesse penetrado a luz da sciencia das finanças, e que por isso não devemos encarecer a necessidade d'ella nas sociedades modernas, responderemos que, embora os preceitos financeiros lá não tivessem uma forma scientifica e methodica, que só os seculos dão, ninguem seriamente contestará que os antigos homens de Estado não precisassem, para bem governarem, de saber e de desenvolver, até onde podessem, os preceitos que lhes havia legado a practica de seus antecessores; preceitos que, attentamente considerados, deixam ver o nucleo, os rendimentos da actual sciencia das finanças.

3. Pelos documentos da historia, sabemos, por exemplo, da importancia que os estadistas gregos davam aos estudos financeiros, embora por uma perversão do espirito publico, explicavel pelos habitos e condições especiaes dos athenienses, os estadistas do Pireu, ao contrario dos modernos, procurassem resolver o problema social, não pedindo pouco e remunerando economica e diligentemente os serviços publicos, mas pedindo muito, e distribuindo-o pelos cidadãos. (1)

A tradição symbolica da religião, os livros sagrados,

(1) BOECKH, *Econ. polit. des Athen.*, l. IV, c. XXI; XENOPHON, *Revenus* (trad. Talbot) t. II, pag. 493 seg.; e BLANQUI, *Hist. de l'Écon. Polit.* t. I, p. 493 e seg.

as lucubrações dos eruditos, transmittiam ás gerações posteriores o conhecimento de preceitos sociaes, e estimulavam os estadistas incipientes a aprofundar e observar o que o passado lhes legava.

4. Que os preceitos financeiros não eram desconhecidos na antiguidade vê-se tambem da importancia que no Egypto se dava á estatística e ás sciencias economicas e sociaes, que fazia dizer a Platão, profundo conhecedor d'este paiz, que os numeros *governavam* o mundo, e a Jonnés que « a contabilidade egypciaca attingia uma perfeição desconhecida aos parlamentos d'aquem e d'alem Mancha. » (1)

A mesma prova se infere ainda do zelo com que a sciencia se conservava alli na casta privilegiada sacerdotal, donde sabiam os conselheiros e mestres dos pharaós, os verdadeiros reis do Egypto. Supremacia tão profundamente arraizada naquella sociedade, que sobreviveu ás sedições domesticas, ás revoluções politicas, e á conquista dos Lagides e dos Romanos. (2)

5. O livro sagrado dos hebreus tambem nos mostram que entre elles foi cultivada a estatística, e portanto as sciencias economicas. Os textos da velha lei, especialmente o Pentateuco, fornecem-nos muitos exemplos. (3)

As leis que o povo hebreu religiosamente observava eram um mixto de elementos, alem de religiosos, administrativos, estatísticos e, podemos acrescentar, financeiros; o que fez dos hebreus os primeiros estatísticos da antiguidade, e, na edade media e hoje, os primeiros banqueiros do mundo.

(1) JONNÉS, *Statistique*, t. I, p. 41.

(2) Idem, p. 74 seg.; HERODOTO, *Hist.* II e *passim.* cit.; DIODORO, l. I, sess. 2.ª, § 22—24.

(3) GENESIS, c. XII, v. 8, e c. VII, VIII, IX; JONNÉS cit. p. 93 a 146.

II

Definição da Sciencia das Finanças

6. Se quizermos saber como os estadistas de finanças hão definido esta sciencia, veremos em muitos, de um lado deficiencia, de outro exuberancia, confusão aqui, alem erro.

É difficil, senão impossivel, expor neste logar as differentes definições que da sciencia de finanças encontramos nos respectivos escriptores. O que podemos é reduzi-las a quatro grupos, ou typos, que por suas características se distingam claramente entre si.

7. O primeiro grupo é constituido por aquellas definições em que as finanças são consideradas, não como sciencia, mas como *arte practica dos preceitos financeiros*. Assim: Garnier, *Éléments des fin.* Par. 1858, p. 4 e 5; Sr. A. Jardim, *Desenvolvimento* n. 71 a 76.

O defeito radical d'este grupo é dar uma idéa imperfeita da sciencia, abstrahindo da theoria, isto é, da parte racional, progressiva e aperfeiçoavel das finanças.

8. As definições que constituem o segundo grupo ensinam que *a sciencia das finanças indica como se ha de melhorar a receita para sómente a applicar á despesa publica*. Assim, GARNIER, p. 4; BERNARDINO CARNEIRO, *Princípios*, § 6; FERREIRA BORGES, *Syntelologia*, p. v--ix.

As definições d'este grupo, mais perfectas que as do anterior, ainda têm o defeito de só indicarem que a sciencia

se occupa do melhoramento da *receita*, nada dizendo da *despesa*.

9. As do terceiro grupo são as que indicam que a *sciencia das finanças estuda o melhor meio de obter a receita e administrar a despesa*. Podemos filiar neste grupo as definições que nos dão:

FERREIRA BORGES, cit. not. 1, pag. 3; SR. A. JARDIM, cit. n. 10, 11, 71, 74; SR. A. FORJAZ, *Elementos*, § 23; BERN. CARNEIRO, cit. § 4; JACOB, *Finances*, § 2; PARIEU, *Impôts*, not. 1, pag. X, n. 1.

Incontestavelmente superiores ás definições do grupo antecedente, as d'este não indicam com a precisa clareza que a *sciencia das finanças estuda a receita e o seu aperfeiçoamento com tanto affinco como estuda a despesa e tambem o seu aperfeiçoamento*.

As indicadas definições, alem do defeito geral que apontamos, têm outros que as depreciam. Numas nota-se a falta de mais cabido lhes é o nome de descripções; noutras a obscuridade; outras, emfim, são tão vagas, que não podem ver nitidamente o que procuram definir.

Alguns, aliás respeitaveis, financeiros, pretendem fazer distincção entre sciencia da fazenda e legislação da fazenda. Para nós, salva a abstracção, é inseparavel da practica a theoria. O aperfeiçoamento da *receita* e da *despesa* é a principal característica da sciencia das finanças, e tal aperfeiçoamento só resulta da combinação dos principios racionais com a practica transmittida pela historia ou indicada pela politica.

10. Finalmente, das definições que attribuem á sciencia das finanças o *estudo da receita e da despesa da sua administração, e do seu aperfeiçoamento*, fazemos um quarto grupo. Encontramos d'estas definições em alguns dos financeiros já citados: (1)

(1) GARNIER, p. 5; F. BORGES, p. v—4; JACOB, § 2.

Se bem que os topicos d'este grupo nos pareçam verdadeiros, e por isso aproveitaveis essas definições, não as aceitamos todavia, pelos defeitos que, a nosso ver, ellas têm.

Assim, a definição de Garnier, sobre ser extremamente longa, deixa ver mal a idéa do aperfeiçoamento, que alias indica. A de Ferreira Borges parece-nos obscura, alem de extensissima nos termos e na área que attribue á sciencia. A de Jacob afigura-se-nos deficiente, sendo necessario deduzir d'ella os topicos que indicamos.

11. Por isso, substituímos todas essas definições por uma nossa, que, se não é isenta de defeitos, antolha-se-nos contudo que os tem em menor numero que as apontadas; dizemos pois: *Sciencia das finanças é a que estuda a receita e a despesa publicas, e o seu aperfeiçoamento, em harmonia com a razão e o fim do Estado.*

E de facto a sciencia das finanças estuda os phenomenos da *receita*, descobertos pela razão, e indicados pela practica; estuda igualmente os da *despesa*, e procura aperfeiçoar uns e outros com os auxilios da historia, das sciencias sociaes e das descobertas da razão, tomando por criterio a sciencia e o fim do Estado.

12. Não insistimos em desenvolver estas idéas, porque, havendo a definição de uma sciencia de comprehender todos os objectos da mesma sciencia, só depois de conscientemente lhe havermos percorrido a área, poderemos comprehender até que ponto ellas são exactas ou inexactas. Mas note-se sempre que definição exacta, e perfeitamente accommodada ao definido, temol-a por coisa impossivel. E só assim poderemos explicar o porque tão levantadas intelligencias, como as que citámos, não nos deram uma definição satisfactoria.

Esquivamo-nos, ao contrario de alguns escriptores, a indicar *sentidos, lados e divisões*; alias não lograríamos o

fim a que nos propomos, dar em poucas palavras uma idéa synthetica da sciencia, cujo estudo encetamos (1).

Advirta-se de passagem que dizemos *sciencia das finanças*, e não *direito das finanças*, porque esta expressão suppõe relação juridica; e é certo que, no dominio d'aquella sciencia se nos deparam objectos completamente estranhos a taes relações. Basta citar-lhes a *contabilidade*, as *receitas*, as *despesas*, etc.

(1) Sr. A. JARDIM, n. 15, 16, 17, 18.

III

Etymologia da palavra Finanças

13. Relativamente á etymologia da palavra *finanças*, intende Du Cange que ella deriva da latina barbara *finantice* (*præstatio pecunie*). (1) Outros inclinam-se a que ella vem da allemã — *finanzen*. (2)

Entretanto, observaremos que este vocabulo não é allemão, mas germanisado. (3) Outros, ainda, vão procurar-lhe a fonte aos dialectos germanicos da idade media, no vocabulo saxonio *fine* ou *fina*. (4)

O que vemos é que este vocabulo, sem ser vernaculo, é de uso geral, a despeito dos esforços, que, para o substituir, hão empregado homens notaveis. Vemol-o já no Alv. 13 jan. 1800, e encontramol-o a cada passo na legislação posterior. (5)

14. Philologos ha, que, como fr. Francisco de S. Luiz, *Glossario*, h. v.; MORAES, *Dicc.* h. v., e os seus continuadores Antonio de Castro, dr. Agostinho de Mendonça Falcão e Damaso Joaquim da Silva Monteiro, desaprovam o uso da palavra *finanças*, e apresentam algumas que elles julgam poderem e deverem substituir aquella.

Assim F. de S. Luiz e Moraes: *Fazenda nacional*;

(1) SR. A. JARDIM, cit. n. 3; F. BORGES, cit. n. 1.

(2) Sr. A. JARDIM, ib.; F. BORGES, ib.

(3) SCHUSTER, *Diction. allem. fr.*, Paris 1850, h. v.; AUG. HEYSE, *Fremdwörterbuch*, Hanover, 1843, h. v.

(4) SR. A. JARDIM, n. 14.

(5) Vid. os AA. cit.

Rendas publicas; Rendas do estado; Erario; Thesouro; Fisco; Sciencia fiscal. Mas todas estas expressões são insufficientes, e resabiam-se de um organismo social e politico diverso.

Sr. J. I. Roquete: *Fazenda real; Fazenda nacional; Rendas publicas.* Não nos satisfazem, pelo mesmo motivo.

F. Borges tentou substituir o termo *finanças* pelo de *synthelologia*, palavra de origem grega, composta de *syn* (com), *telos* (tributo), e *logos* (razão); o que tudo cifra — **sciencia das contribuições.** Esta substituição não logrou acolhimento geral; e apenas encontramos este vocabulo; no sentido de *finanças*, em Moraes, *Dicc. cit.*, e preterindo citações particulares, no relatorio que precede o D. R. de contabilidade 12 Dez. 1863; sendo de notar que aquella palavra, por equivoco de consonancia, vem errada no referido relatorio, soando como *synthelologia* aproximadamente, mas escripta de modo que significa sciencia dos deuses, *syntheologia*.

5. Portanto, apesar do respeito que merecem os lexicographos e auctores apontados, empregaremos o vocabulo *finanças*, que é de uso geral, não só entre nós, senão tambem nos dialectos mais importantes que na Europa culta conhecemos: no francez, *finances*; no inglez, *finances*; no allemão, *finanzen*; no dinamarquez, *finantser*; no hollandez, *financie*; no italiano, *finanzas*; no hispanhol, *finansas*; etc. (1)

(1) SR. A. JARDIM, n. 12, 13, 14.

IV

Accepções do vocabulo Finanças

16. A palavra *finanças* pode tomar-se, e toma-se de ordinario, em varias accepções. Ora designa a *organisação financial* de um Estado, ora o *complexo de leis financeiras* que o regem, e muitas vezes o *confronto da receita com a despesa*, — *balanço*. Neste sentido dizemos: o estado financeiro da Suissa é prospero, lastimoso o estado financeiro de Portugal. Estas accepções revelam uma verdadeira gradação: Finanças — *balanço* — é a applicação especial das leis financeiras; — *instituição* — é a practica das leis financeiras; — *collecção de leis* — é o conjuncto dos preceitos financeiros; — *sciencia* — é tudo isso, mais o aperfeiçoamento. A *sciencia* olha para o passado, presente e futuro; a *collecção de leis* para o passado e presente; a *instituição* para o presente; o *balanço* para uma especialidade do presente.

17. Financeiros — é o nome que se dá, não só aos economistas e publicistas que particularmente se occupam de questões financeiras, mas tambem aos homens de Estado, que administram a fazenda publica. Aos que dirigem as differentes operações bancarias, e aos funcionarios fiscaes, tambem se dá, mas impropriamente, o nome de financeiros. (1) Notemos sempre que da rotina á sciencia vai uma distancia enorme.

(1) SR. A. JARDIM, cit. n. 18.

V

Assumppto da sciencia das Finanças

18. Esta sciencia occupa-se: da receita e dos phenomenos que lhe são annexos, do modo como os impostos devem ser lançados e distribuidos, e do meio mais economico de proceder á sua cobrança; da despesa publica, em relação ao seu destino e á sua extensão; dos orçamentos, e da maneira de os fazer; dos emprestimos, e differentes operações de thesouraria, e dos calculos respectivos; da contabilidade; dos meios de aperfeiçoar os phenomenos inherentes á receita e á despeza; das forças productivas de uma nação; se bem que Parieu, e outros, intendem que este objecto é exclusivo de uma sciencia media entre a economia politica e a sciencia das finanças; do modo como os empregados publicos se hão de desempenhar dos deveres que contrahem para com o Estado; das reduções que cumpre fazerem-se numa dada epocha e em virtude de certas circumstancias, etc. (1)

As leis financeiras dividindo-se em orçamentaes e especiaes, umas e outras entram tambem no dominio d'esta sciencia.

19. Esta sciencia abrange, estreitamente ligadas, a theoria e a practica, isto é, a exposição dos principios e a dos meios de os realisar.

Em França, confessa-o o proprio Parieu, intende-se

(1) SR. A. JARDIM, cit. n. 66 a 79 e 1, 7, 10 e 11; PARIEU, cit. I, p. IX, not. 3 e p. VIII; JACOB, § 41 a 44; GARNIER, p. 3 a 5; BERN. CARNEIRO, § 6; F. BORGES, p. 4.

geralmente que um bom financeiro pode sel-o por meio da practica, dispensando os auxilios theoreticos. Em Portugal pensa-se da mesma maneira.

É todavia certo que os mais illustres estadistas procuraram sempre unir a theoria com a practica, e esta com aquella. Sirvam de exemplo Forbonnais e Turgot, que não chegariam aos resultados financeiros que obtiveram, se não possuíssem a theoria e a practica em tão alto grau.

Quando nos apontarem alguns lastimaveis exemplos d'este ou d'aquelle paiz, responderemos citando os nomes do marquez de Pombal, de Pitt, de Hallifax, de Liverpool, de Parnell, de Beust, de Bismark, de Thiers e de tantos outros.

20. Nem a theoria vale sem a practica, para que as reformas sejam opportunas e viaveis; nem a practica sem a theoria, para que a administração seja intelligente e forte.

Transformam-se as instituições politicas; agita-as e curva-as o vento das revoluções; a opinião publica modifica-se e toma differentes faces, como o Proteu da fabula; só a practica se conserva inalteravel e fatal como o espaço e o tempo que a geram; e a sciencia, inabalavel e serena como a verdade em que se firma, vê passar diante de si os seculos e as revoluções, e as revoluções e os seculos não lhe abalam o pedestal em que a assentou o espirito de Deus.

21. O assumpto da sciencia que vamos estudar é vasto, vastissimo, como se terá deprehendido do que levamos dicto. Percorrendo-a, estudaremos o mecanismo social, considerado como elemento economico da finalidade do Estado.

Alguns escriptores pretendem alargar ainda mais esta área, incluindo no quadro da sciencia das finanças a fixação do fim do Estado. Este, porém, só debaixo de ponto

de vista restricto da actividade, que esta sciencia estuda aperfeiçoa, entra no seu dominio.

22. Quando a sciencia era extremamente limitada, comprehende-se que os assumptos do seu estudo tivessem um só lado; mas com o seu prodigioso desenvolvimento, cada um d'esses assumptos nos offerece hoje um numero consideravel de facetas, cada uma das quaes se tem tornado em objecto de uma sciencia especial; de maneira que, havendo muitas sciencias que estudam, todas, o mesmo assumpto geral—o Estado, é natural e logico que cada uma estude a sua destinação sob um ponto de vista especial. Assim, o direito civil o estuda na individualidade; o direito publico na collectividade; o administrativo nas condições da vida social; o criminal na moralisação; a economia politica na producção dos valores; etc.

D'esta forma, a sciencia das finanças estuda tambem uma finalidade do Estado, que lhe é peculiar, e differente de todas as mais: é—o bom e racional uso dos meios sociais. (1)

(1) SR. A. JARDIM, cit. n. 22; JACOB, cit. § 24.

VI

Importancia da sciencia das Finanças

23. Para demonstrarmos esta importancia poucas considerações bastarão.

É indiscutivel que o homem civilizado não pode existir fora da sociedade, *Estado*; que este é impossivel sem meios, e que estes só pelos cidadãos podem ser fornecidos. D'aqui deduz-se:

a) Que todos os associados devem concorrer no fornecimento d'esses meios;

b) que esse dever terá restricções certas e determinadas, que marquem quanto o cidadão deve pagar, quanto o Estado pedir, e desde onde começa a arbitrariedade e o despotismo;

c) que esse limite, visto ser uma garantia para o Estado, emquanto pede, e para o cidadão, em quanto paga, deve ser egualmente conhecido por um e outro.

A sciencia das finanças guia-nos a este resultado. D'ahi a evidencia da sua importancia. (1)

24. De não se dar á sciencia das finanças a sua merecida importancia, hão derivado dois perniciosos systemas de governação, que ambos levam á degradação e ruina social: *subordinar as receitas ás despesas publicas; subordinar estas áquellas.*

25. O primeiro, que tem por base moral uma audacia

(1) SR. A. JARDIM, cit. n. 19, 21, 51, 76.

extrema e por base intellectual uma sciencia incompletissima, perturba as relações que devem existir entre a receita e a despesa do Estado, origina os *deficits* e as enormes dividas publicas, desmoralisa os povos, corróe a honestidade publica, espalha emfim na sociedade um mal-estar insuportavel, e a revolução ou a ruina é o seu termo fatal.

Vimol-o entre nós, na revolução de 1261; (1) vimol-a na Grã-Bretanha, em fins do seculo passado, por occasião da guerra da independencia americana: vimol-o na França em 1789.

Não se supponha todavia que os apologistas d'este pseudo-systema financeiro querem os males a que elle conduz. Muito ao contrario. Mas é que, pretendendo imprudentemente tocar a raia extrema da prosperidade publica, *cortam a arvore para colherem o fructo*.

Não é de estranhar que os povos tão energeticamente sintam os perniciosos efeitos d'este systema, ou, o que vale o mesmo, que sejam de uma grande susceptibilidade em tudo quanto se refere ao imposto, isto é, aos meios que elles fornecem ao Estado. Effectivamente, a contribuição sáe da fortuna de cada cidadão, e o augmento d'ella pode realmente, por vezes, importar uma verdadeira calamidade para o individuo, e sempre um golpe, mais ou menos profundo, na efficacidade da sua fortuna particular. Exemplifiquemos.

Segundo o orçamento de 1871—1872 (2) do nosso paiz calculou se que importavam

| | |
|--|-----------------|
| as contribuições directas em | 6.900 contos, |
| as indirectas em | 9.600 » |
| total | <u>16.500</u> » |

(1) SR. A. HERCULANO, *Hist.*, t. III, p. 67 e seg.

(2) Note-se que esta prelecção era feita nos primeiros dias de outubro de 1871, quando vigorava o orçamento indicado no texto. Segundo o actual orçamento de 1872—1873 as contribuições

Ora, suppondo que a população do nosso paiz se eleva, em algarismos redondos, a quatro milhões de habitantes, supposição, que, segundo veremos, não se afasta muito da verdade, segue-se que cada um dos nossos concidadãos paga ao Estado 4\$000 réis, algarismos redondos.

Supponha-se ainda que cada um tem um rendimento medio annual, ou fortuna tributavel, de 40\$000 réis; seguir-se-ha que cada qual paga ao Estado na proporção de 10 %.

Imagine-se agora que aquelle rendimento ou fortuna tributavel é o fructo de um trabalho diario de dez horas; segue-se que cada cidadão em cada dia trabalha nove horas para as suas necessidades, e uma para as do Estado.

Se o Estado augmentar a contribuição com 2\$000 réis, por exemplo, para cada cidadão, terá este de extrahir d'aquellas nove horas, que tomava para si, o producto de mais meia hora em favor do Estado, ou de acrescentar meia hora ao trabalho total das dez horas. E é claro que uma tal alteração é sempre sensivel, e pôde em dadas circumstancias, prejudicar profundamente o cidadão.

Sabemos que nem todos precisam de se entregar a trabalhos diarios; mas pelos principios da economia politica sabemos tambem que todos os valores sociaes se reduzem a trabalho ou nelle se decompõem. Por onde, tanto importa que o cidadão trabalhe realmente para servir o Estado, como que lhe dê valores, que são producto de trabalho capitalisado por elle ou pelos antecessores que lh'os legaram.

26. Não é menos prejudicial nem menos falso o outro systema, a que alludimos, *subordinar as despesas ás receitas*.

directas são computadas em 6.875 contos, e as indirectas em 9.572.

este falso systema, presuppondo aliás uma certa firmeza e probidade governativa, é producto sempre da ignorancia ou do desprezo dos elevados destinos da sociedade e do Estado, e tem, como causa proxima, uma deploravel confusão entre as fortunas ou materia collectavel e a receita publica, como adiante veremos.

Se por elle e com elle são poupados os dinheiros dos cidadãos, com elle o obscurantismo e a barbaria se vão a pouco e pouco, estendendo sobre a nação, e, tão fatalmente como o anterior, a leva á miseria e ruina, embora por caminhos diversos.

27. D'este systema contudo poucos exemplos se podem citar, se abstrahirmos de alguns que isoladamente se nos deparam na historia dos antigos potentados e do oriente.

Nem isto é de estranhar, se considerarmos que é vulgar a prodigalidade quando se exerce na fazenda alheia, mas extraordinariamente rara a avareza que só tenha por móbil o interesse de outrem.

A sciencia das finanças corrige os defeitos de um e outro d'estes falsos systemas, estudando com o mesmo empenho a necessidade e titulo das despezas como das receitas publicas, estabelecendo entre ellas um perfeito equilibrio, e dominando-as com a mesma força e com os mesmos intuitos.

D'ahi a importancia e necessidade d'esta sciencia.¹

28. Igualmente provêm do mesmo mal, *de se não consagrar o devido cuidado ao estudo das finanças*, alguns erros, fataes aos Estados, e que só podem ser combatidos efficaçamente pelo conhecimento e vulgarisação dos preceitos financeiros:

a) *A contribuição é onde melhor se pôde empregar o ca-*

¹ GARNIER, cit. p. 4, 6.

pital dos contribuintes. Este erro foi commum entre os financeiros do seculo XVIII, mas é fatal para a liberdade, porque tende a absorver o individuo no Estado, a fundar o maior dos despotismos.¹

b) *O thesouro é fonte inexgotavel.* Erro vulgar em Athenas e não raro ainda hoje entre as massas populares.

É, como o antecedente, pernicioso; porque, tendo o esbanjamento e o desperdicio dos dinheiros publicos por immediata consequencia, encaminha fatalmente o Estado ao deficit e á ruina.²

c) *A contribuição é um sacrificio.* Erro desgraçadamente vulgar, não só entre o povo, senão tambem entre os homens de Estado, e, o que é para notar, entre os que escrevem sobre finanças. É, como os anteriormente citados, prejudicialissimo, porque, fazendo da contribuição um sacrificio, isto é, um mal, leva logicamente o cidadão a furtar-se ao imposto, a enganar e a mentir todas as vezes que se lhe afigure que d'ahi lhe provirá diminuição no encargo.

Alem do mal material, immediato, que este erro produz, ainda origina outro, por ventura mais prejudicial á sociedade, tornando a mentira um meio permittido para minguar encargos, gangrenando assim os elementos mais robustos da vida social.

29. A sciencia das finanças, combatendo eficazmente estes erros, mostrando a perversão moral e social que elles occasionam, e, demais d'isso, habilitando o estadista a pedir á contribuição o que é de justiça e applical-o no que é de razão, e o contribuinte a dar o que deve e examinar o que lhe importa, — pode na sociedade realisar o quadro sympathico, esboçado naquellas palavras de Verri:

¹ D. HUME, *Essais*, P. II; MAC-CULLOCH, *Principes*, P. I; VOLTAIRE, *Diction. v. Économie*; S. CHAMANS, etc.

² DU MESNIL, *Hist.* II, c. 7, *De la Grèce*.

Se o producto das contribuições fosse bem empregado, os contribuintes olhariam as contribuições como divida sagrada; e quem procurasse furtar-se a ellas soffreria a vergonha que soffre o socio de qualquer sociedade, que, havendo partilhado os lucros, se esquivava a compartilhar os encargos. ¹

30. Em summa, a necessidade do estudo das finanças de prompto a deduz qualquer que não desattender ás seguintes ligeiras considerações:

a) A historia dos Estados europeus prova, á sociedade, que todos os males, digamol-o assim, que os têm affligido, provêm mais ou menos directamente do atrazo ou desprezo da sciencia financeira nos seus homens de Estado. ²

b) Se a prosperidade financeira de um Estado é thermometro seguro de sua valia, peso politico e respeitabilidade, é evidente a importancia que ensina os meios de chegar a essa prosperidade. ³

c) As esperanças que se depositam em todo o estadista que é tido como habil financeiro, e o respeito que geralmente se lhe tributa, são egualmente provas da importancia referida. ⁴

d) Se é proprio da indole dos modernos organismos sociaes que o commum dos cidadãos discuta os assumptos de interesse geral, e siga os debates parlamentares e a direcção que tomam os homens de Estado, é evidente que, se não se pretender erigir o pedantismo em regra politica, o conhecimento da sciencia das finanças interessa egualmente ao commum dos cidadãos, aos legisladores, estadistas e funcionarios publicos. ⁵

¹ *Reflexions*, c. XXIX.

² SR. A. JARDIM cit. n. 43 a 47, 56 a 62, 69, 70.

³ *Id.*, n. 65.

⁴ *Id.*, n. 66.

⁵ *Id.*, l. c.

e) Para concluir, diremos enfim que a importancia permanente d'esta sciencia ainda se tornará maior nos paizes feridos por desastres e desacertos financeiros, onde a opinião publica seja provocada a entrar no exame dos negocios da fazenda, e pronunciar o seu *verdictum* na imprensa, na tribuna, no *forum* ou nas salas. ¹

¹ SR. A. JARDIM cit. n. 67.

VI

A quem particularmente interessa o estudo das Finanças

31. Interessa vivamente a todos os cidadãos, como notámos, o estudo d'esta sciencia; aos funcionarios publicos deve ella porém merecer particular e elevadissima consideração.

32. O ministro de Estado nella aprenderá a olhar os phenomenos sociaes pelo lado mais vantajoso á governação publica. e a observar ou, antes, adivinhar as necessidades publicas e os seus remedios; e conscienciosamente preparará os seus projectos e afrontará as procellas parlamentares, não raro concitadas pelas paixões partidárias. ¹

33. O par, senador, ou deputado achará nesta sciencia os recursos necessarios para não votar inconscientemente nas questões da fazenda, que, seguramente, são as mais graves de todas as que se agitam nos parlamentos com poderes normaes; ella o auxiliará no desempenho do mandato augusto que lhe foi conferido; ser-lhe-á estímulo a quebrar a mudez sepulchral que pesa sobre algumas cadeiras parlamentares, e deixar-lhe-á conhecer até onde pode transigir com as exigencias dos povos e com as persuasões dos governos. ²

¹ SR. A. JARIM cit. n. 53, 55, 64, 67, 68, 74, 75, 78, 93.

² *Id.* n. 68 e 78.

34. Os altos burocratas poderão, por meio d'este estudo, informar discreta e intelligentemente os ministros nos negocios, mais ou menos financeiros, sobre que forem escutados, para que, em proveito da causa publica, se possa conformar a prudencia rotineira com a ousadia reformadora.

35. Os funcionarios fiscaes comprehenderão como desempenhar devidamente as funcções a seu cargo; e, com olhos intelligentes e experimentados, verão as necessidades que forem surgindo e as reformas possiveis num futuro proximo; informarão convenientemente os seus superiores, e assim habilitarão o governo para ir ao encontro das necessidades, prevenil-as, e tornar-se o iniciador poderoso de reformas sérias e fecundas.¹

36. Os funcionarios municipaes proveitosamente farão o mesmo que os grandes funcionarios do Estado, se bem que em theatro mais estreito e modesto; attenderão ás necessidades locaes, prevenindo-as da melhor maneira, e aproveitando quanto ser possa, para o governo do municipio, as grandes reformas que fazem progredir os Estados, para que se não dê o que por vezes se observa, conservar-se num municipio o principio de governação que foi eliminado, como prejudicial, dentre as instituições geraes do paiz. Demos um exemplo:

Em certa epocha, como ao diante veremos, intendeu-se entre nós, aproveitando experiencia irrespondivel da Inglaterra, que era mau elemento governativo uma pauta de alfandegas geraes com numerosos artigos, e, em conformidade, foram estes consideravelmente reduzidos. Pois bem: em quanto o systema era declarado mau para o Estado, um dos nossos municipios o declarava excellente e o punha em practica.

¹ SR. A. JARDIM cit. n. 79.

Generalisados os estudos financeiros, obsta-se a inconvenientes d'esta ordem. ¹

37. Vem a proposito notar que, em consequencia do que deixamos dicto, é mister repellir energicamente o paradoxo de alguns pensadores, aliás respeitaveis: *que a sciencia, mórmente a das finanças, é um mal*. Aberrações de alguns espiritos que, arrastados pela reacção contra um mal social, iam despenhar-se n'outro. ² Rousseau, por exemplo, contemplando os funestos effeitos da sciencia de alguns economistas e financeiros, seus contemporaneos, fería com a sua maldição a sciencia das finanças, levado porventura de generosa indignação. O estímulo era natural, a reacção respeitavel e justa, mas o resultado deploravel. Que diríamos nós de quem condemnasse o fogo porque houve um Erostrato, a chimica porque houve um Cesar Borgia, a liberdade porque houve um *9 thermidor*?

¹ SR. A. JARDEM cit. n. 78.

² *Id.* n. 69.

VII

Relações da Sciencia das Finanças com as demais

37. Convem indicar, ainda que perfunctoriamente, as relações d'esta com as demais sciencias, para sabermos aonde poderemos ir encontrar os recursos em que assenta o desinvolvimento do nosso estudo.

Do que havemos dicto se induz claramente que a sciencia das finanças é uma sciencia social e politica, e que por isso deve ter largas e profundas relações com outras sciencias.

Pois que é sciencia social, terá relações com todas as sciencias que estudam a sociedade, tanto nos seus fundamentos como no seu organismo e no seu aperfeiçoamento. Assim, de um lado, estará ligada ao direito natural, ou á philosophia do direito, e á moral; de outro, ás sciencias que estudam a vida social, a economia politica, a estatistica, a administração, o direito civil e commercial, o direito criminal, o direito ecclesiastico e canonico.

Pois que é sciencia politica, prender-se-á estreitamente ás sciencias que estudam as sociedades humanas por este lado, isto é, ao direito publico, ao politico, ao internacional.

E pois que na sua vastissima área abrange todos os ramos da actividade social, é evidente que lhes fornecerão valiosos recursos todas as sciencias que concorram para o desinvolvimento d'aquella actividade; assim — as sciencias naturaes, as mathematicas applicadas.

Vejamos.

39. A sciencia das finanças tem relações com a moral e com o direito natural, porque, tendo de dirigir o homem em sociedade, não pôde prescindir dos elementos que para tal fim se lhe deparam no estudo d'aquellas sciencias. É condição absoluta de toda a instituição social o firmar-se solidamente na moral e no direito. ¹

40. Tem relações com a economia politica e estatística, porque: d'aquella aprende como se desinvolve a riqueza das sociedades, e portanto como se augmenta a materia collectavel num Estado; d'esta, a intelligencia das leis que regem os factos economicos e sociaes, deduzidas da experiencia; naquella acha as bases scientificas, e os moldes em que deve vasar as instituições financeiras; nesta, o *veredictum* irrespondivel da realidade. ²

É por isso que, percorrendo os nomes dos mais conspicuos financeiros, nos surprehendemos de que estes hajam sido eminentes economistas, e de que os mais notaveis economistas hajam sido excellentes financeiros. Sirvam de exemplo Smith, Torrens, Ricardo, Say, Sismondi, Sartorius, Soden, barão Louis, Parnell, Parieu e tantos mais.

41. Da sciencia da administração deduz o financeiro o conhecimento do organismo do Estado; ali aprende a obviar ás multiplices e variadissimas necessidades da vida real, e a conhecer as vantagens ou os inconvenientes das reformas que tem por melhores na organização dos serviços publicos.

De nem sempre se tomar isto em conta tem derivado a inconsistencia de muitas reformas apresentadas, ou a

¹ SR. A. JARDIM cit. n. 31; AUG. COMTE, *Leçoes*; PARIEU cit. t. I, p. XII a XIV; PLATÃO, *Republ.* (trad. de Grou) IV, 137; AUGÉ, *Philosophie*, p. 168, seg.; WROMSKI, *Prodrôme, pass.*

² SR. A. JARDIM cit. n. 27 a 40.

incongruência radical de algumas com a opinião, hábitos e costumes publicos, condições indispensaveis, como a de justiça e moralidade, em todas as reformas sociaes.

42. Tem ainda esta sciencia com o direito civil e commercial relações, embora menos estreitas; aquelle habilita a calcular a influencia das medidas financeiras nas relações civis entre os cidadãos, elemento indispensavel da ordem e tranquillidade publicas; este facilita o conhecimento do effeito das mesmas medidas nas relações commerciaes dos cidadãos entre si, ou entre os de um Estado com os de outro. E, se a harmonia nas relações civis é elemento indispensavel da ordem e estabilidade do Estado, a harmonia nas relações commerciaes é tambem um dos elementos do progresso e desenvolvimento material e moral.

43. Do direito criminal infere a sciencia das finanças o como se hão de modelar as instituições dos serviços criminaes, para que sejam proficuas; do ecclesiastico e do canonico, infere o como as instituições, que de um lado tocam o mundo profano e do outro o divino, podem satisfazer ás prescrições das modernas theorias sociaes, sem quebra dos preceitos religiosos, que, pertencendo aos principios moraes, são com a justiça a base immutavel das instituições do Estado, como já indicámos.

44. Estão relacionados com a mesma sciencia o direito publico internacional e a politica, porque da politica e do direito publico deduz os conhecimentos necessarios para que as instituições financeiras sejam harmonicas com o organismo politico interno e externo, com os laços que prendem os cidadãos uns aos outros e aos cidadãos dos demais Estados; pois que é hoje felizmente principio assentado que os Estados e as nações se devem unir pelos mesmos laços de egualdade e fraternidade que

apam, uns aos outros, os cidadãos de um mesmo Estado. Nos seculos remotos *hostis* era o estrangeiro ou o inimigo; hoje estrangeiros e nacionaes são concidadãos do grande Estado, Humanidade.

Que temos de nos socorrer ao direito internacional para basearmos alguns principios financeiros, ao diante o veremos, quando nos occuparmos das contribuições indirectas e das pautas das alfandegas.

45. Finalmente, até as sciencias que, pela sua indole, mais afastadas parecem da sciencia das finanças, são, frequentissimas vezes, chamadas a subministrar-lhe indispensaveis elementos para a resolução dos problemas financeiros. Para mostrar que não são isto asserções filhas de interesse egoísta pela sciencia que estudamos, mas sim da natureza das coisas, indicaremos algumas hypotheses.

O estadista financeiro tem de se pronunciar ácerca das instituições especiaes, para aceitar ou recusar as consequencias financeiras (*despezas*) das propostas, alvitres, etc., dos homens da especialidade. É certo que não precisa possuir os conhecimentos que constituem o especialista e o technico, para entrar em concorrência com elles; mas precisa, sem duvida, conhecer em geral a arte ou sciencia respectiva, para comprehender e apreciar o merito geral das propostas e alvitres especiaes, e não ter de se entregar cegamente nas mãos dos especialistas, a quem pode arrastar um preconceito qualquer.

Por outro lado, abrangendo a sciencia das finanças todos os serviços publicos em quanto aos seus effeitos economicos, receita e despesa, e tendo de eleva-los á possível perfeição, é evidente que não pode conservar-se isolada, e estranha ás sciencias e artes que estudam aquelles serviços e que ensinam como se pode realisar o seu aperfeiçoamento.

46. Assim, com referencia aos serviços militares, não deve ser estranha á sciencia da organização militar, no que toca ao pessoal, material, organização da força publica, armamento e equipamento, arsenaes, engenharias, artilheria. Relativamente aos serviços da marinha e colonização, precisa procurar recursos para firmar convicção nas questões de administração naval, emquanto ao pessoal e ao material, aos arsenaes e construcções navaes, e nas questões de organização colonial, sobre necessidades e reformas. E, sem conhecer a natureza e a organização das obras publicas, mal poderia o financeiro entrar nos gravissimos debates que se levantam a propósito da viação ordinaria e accelerada, e prover ás necessidades dos variados serviços, de que o Estado se conserva administrador ou monopolista, como a fabricação, cunhagem e fiscalisação da moeda; organização e aperfeiçoamento das postas e correios; fabricação e fiscalisação dos sêllos do Estado; administração e melhoramento das mattas nacionaes; economia e progresso dos estabelecimentos publicos de instrucção official; mantimento e melhoramento das imprensas do Estado: todos os serviços, emfim, que entram na larga lista dos *proprios nacionaes* de um Estado. como se lhes chama.

De tudo isto se deduzem evidentemente as vastas e variadas relações da sciencia das finanças com as demais, e se conclue que ella occupa lugar distincto entre as sciencias sociaes, formando um grupo caracteristico com a politica, direito publico, direito administrativo e economia politica. ¹

¹ PARIEU cit. p. x; GARNIER cit. p. 4; COQUELIN, *Dict.*, v, *Finances*; BUCHET, *Finances*; ORTOLAN, *Legislation penale*, *ii passim*; JACOB cit. § 26; NERVO, *Hist.* introd.

VIII

Historia das Finanças

47. Dissemos que o vocabulo *finanças* pode designar: ou *instituição social*, — organismo financeiro; ou *collecção de leis*, — legislação financial; ou *sciencia* — sciencia das finanças; ou *ensino* — ensino financial; ou finalmente, *balanço orçamental*, — estado financeiro, situação orçamental. Cada um d'estes modos de ser tem sua historia; mas nem todas nos são egualmente proveitosas, nem cabem todas nos estreitos limites do tempo de que dispomos; alem de que, para as compormos, não estão ao nosso alcance os precisos elementos.

48. Temos pois de abstrair de largas desinvoluções, e circumscrever muito a historia das finanças. Assim, pelo que respeita á historia da legislação financial, limitar-nos-hemos á do nosso paiz, indicando, por ora, só os traços mais geraes, e deixando os especiaes para quando examinarmos cada uma das nossas instituições financeiras; a dos outros paizes seria impossivel fazel-a com especialização aqui; é todavia preenchida em parte esta lacuna com a noticia historica que dermos do organismo financeiro dos paizes estranhos.

Emquanto á historia da *sciencia* das finanças, seguir-hemos apenas desde o meiado do seculo passado até hoje; não porque os rudimentos e a practica d'esta sciencia não remontem, como já affirmámos, á mais alta antiguidade; mas porque, como sciencia systematicamente conformada,

e separada das demais, só d'aquella epocha em diante é tida pelo commum dos financeiros.

A historia do seu ensino ainda mais limitada será, porque nos restringiremos ao ensino universitario, evidentemente posterior á formação alludida; e finalmente emquanto á da situação orçamental, não transporemos as raias do que nos é peculiar e domestico; e, pela mesma razão por que omittimos a historia da legislação financial, reservaremos tambem para os casos especiaes o historiar-mos as situações orçamentaes.

Pelo que, só nos occuparemos agora da historia das varias organizações financeiras; da historia da sciencia das finanças, e da historia do ensino financial universitario.

49. A historia das differentes organizações financeiras segue as evoluções do organismo social; e, para nos não perdermos no labyrintho que forma a historia da humanidade, apenas em rapido esboço a exporíamos, com referencia ás epochas mais notaveis d'aquelles organismos; indiana, egypciaca, hebraica, helenica, romana, medievica, moderna e actual; e, ainda assim, a escassez do tempo nos impossibilita de percorrer esta, já reduzida, área, e nos força a indicar apenas as fontes, com o auxilio das quaes se pode preencher esta lacuna.

50. Em livros que não primam de accuradamente escriptos, é vulgar o terem-se asserções, donde se deduz, clara ou implicitamente, que a sciencia das finanças não tem historia, ou que a tem curtissima; e que a organização financeira era tão rudimentar nos tempos antigos, que bem avisado andar á quem a datar de hontem. Cumpre mostrar que estas asserções são completamente des-tituídas de base seriamente historica.

51. Mas, antes de tudo, vejamos as fontes que podem

habilitar-nos para formar, a traços largos, a historia dos organismos financeiros, desde os tempos mais remotos da civilisação indiana, que, dentre todas as primitivas orientaes, a critica moderna nos aponta como a mais importante para o nosso estudo.

As fontes onde devemos estudar o organismo social e financeiro indiano dividem-se naturalmente em tres classes: livros sagrados indianos; escriptores antigos que, por vezes, nos falam das coisas da India, e livros modernos.

52. Effectivamente os livros sagrados da India servem-nos para compormos a historia da civilisação indiana, porque são as fontes onde, de envolta com mil outros elementos, devemos procurar os financeiros, commerciaes, economicos, estatisticos, politicos, etc. Não é de estranhar que naquellas tão afastadas edades todos os elementos sociaes estejam assim confundidos numa mesma fonte, visto que mais tarde, na edade media, ao retrogradar da humanidade, os achamos egualmente confundidos.

Da mesma forma que nos monumentos das éras pre-historicas o sabio paleontologo acha materiaes para recompor as gerações, especies e civilisações extinctas das edades de pedra, de bronze e de ferro, se é que o nome de civilisação quadra ao estado da humanidade, tal como o revelam aquelles restos laboriosamente desentranhados dos terrenos quaternarios; assim tambem nestes restos e monumentos que a *paleontologia* da historia soube modernamente arrancar ao silencio mysterioso que pesava sobre o oriente, achamos, embora confundidos, os materiaes para reconstruirmos o mundo social e financeiro d'aquellas epochas, tambem pre-historicas, se nos guiarmos pelo commum dos tractados onde é costume estudarmos a historia dos tempos passados: dentre os antigos citaremos apenas Herodoto, Thucydides, Polybio,

Xenophonte, Dyonisio de Halicarnasso, Diodoro, Tito Livio; d'entre os modernos, Bossuet, Condillac, Levy, etc.

Como os livros sagrados indianos estão escriptos na lingua sanscrita, cujo conhecimento não é vulgar, ainda mesmo nos grandes centros de civilisação, embora a philologia em nossos dias tenha quasi demonstrado que essa lingua tem grande áffinidade com as européas, sendo-lhes como primogenita das suas originarias antecessoras,¹ indicaremos algumas versões d'aquelles antiquissimos livros nas linguas usuaes que facilitam a sua leitura.

53. Dos livros sagrados indianos, os mais antigos, segundo os eruditos, são os *Vedas*, que contêm as noções primordiaes de philosophia indiana em religião, psychologia, e organisação social e politica.

São tres: *Rig-Veda*, *Yajur Veda* e *Sama-Veda*, attribuidos a Viasa Krichna-Dwâipâyana, compilador do *Mahabharata*, outro livro sagrado como veremos.

Nos *Vedas* encontra-se o transumpto da primeira civilisação aryana, porventura a vedica;² e, nos seus differentes hymnos, numerosos elementos com que se procura reconstruir aquelle extincto organismo social e eco-

¹ FRZ. BOPP, *Vergleichende Grammatik der sanscrit, send, armenischen, griechischen, lateinischen, altslavischen, gothischen und deutschen* (3.^a ed. Berlin, 3 v. em 8.^o); MICH. BREAL, *Grammaire comparée*, (é a versão franceza da 2.^a ed. da *Gram. de Bopp*), 4 v. 8.^o; L. DE BACKER, *Essai de grammaire comparée des langues germaniques, en sanscrit, gothique, haut-allemand, bas-allemand, anglo-saxon, anglais, neerlandais, frison, norrois norwegien, islandais, suédois, danois*, Paris, 1872, 8.^o; E. BOURNOUF et L. LEUPOL, *Méthode pour étudier la langue sanscrite*, Paris, 1871, 1 v., 8.^o pref. p. v seg.; CH. LYELL, *L'ancienneté de l'homme*, trad. de M. Chaper, Paris, 1864, 8.^o, c.xxiii.

² ADOLPHE PICTET, *Les origines indo-européennes*, Par. et Genève, 1859-63, 2 v. 8.^o; DU MESNIL-MARIGNY, *Hist. de l'Econ. Polit. des anciens peuples*, Paris, 1872, I, p. 42 e seg.; CH. DOLLFUS, *Considérations sur l'histoire*, Paris, 1872, p. 194, seg.

mico. Basta citar o hymno *Bharadwaja*, o *Hiranyastûpa*,
o *Savanaraza*, etc.

O primeiro dos *Vedas*, o *Rig-Veda*, tem sido publicado em sanscrito, ou só, ou acompanhado com a versão correspondente; outras vezes, sómente vertido. No primeiro caso lembramos a edição de Max Müller, em 1849¹; no segundo, as edições de Rosen em 1838, em sanscrito e latim,² e a de Müller, em sanscrito e allemão³; no terceiro, a versão ingleza de Wilson, em 1850,⁴ a franceza de Langlois em 1848,⁵ a ingleza de Müller em 1868⁶, a ingleza de Rammohum Roy em 1832.⁷

Do segundo dos *Vedas*, do *Yajur-Veda*, citaremos a edição de Weber, em 1849,⁸ e a de Roer em 1856,⁹

¹ *Rig-Veda-Sanhita*, published under the patronage of the East-India Company, by Max Müller (com comment. de Sayanacharya),—Lond., 1849-54, tom. I, 4.º

² *Rig-Veda-Sanhita*, liber primus, sanscrite et latine, edidit Frid. Rosen, 1838, 1 v., 4.º

³ *Rig-Veda*, oder die heiligen Lieder der Brahmanen. Herausgg. v. Max Müller,—Leipz., 1856-57, 4.º

⁴ *Rig-Veda-Sanhita*, translated from the original sanskrit, by H. Wilson,—Lond., 1850-57, 3 v., 8.º

⁵ *Rig-Veda*, ou *Livre des hymnes*, traduit du sanscrit par M. Langlois—Par., 1848-51, 4 v., 8.º

⁶ *Rig-Veda-Sanhita*, translated and explained by F. Max Müller,—Lond., 1868, 8.º

⁷ *Translation of several principal books, passages and texts of the Veds*, by rajah Rammohum Roy,—Lond., 1832, 1 v., 8.º

⁸ *Yajur-Veda*, edited by Albr. Weber, P. I; *The Vajasaneyi Sanhita*, in the mādhyandina and the *Kânva-Çâkhâ* (com commentarios de Malûdhara), Berlin, 1849-52, 3 v., 4.º) P. II; *The Câtapatha-Brâhmana*, in the Madhyandina-Çâkhâ, com extractos dos commentarios de Sâyana, Harisvamim e Dviveda-ganga) Berlin, 1839-56, 1 v., 4.º, P. III; *The Çraustasutra of Kâtayâna* (com extractos do commentario de Korka e Yâjnibadeva), Berl., 1839-56, 1 v., 4.º; P. III, *The Çraustasutra of Kâtayâna*, (com extractos do comment. de Karka e Yajnikadeva), —Berl., 1856-59, 4.º

⁹ *Sanhita of the Black Yajur-Veda*, by dr. Roer (com com-

Do terceiro *Veda*, do *Sama-Veda*, repositório de orações, apontaremos a edição, com versão allemã de Benfey,¹ e com versão ingleza a de Stevenson em 1842.²

Alem dos tres *Vedas*, é pelos indianistas mencionado um quarto *Veda*, com o nome de *Atharva-Veda*, posterior ao terceiro e que se nos affigura valioso para quem quiser fazer uma approximada ideia da velha civilisação da India. D'este, citaremos apenas a edição allemã de Whitney em 1855.³

54. Posterior aos *Vedas*, temos o *Ramayâna*, attribuido pelos criticos orientalistas a Valmiki, poeta hindu, porventura contemporaneo de Rama, cujas façanhas conta. Neste poema transparece o organismo social, politico e economico dos estados hindus. É evidente que não encontramos ali os elementos economicos, depurados de tudo o que lhe é estranho, para recompormos o edificio historico financeiro que se pretende levantar, mas encontram-se os materiaes com que podemos organisal-o, lançando mão dos preciosos subsidios que nos fornece a critica.

D'este livro, notaremos a edição e versão ingleza de Carey, infelizmente incompleta;⁴ a edição e versão lamentarios de Madhava Acharya em sanscrito).—Calcut., 1856, 1 v., 8.º incomp.

¹ *Die Hymnen des Sama-Veda*, (herausg. ubers und mit glossar versehen von Thdr. Benfey),—Leipz., 1848, 2 v., 4.º

² *Translation of the Sanhita of the Sama-Veda*, by J. Stevenson,—Lond. 1842, 1 v., 8.º

³ *Atharva Veda-Sanhita*, (herausgg. v. Th. Roth von W. D. Whitney),—Berlin, 1855-56.

⁴ *The Ramayana of Valmiki*, in the original sanskrit, with a prose translation, and explanatony notes, by Will. Carey and Joshua Marshman,—Serampore, 1806-10, 4 v., 4.º (devia ter 9 vol., mas só se publicaram 4; Bouillet no seu *Diction. d'hist. et geograph.*, Paris, 1872, p. 1579, equivocou-se dizendo que aquella edição foi feita, de 1806 a 1819. Em 1808, reimprimiu-se o 1.º vol. d'esta edição, em 8.º, em Lond. e Dunstable).

na de Schlegel em 1829; também incompleta; ¹ a edição e traducção italiana de Correzio em 1843, muito rara; ² a traducção franceza, incompleta de Parisot, ³ e as de Hyppolite Fauche, também francezas, uma em 1855, ⁴ outra em 1864; ⁵ além dos episodios que foram publicados e traduzidos a sulso, como *Yadjnadatha Badha*, vertidos por Chezy, Burnouf, Deslongchamps e Dumast, e de varias composições poeticas em que se nar-ram os feitos de Rama, como *Maha-Vira*, ⁶ *Uttara-Rama*, ⁷ *Bhatti-Kavya*, ⁸ não fallando de alguns extractos do *Râmâyana*, como os de Holtzmann, etc.

No *Râmâyana*, d'entre um tecido de imaginosas opulencias, transparece profundo espirito metaphysico; em uns ou outros dos seus factos espelham-se as instituições politicas, economicas e financeiras; e, com o *Mahabharata* e o livro de Manú, constitue os monumentos importantes do periodo brahmanico, isto é, do periodo em que a civilisação hindu chegou ao seu apogeu. ⁹

55. Em seguida ao *Ramayana*, cumpre falar do *Maha-*

¹ *Râmâyana*, textum codd. mss. collatis recensuit, interpretationem latinam et annotationes criticas adjecit A. Guil. de Schlegel, — Bonn., 1829–38; (devia abranger 8 vol.; mas só se publicou a 1.ª e 2.ª parte do 1.º vol., e a 1.ª do 2.º).

² *Râmâyana*, testo sanscritto secondo i codici manoscritti della scuola Gaudana, per Gaspare Correzio, — Par., 1843–58, 10 v.; 8.º, (õ de texto sanscrito e õ de versão; ainda emquanto a esta edição se equivoca Bouillet, no logar cit.).

³ *Le Râmâyana*, de Valmiki, trad. par M. Valentin Parisot, — Par., 1853, 1 v. 8.º (apenas se publicou o tomo I).

⁴ *Râmâyana*, poème sanscrit, trad. par Hyppolite Fauche, — Par., 1855–58, 9 v. 12.º

⁵ *Le Râmâyana*, poème sanscrit de Valmiki, trad. par H. Fauche, — Par., 1864, 2 v. 14.º

⁶ *The Maha-Vira-Charita*, by F. H. Trithen, — Lond. 1848, 8.º

⁷ *Uttara-Rama-Charitra*, — Calcut., 1831, 8.º

⁸ *Bhatti-Kavya*, — Calcut., 1828, 2 vol., 8.º

⁹ CH. DOLFUS, cit. p. 214, seg.; DU MESNILL MARIGNY, cit. p. 43, seg.

barata attribuido ao mesmo auctor dos *Vedas*, Krichna-Dvâipâyana, pai de Pandû e Dhritarâchtra, entre cujos descendentes o *Mahabharata* celebra a crudelissima guerra dynastica, que assolou a vasta região indianica.

As infinitas narrações secundarias, que avolumam extraordinariamente este poema, revelam-nos o estado social e economico na epocha a que o poema se refere; e, se para tanto nos sobrara tempo, mostraríamos como é surprehendente o adiantamento a que, segundo aquelle poema, deveria ter chegado a civilisação hindu, sobre verdades economicas e sociaes.

O *Mahabharata* é por ventura dos livros sagrados indianos aquelle que tem sido objecto de mais porfiados estudos da philologia moderna.

Alem dos extractos, ou traducções parciaes de alguns episodios ou partes do drama, como a do dialogo *Bhagavad-Gita* de Schlegel, em latim, ¹ pode ver-se a outra edição tambem de Bonna, em 1846; a de Bopp ² em 1829; as inglezas de Thomson, ³ de Garrett, ⁴ de Wilkins; ⁵ as francezas — de Parraud, ⁶ e de Burnouf; ⁷ as allemans — de Peiper, ⁸ de Humboldt, ⁹ e de Bopp; ¹⁰ do

¹ *Bhagavad-Gita*, (dialogo de Krichna e Ardjuna, em sanscrito, e com versão latina, por Aug. Guil. Schlegel),—Bon., 1823, 8.º

² *Diluvium*, cum tribus aliis *Mahâbhârati* præstantissimis episodiiis, ed. Fr. Bopp,—Berl., 1829, 4.º

³ *Bhagavad-Gita*, english translation, by J. Cockburn Thomson,—Heretford, 1855, 2 v., 8.º

⁴ *The Bhagavad-Geeta*,... sanskrit, canarese, and english, by Garrett,—Bangalore, 1849, 4.º

⁵ *The Bhagavat-Geeta*, translated by Ch. Wilkins,—Lond. 1785, 4.º

⁶ *Baqvat-Geeta*, trad. fr. par Fr. Parraud,—Par., 1787, 8.º

⁷ *La Bagvad-Gita*, trad. par E. Burnouf,—Par., 1861, 8.º

⁸ *Bhagavad-Gita*, übers. von C. R. S. Peiper,—Leipz., 1834, 8.º

⁹ *Ueber die unter dem manen Bhugavat-Gita bekannte Episode der Mahâbhârata*,—Berl., 1826, 4.º

¹⁰ *Die Sündflut, nebst drei anderen der Wichtigsten Episoden des Mahâ-Bhârata*, übers. von Fr. Bopp,—Berl., 1829, 8.º

episodio *Nalu*, a edição latina de Bopp,¹ além do já citado *Diluvium* em 1829; a franceza de Burnouf,² e a allemã de Bopp;³ do episodio do diluvio, a latina de Bopp, já citada,⁴ e a allemã tambem já citada;⁵ da viagem de Ardschuna a allemã de Bopp;⁶ e, enfim de diversas traducções de partes do *Mahâbhârata*, a ingleza de Wilson,⁷ as francezas de Th. Pavie,⁸ de Pauthier,⁹ de Foucaux,¹⁰ de Sadous,¹¹ de Schoebel;¹² a ingleza de Wilkins da primeira parte do *Adi-Parva*,¹³ a latina do mesmo fragmento por Frank,¹⁴ os raros extractos em inglez por Muir.¹⁵

Temos na edição *princeps* de Calcutta, de 1834, o texto

Nalus, Mahal-Bharatti episodium cum interpret., curant. Fr. Bopp, 3.^a edic., Berl. 1868, 4.^o (A 1.^a edição appareceu em Londres em 1819, 8.^o, e a 2.^a em Berlim, em 1832).

² *Nala*, episode du *Mahâbhârata*, trad. du sanscrit, en français par Em. Burnouf,—Nancy, 1856, 8.^o

³ *Die Sündflut*, etc., 1829 (já citada).

⁴ *Diluvium*, etc., 1829.

⁵ *Die Sündflut*, etc. 1829.

⁶ *Ardschunâs Reise*, v. Fr. Bopp,—Berl. 1824, 4.^o, e (2.^a ed.) Berl. 1867, 4.^o

⁷ *Selections from the Mahâbhârata*, edited by F. Johnson,—Lond. 1842, 8.^o

⁸ *Fragments du Mahâbârata*..... par Th. Pavie,—Par. 1841, 8.^o

⁹ *Savitri*, episode du *Mahâbhârata*, par M. G. Pauthier,—Par. 1841, 8.^o

¹⁰ *Le Mahâbhârata*, onze episodes,—Par. 1862, 8.^o (A 1.^a ed. é datada de Paris, 1856, 8.^o)

¹¹ *Fragments du Mahâbhârata*,—Par. 1858, 12.^o

¹² *La legende des Pandavas d'après le Mahâbhârata*,—Versailles, 1853.

¹³ Encontra-se nos *Annals of oriental literature*,—London, 1820.

¹⁴ Na *Chrestomathia sanscrita*, ed. oth. Frank,—Monachii, 1820-21, 2 v., 4.^o

¹⁵ *Original sanskrit textes ou the origin and the religion and institutions of India*, transl. by J. Muir,—Lond., 1858-63, 4 v. 8.^o

sanscrito do *Mahābhārata* inteiro,¹ como na de Siromani;² e, se não temos traducção completa dos 107.389 *glokas*, ou 214.778 versos de que o poema se compõe,³ não havendo por enquanto apparecido a prometida traducção do sabio indianista Goldstücher, parecendo mesmo a alguns indianistas que uma tal traducção é impossível,⁴ temos todavia a traducção franceza de Fauche, que, a avaliar-se pelo titulo, deve satisfazer cabalmente.⁵

Ou o *Mahābhārata* seja obra de Krichna Dwaipayana, como no proprio texto se diz,⁶ ou uma compilação successiva, feita por differentes brahmanes em opposição ás composições boudhicas, é, com tudo, sem contestação a mais rica composição indiana: nella se acham compen-

¹ *The Mahabharata*, an epic poem, written by the celeberrima Vida Vyasi Ryshi;—Calcut., 1834-39, 5 v., 4.^o

² NIMAICHANDRA SIROMANI, *Ramagovinda*, — Calcut., 1859, 4 v., 4.^o

³ Cantu, na *Hist. Univ.* (ed. de Bruxel., 1845, 1, p. 168, 2.^a col.) equivoca-se dando a este poema uma extensão muito maior que a verdadeira: affirma que elle não tem menos de 250 milhões de versos, quando é certo que, segundo a edição *principes* de Calcutta, de 1834, tem apenas, como indicámos, 107.389 *glokas*. Ora, a *gloka* é um distico de 2 versos, o que dá, suppondo que aquella contagem não está ainda um pouco exaggerada como pensa Foucaux, 214.000 versos, e por forma alguma, 250 milhões. Vid. CANTU, *loc. cit.*; WILSON, cit. *Selections from the Mahābhārata*, etc. pref.; FOUCAUX, cit. pref.; BURNOFF, *Dictionnaire classique sanscrit—fr.*, Paris, 1866, 4.^o, v. *gloka*; e os excellentes artigos, sobre o *Sentimento indiano*, do sr. G. de Vasconcellos Abreu, publicados no jornal *O Instituto*, de Coimbra, vol. XIV, n. 6 e 7, artigos, que a par da vasta erudição na litteratura indianica, revelam uma critica superior.

⁴ Vid. GOLDSTÜCHER, *Panini*, his place in sanskrit literatur, — Lond., 1861, 8.^o, p. 3; e Cantu, cit., L. II, c. XIV.

⁵ *Le Maha-Bharata*, poëme épique de Krichna-Dwaipayana... traduit complètement pour la première fois du sanscrit en français par Hip. Fauche, — Par., 1863, 8.^o, (o ultimo volume publicado é o 10.^o) Vid. FOUCAUX, cit., p. v.

⁶ *Adivançã*, trad. de Foucaux, cit., p. 119.

diados — história, tradições, usos e costumes da civilização indiana na epocha do seu apogeu, e constitue a verdadeira fonte de innumeradas composições poeticas, dramaticas, heroicas, etc., para cuja leitura completa não chegaria uma vida inteira;¹ e portanto devemos considerá-lo como a primeira fonte, quando se pretende estudar a organização financeira hindiana.²

O *Mahabharata* forma o 5.º *Veda*,³ e parece que á sua redacção presidiu o principio, profundamente civilizador, de regenerar a *mulher* e o *soudra* que, segundo as tradições vedicas, não tinham recebido a investidura da cinta sagrada.⁴

56. Finalmente, resta-nos fallar do *Codigo de Manu*, que, sendo uma auctorisadissima collecção, e um repositório de jurisprudencia, é tambem, para o financeiro historico, precioso auxiliar para o conhecimento das instituições indianas, na epocha a que nos referimos.

O livro de Manu, não se sabendo aliás precisamente em que epocha foi composto, nem qual o seu auctor, parece todavia posterior aos *Vedas*, dos quaes é tido, por alguns indianistas, como commentario ou deducção, sem que lhes possam com a mesma precisão assignalar logar com referencia ao *Ramayana* e ao *Mahabharata*. Uns, como Cantu e Heeren, o collocam na primeira epocha das tradições hindus, e, portanto, consideram-no immediatamente posterior aos *Vedas*;⁵ outros, como Dollfus, o incluem no periodo brahmanico,⁶ e portanto o julgam contempo-

¹ CANTU, *Histoire Universelle*, Introd., L. II, c. 14.

² WILSON, *Vichnu Purana*, p. 58 trad. cit. de Foucaux, p. 73. *Mahabharata* (1.ª parte do *Adi-Perva*).

³ *Mabharata*, *Adivançã*, trad. cit. de Foucaux, p. 119.

⁴ *Madhaba*, cit. III, p. 50 (no original sanscrito, texto de Muir).

⁵ CANTU, *loc. cit.*

⁶ DOLLFUS, *cit.*, p. 218.

raneo do *Ramayana* e *Mahabharata*; outros, como Görres,¹ e Creuzer,² o creem da terceira epocha, contemporaneo do *Ramayana*, e posterior aos commentarios dos *Vedas*.

D'este valioso e antiquissimo codigo de leis indianicas temos, em sanscripto as edições — de Haughton,³ e a de Calcutta em 1830;⁴ a de Deslongchamps com versão franceza;⁵ esta mesma versão franceza separadamente;⁶ as inglezas — de Calcutta, em 1832, com o texto sanscrito,⁷ e de Richardson, sem texto sanscrito;⁸ e, emfim, a edição de Londres, com *fac-simile*.⁹

57 Além d'estes livros, ainda a leitura de outros, se não tão antigos, pelo menos allusivos ao mesmo periodo historico, nos deve auxiliar no estudo da historia remota da organização financeira indiana; taes são: o *Harivansa*;¹⁰ as numerosas composições do excellente poeta indiano de Viceransaditya, Kalidassa¹¹, contemporaneo talvez do im-

¹ *Mythengeschichte der asiatischen Velt*, — Heidelberg, 1810, 8.º

² *Symbolik und mythologie der alten Völker*, trad. J. D. Guignault, — Par., 1825-51, 4 v., 8.º — tom. I.

³ *Manava-Dherma Sastra, or the Institutes of Menu*.... by Graves Chamney Haughton, Lond., — 1825, 2 v., 4.º (No 2.º vol., veem a edição ingleza de W. Jonnes, que havia sido publicada separadamente em Calcutta, 1794, 4.º, e em Londres, 1796, 8.º

⁴ *Menu Sanhita* (com commentario de Kulluka Bhatta), — Calcut., 1830, 2 v., 8.º

⁵ *Loix de Manu*... en sanscrit, avec notes... variantes, etc. scolies par Aug. Loiseleur-Deslongchamps, — Par., 1830, 8.º

⁶ *Manava-Dharma Sastra, lois de Manoa*, par A. L. Deslongchamps, — Par., 1833, 8.º

⁷ *The Laws of Manu*, in the original sanscrita with bengalee and engl. transl., — Calcut., 1832, 4 v., 4.º

⁸ *The Damashat, or the Law of Menoo*, transl. the Burmese, by D. Richardson, — Maulmain, 1847, 8.º

⁹ *Manav-Kalpa-Sutra* (com commentario de Kumánila-Swámim, e *fac simile* do Mss. n.º 17 of the *East-India house* e pref. de Goldstucker); — Lond., 1861, 4.º

¹⁰ *Langlois*, v. franc., — Par. 1834-36. 2 v., 4.º

¹¹ *Çakuntala*, CHEZY, — Par., 1830, 4.º (2.ª e v. fr.); Hirzel,

do romano Augusto;¹ a não menos numerosa coleção *Hitopadesa*;² não devemos esquecer os *Puranas*, e por uns³ são tidos como coetâneos dos *Vedas* e do *habharata* e obra do mesmo auctor, Vyasa,⁴ e, por outros como posteriores áquelles; e contemporaneos deste,⁵ não fallando de outros que os consideram anteriores ao segundo d'aquelles poemas, e muito posterior-

Zurich, 1833, 8.º, v. all.; BOEHTLINGK, — Bonn. 1842, 4.º, all.; JONNES, — Calcutta, 1789. — (e Lond. diff. 8.º, v. ingl.); GUYÉRE, — Par. 1803, 8.º, v. fr.; WILLIAMS, — Hertford, 1833-55, 4.º v. ingl.; H. FAUCHE, — Par., 1859-60, 8.º, v. fr.; *Urvasia* LENZ, — Berl., 1833, 4.º (texto e v. lat.), 1834; *Ritusanhara*, BOHLEN, Leipz., 1840, 8.º (text e v. lat. all.); WILSON, — Calcut., 1792, 8.º (texto); *Vikramorvasi*, — Calcut., 1830, 8.º, (tex.); BOULENSEN, — S. Petersb., 1816, 8.º, (text e v. all.); WILLIAMS, — Hertford, 1849, 8.º, v. ingl.; Cowell, *ib*, 1851, 8.º, *id.*; HIRZELL, — Frauenfeld, 1838, 8.º v. all.; HOFER, — Berl., 1837, 8.º, *id.*; BERGSTEDT, — Sttckholm, 1846 8.º, (v. suec.); *Kumara-Sambhava*, STENZLER, Berl. 1838, 4.º (tex. e v. lat.); *Raghu-Vansa*, off., Calcut., 1832, texto e v. ingl.); STENZLER, — Lond., 1832, 4.º, (text. e v. lat.); TYPALDOS, — Athenas, 1850, (v. greg. de Galanos); *Megha-Duta*, Wilson, — Calcut., 1813, v. ingl.; WATS, — Lond., 1843, 4.º v. (*id.*); MULLER, — Konigsb., 1847, 8.º, v. all.; HIRZEL, — Zurich, 1846, 8.º (*id.*); *Nala-Daya*, off. Calcutta, 1812, 8.º (texto); BENARY, Berl., 1830, 4.º, v. lat.; YATES, — Calcut., 1844, 8.º, v. ingl.; H. FAUCHE, — Par., 1860, 2 v., 8.º (v. fr. das obras completas de Kalidassa).

¹ CANTU, cit. v *époq.* c. xxviii.

² VILKINS, — Bath. 1787, 8.º, v. ingl.; COLEBROOKE, — Serampore, 1804, 4.º, text.; SCHLEGEL und LASSIN, — Bon., 1829-31, 4.º, (text. e v. lat.); *Nyalankar*, — Calcut., 1830, 8.º, v. ingl.; MULLER, — Leipz. 1844, 12.º, v. all.; JOHNSON, — Lond., 1848, 4.º, v. ingl.; etc.

³ Vid. — *Catal. des liv. impr. et mss. composant la bibl. de M. E. Burnouf*, — Par., 1854, p. 82, seg.; *Catal. des liv. anc. et mod. de la libr. Maisonneuve*, P. IV, p. 287, seg., — Par. 1863; *Id.*, *Suppl.*, 1867, *pass.*; BRUNET, *Manues*, (h. v. e vi) n. 2247-57, 1590-16.021, 22.661-22.672, etc.).

⁴ BOUILLET, *Dict.*, Par., 1872, p. 1997.

⁵ CANTU, cit. 2.ª *ép.*, p. 171.

res aos primeiros,¹ e de outros ainda que, ao contrario, pensam que sejam anteriores ao *Mahabarata*, de que os julgam fonte;² No meio porem d'esta divergencia, é certo que a leitura dos *Puranas*³ espalha vivissima luz na historia economica d'esta afastada epocha.

58. Não concordam os criticos na data que assignam a estas antiquissimas composições poetico-religiosas e historicas. Uns, como Goerres e Creutzer,⁴ collocam os *Vedas*, *Angas*, *Upavedas* e *Upangas* na primeira epocha da civilização indiana, entre cinco mil annos antes de Christo e dois mil e quinhentos; e os *Puranas*, o *Ramayana*, o *Mahabarata*, o livro de Manu e os *Upa-Puranas*, no periodo que decorre de 2.500 a 1.300 antes da nossa era. Outros, como Schlegel,⁵ collocam na primeira epocha os *Vedas*, os *Upa-Vedas*, os *Angas* ou *Vedangas* e o codigo de Manu; na segunda, o *Ramayana*, os systemas philosophicos e as tradições dos *Puranas*; na terceira, os *Puranas*, o *Mahabarata* e a philosophia vedanta; na quarta finalmente, as composições de *Katidassa* e as da epocha *vikramaditya*. Outros ainda, como Heeren,⁶ collocam os *Vedas* com os seus commentarios, os *Vedangas*, os *Upa-Vedas*, e as leis de Manu na primeira epocha; na segunda, o *Ramayana*, o *Mahabarata* e os *Puranas*; na terceira, os escriptos da epocha *vikramaditya*.

Apezar do referido desaccordo ácerca da chronologia

¹ GOERRES, l. c; CREUZER, l. c.

² WILSON, *Vichnu-Purana*, pref., p. 58.

³ *Vichnu-Purana* (annottado e comparado com outros *Puranas*) by H. Wilson, — Lond. 1840, 4., v. ingl., sign. pref. *Bhagavata-Purana*, E. Burnouf, — Par., 1840-47, 3 v. f. (v. fr.) Estes 3 v. só contem a versão de 9 liv. do poema, que consta de 19. Calcut., 1752, 4., v. bengali; Bombay, 1839, f. text.; Bombay 1848, *ml.*

⁴ GOERRES, l. c.; CREUTZER, l. c.

⁵ *Weisheit der Indier*, p. 149.

⁶ *Handbuch der Geschichte*.

estes livros, é certo que por todos são considerados como fontes abundantísimas, que, trazendo até nós as fontes dispersas da historia antiga da civilização indiana, proporcionam o conhecimento,—de que não era esboço áquellas gentes um organismo financeiro, relativamente aperfeiçoado.

59. Não é só nos antigos livros indianos que achamos elementos para demonstrar a vetustez da organização financeira nos povos das vastas regiões banhadas pelo Indo e Ganges; também os encontramos, ainda que mais raros e incompletos, nos livros classicos da antiguidade grega e romana. Dos escriptores gregos, citaremos: Xenophonte,¹ Aristophanes,² Ctesias,³ Herodoto,⁴ Strabão,⁵ Diodoro Siculo,⁶ Arriano,⁷ Plotomeu,⁸ Stobeo,⁹ dos romanos: Varrão,¹⁰ Plinio,¹¹ Quinto Curcio.¹²

60. Citemos agora alguns escriptores modernos que nos podem valiosamente auxiliar no mesmo estado: W.

¹ *Oeuvres*, Talbot,—Par. 1859, 2 v. 16.º, v. fr.

² *Comédies*, C. Poyard,—Par. 1860, 18.º, v. fr.

³ *Operum reliquiae*, prolegomenis et annotatione J. Chr. Felix Bähr,—Franc. Mein, 1824, 8.º, v. lat.

⁴ *Histoire*, Gignet,—Paris, 1859, 18.º, v. fr.

⁵ *Geographie*, La Porte, Letronne, etc.—Par., 1805-19, 5 vol. 4.º, v. fr.

⁶ *Bibliothèque historique*, Ferd. Hoefer,—Par., 1846, 4 vol., 18.º, v. fr.

⁷ *Periplus Pontini Euxini*, Hoffmann,—Leipz., 1842, 8.º, v. lat.

⁸ *Geographiae libro octo*, Fr. Guil. Wilberg, und C. H. Frid. Grashof,—Essen. 1832, 4.º (test. e v. lat.)

⁹ *Eclogarum*, Gaisford,—Oxf. 1850, 2 v., 8.º, v. lat.; *Florilegium*, Meineke,—Leipz. 1856-57, 4 vol., 8.º, v. lat.

¹⁰ *De lingua latina*, L. Spengel,—Berl., 1826, 8.º, text.

¹¹ *Histoire naturelle*, E. Littré,—Par., 1855, 2 vol. 8.º, v. fr.

¹² *Histoire d'Alexandre le Grand*, Trognon,—Par., 1828, 3 vol., 8.º, v. fr.

Jonnes,¹ Muir anteriormente citado,² Schlegel,³ Burnouf,⁴ Schoebel,⁵ Lassen,⁶ Cantu,⁷ Marshman,⁸ Uheeler,⁹ Foucaux,¹⁰ Humboldt,¹¹ Du Mesnil-Marigny,¹² Dollfus,¹³ etc.

61. Á vista do plano que traçamos, e segundo a ordem indicada, cumpre-nos ver as fontes d'onde haveremos os conhecimentos necessarios para representar a organização financeira que, no pensar de muitos, baldado seria procurar no antiquissimo paiz de Memphis, de Cecrops, dos Pharãos. O Egypto, de facto, tinha essa organização, como racionalmente devemos inferir da sua organização theocratica, da distribuição da fortuna publica; da assiduidade com que este povo se dava aos estudos estatisticos, e, emfim, dos grandiosos monumentos que a sua civilisação levantou desde as costas do Delta até ás montantes da Abyssinia,—facto que, pateando o poder material do seu organismo politico, revela o moral do seu organismo economico.

¹ *Works complete*,—Lond., 1799-1801, 8 vól. 4.º, (com supplem.)

² *Original sanskrit texts on the origin and history of the People of India*, by J. Muir,—Lond., 1867-68, 5 vol. 8.º

³ *Sämmtliche Werke*,—Leipz., 1846-47, 12 vol. 8.º

⁴ *Essai sur les Vedas*,—Nancy et Par., 1863, 8.º

⁵ *Legende des Pandavas*, (Nos *Annales de l'université catholique*, tom. XVI, 1853).

⁶ *Indische alterthumskunde*,—Bonn., 1844-1857, Leipz., 1861, 4 vol., 8.º

⁷ *Histoire universelle*,—Par., 1865, 19 vol., 8.º

⁸ *History of India*,—Lond., 1867, 3 vol., 8.º

⁹ *The History of India from the earliest ages*,—Lond., 1867, 2 vol., 8.º

¹⁰ *Le Mahabharata*,—Par., 1862, 8.º (excel. not.)

¹¹ *Cosmos*, Galuski,—Par., 1855, 4 vol. 8.º, II, p. 41 seg., not. 58 seg.

¹² *Histoire d'Econ. Polit.*,—Par. 1872, 2 vol. 8.º, I, de l'Inde.

¹³ *Considérations sur l'histoire*,—Par., 1872, 8.º—v.

Para não antecipar o que mais tarde diremos, vejamos desde já quaes os monumentos que nos cumprirá consultar a este proposito, pois que, de harmonia com o que fizemos relativamente á India, só indicaremos aqui as fontes donde mana a historia financial do Egypto, se bem que este mesmo trabalho mal nol-o permite a exiguidade do tempo.

Essas fontes, classifiquemol'-as em tres grupos:

- a) Monumentos antigos, que testemunham a organisação social e politica do Egypto ;
- b) Livros antigos, ou egypcios ou estranhos ;
- c) Livros modernos.

Pelo que respeita aos monumentos, são-nos fonte vedada pela indole do nosso estudo, falta de tempo, e pelo labor que elles exigiriam. Os livros egypcios, que, segundo todas as probabilidades, deviam de ser abundantes, pereceram, ou consumidos pelo tempo, ou devorados pelas chammas ateadas pela mão audaciosa de Cesar e pelo fanatismo dos barbaros soldados do Amrou.¹

As fontes pois que temos ao nosso alcance são só: livros antigos, não egypcios, e livros modernos.

62. Se quizessemos mencionar todos os livros que a antiguidade nos legou, que nos falam das coisas do Egypto, e nos quaes poderemos colher o conhecimento completo da civilisação egypciaca, e por isso da organisação politica e financeira d'aquelle povo, teriamos de abran-ger em nosso modesto quadro todos os livros da anti- guidade culta; o que não admira se notarmos que o Egypto foi nas eras passadas o foco mysterioso e meio nublado donde irradiava brilhante a sciencia d'aquelles tempos.

Assim como na chamma a parte mais brilhante não

¹ CANTU, cit., 5.º épq., p. 305, 9.º epq. p. 297; DU MESNIL-MARIGNY, cit., I, p. 167, etc.

está no centro da massa em combustão mas na auréola que a cerca, assim a civilização egypciaca brilha hoje mais nas obras estrangeiras que inspirou, do que nas próprias, que chegaram até nós ou mutiladas nas citações de Herodoto, Diodoro, Eusebio, Syncello e outros,¹ ou envolvidas no veu dos hyerogliphos, que só o acaso e o talento indagador de Champollion, e de outros sábios illustres, puderam rasgar. De maneira que não seria para estranhar que citássemos neste estudo grande numero de obras gregas, hebraicas, romanas, e nenhuma egypcia.

63. D'entre as hebraicas, citamos os livros sagrados da *velha lei*, e d'estes o *Genesis*, o *Exodo*, os *Numeros*, o *Levitico*, os *Proverbios*, *Ezechiel*, *Izaías*;² Flavio Josepho³, Julio Africano.⁴ Dos escriptores gregos, Sophocles,⁵

¹ Sirva de exemplo Manethon, historiador e sacerdote egypcio, do 3.º sec. A. C., de cuja *Historia do Egypto* só nos chegaram fragmentos, conservados por Flavio Josepho, Eusebio, Julio Africano e Syncello, (*infra citados*). Vid. *Champollion Le Jeune, Catalogue des papyrus égyptiens du musée du Vatican*, Roma, 1826, 4.º em ital.

² *Biblia Sacra*, Vulgata editio, Par. 1828, 8.º; ou qualquer outra das numerosas edições do *Velho Testamento*.

³ *Opera omnia*, grec. et lat., J. Hudson et S. Havercampus, —Amsterd., 1726, 2 v. f.; *Histoire de F. JOSEPH*, P. J. Gillet, —Par., 1856, 4 vol., 4.º, v. fr.

⁴ Historiador do seculo III, por ventura hebreu, se bem que alguns o dizem grego. Escreveu uma *Chronographia* desde Adão até Heliogabalo, de que apenas restam fragmentos em Eusebio Pamphilio e noutros escriptores ecclesiasticos; e uma encyclopedia mathematica, — *Ceste*, — que vem nos *Mathematici veteres* de M. Thevenot, J. Boivin e P. la Hire, —Par., 1693, f.

⁵ *Sophoclis quae extant omnia*, F. Ph. Brunck, —Strash, 1786, 2 vol., 4.º; *Tragédies de Sophocles*, Artaud, —Par., 1857, 18.º, 5.º ed., v. fr.

Herodoto,¹ Aristoteles,² Strabão,³ Diodoro,⁴ Plutarco,⁵ Atheneu,⁶ Porphyro,⁷ Clemente de Alexandria,⁸ Arriano,⁹ Eusebio,¹⁰ George Syncello.¹¹ D'entre os romanos citaremos Plinio,¹² e Aulo Gelio.¹³

¹ Vid. p. 43, n. 4.

² *Aristotelis Opera omnia*, grec. et lat.,—Par., 1848, 4 vol., 3.º; *La Morale*, B. S. Hilaire,—Par., 1856, 3 vol., 8.º, v. fr.; *La Politique*, B. S. Hilaire,—Par., 1848, 1 vol., 8.º, v. fr.; *Works*, Thomas Taylor,—Lond., 1812, 10 vol., 4.º, (v. ingl. compl.)

³ Vid. p. 43, n. 5.

⁴ Vid. p. 43, n. 6.

⁵ *Opera omnia*, J. J. Reiske,—Leipz., 1774-82, 12 vol., 8.º, grec. et v. lat.); *Vies des hommes illustres*, A. Pierron,—Par., 1861, 4 vol., 16.º, v. fr.; *Plutarchi liber de Iside et Osiride*, S. Squire,—Cambridge, 1744, 8.º, (grec. et v. ingl.); *Ueber Isis und Osiris*, G. Parthey, Berl., 1-50, 8.º, v. all.

⁶ *Deipnosophistarum libri xv*, J. Schweighauser, — Strasb., 1801-7, 14 vol., 8.º grec. et v. lat.; *Banquet des savants*, Villebrune,—Par., 1789-91, 5 vol., 4.º, v. fr.

⁷ *De antro nympharum*, Holstenius, R. M. v. Goens,—Utrecht, 1765, 4.º (grec. et v. lat.); *De abstinencia ab esu animal*, J. B. Felicianns, J. J. Reiskius, J. V. Roer,—Utrecht, 1767, 4.º (grec. et v. lat.); (ambas as obras citadas tiveram uma edição em Leyde, 1792); *Traité touchant l'abstinence de la chair des animaux*, Burigny,—Par., 1747, 12.º, v. fr.

⁸ *Opera*, Migne,—Montrouge, 1856-57, 2 vol., 8.º (grec. et v. lat.); Genoude,—Par., 1837-43, 3 vol., 8.º, v. fr.

⁹ Vid. h. n.

¹⁰ *Eusebii Pamphili Opera omnia quae extant*, J. P. Migne, —Montrouge, 1856-57, 6 vol., 8.º, (grec. et v. lat.); *Histoire de l'Église*, Pr. Cousin,—Par., 1675, 4 vol. 4.º, v. fr.

¹¹ *Chronographia*, J. Goar,—Par., 1652, f., (text. gr. et v. lat.) —Encontra-se nos *Bysantinae Historiae scriptores varii*, ed. do Louvre, do sec. xvii, e no *Corpus scriptorum historiae bysantinae*, Niebhur, Becker, Schopen, Dindorf, etc.,—Bonn., 1828, —*Georgius Syncellus et Nicephorus*, Dindorf, Bonn.,--1829, 2 vol., 8.º

¹² Vid. p. 43, n. 11.

¹³ *Noctium Atticarum libri xx, prout supersunt*, Gronovius, Lambetius, Ant. Thysius, J. Oiselius,—Leyde, 1706, 4.º; *Les nuits attiques*, Chaumont, F. Flambart, Buisson,—Par., 1845-47, 3 vol., 8.º, (lat. et. v. fr.)

64. Além dos escriptores citados, que mais ou menos detidamente se occupam das coisas do Egypto, ha outros que, em varias passagens de suas obras, nos fornecem elementos para contemplarmos o quadro da civilisação egypciana, e preenchermos as lacunas que a leitura dos mencionados deixar em nosso espirito.

Assim, do grau de perfeição a que no Egypto chegaram as sciencias, como a geographia e a geometria, e as artes que attestam um extraordinario desinvolvimento no luxo e na civilisação, como a ourivesaria e a joalheria, poderemos formar ideia, percorrendo Homero,¹ Platão,² Theophrasto,³ Plauto,⁴ Diogenes Laercio;⁵ o desinvolvimento que os egypcios souberam dar á marinha, ás colonias, ao commercio maritimo e terrestre, apezar de todos os privilegios da casta sacerdotal, conhecemos pelos escriptos de Homero,⁶ Apuleo,⁷ Arnobio; dos pro-

¹ HOMERI et HOMERIDARUM,¹ Opera, F. A. Wolfius,—Leipz., 1804-7, 4 vol., 8.º (text. gr.); Opera omnia, Dindorf,—Leipz., 1824, 5 vol., 8.º (text. gr. e v. lat.); Oeuvres complètes d'Homère. P. Giguet,—Par., 1861, 18.º, v. fr.

² PLATONIS Scripta graeca omnia, Behker,—Lond., 1826, 11 vol., 8.º (text. gr. e v. lat.); Oeuvres de Platon, V. Cousin,—Par., 1822-40, 13 vol., 8.º, v. fr.

³ Quae supersunt opera et excerpta librorum, Schneider,—Leipz. 1813, 4 vol., 8.º, (text. gr. e v. lat.); Leipz., 1821, 5.º vol. (com supplem.); Wimmer, Didot,—Par., 1866; Caractères de Théophraste, J. F. Stiévenart.—Par., 1842, 8.º, v. fr.

⁴ Comoediae, J. Naudet,—Par., 1830-32, 4 vol., 8.º; Theatre de Plaute, J. Naudet,—Par., 1845, 4 vol., 18.º, v. fr.

⁵ De clarorum philosophorum vitis, C. Gabr. Cobet,—Par., 1850, 8.º, (text. gr. e v. lat.); Vie des philosophes de l'antiquité, Ch. Zevost,—Par., 1847, 2 vol., 18.º, v. fr.

⁶ Vid. h. n. 1.

⁷ Opera omnia, D. Ruhnken, J. Bosscha, Fr. Oudendorp,—Leyde, 1786-1823, 3 vol. 4.º; Apulée, V. Betolaud,—Par., 1835-36, 4 vol., 8.º, v. fr.

⁸ Arnobii adversus nationes libri VII, Migne,—Petit-Montrouge, 1845, 8.º

esses maravilhosos que empregaram para fabricar e colorir tecidos riquísimos, tomaremos conhecimento em Lucano,¹ Marcial,² Eliano,³ e Pollux;⁴ o extraordinário aperfeiçoamento a que elevaram a sciencia da construção monumental, a sciencia commercial, a metallurgica, vel-o-hemos ao ler as paginas de Anthistenes,⁵ Platão,⁶ Evhemero,⁷ Alexandre Polyhistorico,⁸ Apion,⁹ e Artemidoro;¹⁰ e veremos finalmente a que ponto elevaram as artes e sciencias agricolas e pecuarias e como se constituiu o seu organismo tributario, a população, etc., percorrendo nós Diogenes Laercio,¹¹ Ammiano,¹² Cice-

¹ *Pharsalia*, P. A. Lemaire, — Par., 1830-32, 2 vol. 8.º; *Lu Pharsale de Lucain*, Lepernay, — Par., 1834, 2 vol., 8.º, v. fr.

² *Martialis epigrammata*, Lemaire, — Par., 1825-26, 3 vol., 8.º; *Toutes les épigrammes de Martial*, J. Beau, — Par., 1842-43, 3 vol., 8.º (text. lat. e v. fr.)

³ AELIANI, *De natura animalium, varia historia, epistolæ et fragmenta*, R. Hercher, — Par., 1858, 8.º, (text. gr. e v. lat.); *Histoires diverses d'Elieen*, Dacier, — Par., 1827, 8.º, v. fr.

⁴ *Onomasticum*, J. H. Lederlinus, T. Hemsterhuis, — Amsterd., 1706, 2 vol., 8.º (text. gr. e v. lat.)

⁵ *Anthistenis fragmenta*, A. G. Winckelmann, — Zurich, 1842, 8.º

⁶ *Vid.* p. 48, n. 2.

⁷ *Historia Sagrada*. Fragmentos d'este e de outros livros de Evhemero encontram-se traduzidos em latim por Ennio nos *Q. Ennii annalium librorum XVIII fragmenta*, E. Spangenberg, — Leipz., 1825, 8.º

⁸ *Historia dos povos orientaes*. O que d'esta obra nos resta encontra-se nos *Fragmenta historicorum græcorum*, Miller, — Par., 1841-51, 4 vol., 8.º

⁹ *Historia do Egypto*. O que ha d'esta obra encontra-se tambem nos *Fragmenta historicorum græcorum cit.*

¹⁰ *Périple*. Os fragmentos que existem vêm nos *Geographiæ veteris scriptores græci minores*, Dodwell, J. Hudsson, E. Wells, — Oxford, 1698-1712, 4 v., 8.º

¹¹ *Vid.* p. 48, n. 5.

¹² *Quæ supersunt*, C. G. A. Erfurt, — Leipz., 1808, 3 vol., 8.º; AMMIEN MARCELLIN, *Savalète*, 8.º (na collec. de AA. latinos de Nisard, — Par., 1838-55, 27 vol., 8.º)

ro, ¹ Virgilio, ² Horacio, ³ Estevam de Bysancio, ⁴ Theocrito, ⁵ Pomponio Mela. ⁶

65. A bibliographia moderna tambem nos presta, neste estudo, poderosos recursos. Dos escriptores francezes, que das coisas do Egypto se têm occupado, citamos Spon, ⁷ d'Origny, ⁸ Reynier, ⁹ Champollion, ¹⁰ Pastoret, ¹¹

¹ *Opera quae supersunt omnia ac deperditorum fragmenta*, J. G. Orell, — Zurich, 1826-37, 8 vol., 12.º; *Oeuvres complètes de Ciceron*, J. V. Le Clerc, — Par., 1821-25, 30 vol., 8.º (text. lat. e v. fr.)

² VIRGILIUS MARO, C. G. Heyne, G. Ph. Eberard Wagner, — Leipz., 1830-41, 5 vol.; *Oeuvres complètes*, Pessoneaux, — Par., 1858, 2 vol., 18.º, v. fr.

³ HORATH *Opera*, J. Bond., — Par., 1855, 16.º; HORACE, Chevrier, Génin, Guiard, Nisard, 1 vol., 8.º, (na collec. cit. de Nisard, 1838-55).

⁴ STEPHANI BYSANTINI, *ἔθνικὸν quae supersunt*, A. Westermann, Leipz., 1839, (text. gr.); STEPHANI BYSANTINI, *Ethnicorum quae supersunt*, A. Meynek, Berl., 1849, 2 vol., 8.º, v. lat.

⁵ THEOCRITI *Reliquiae*, Th. Kiessling, — Leipz., 1819, 8.º (text. gr. e v. lat.); *Les Idyles de Théocrite et Inscriptions*, F. Didot, Par., 1833, 8.º, v. fr.

⁶ *De situ orbis libri III*, C. M. Tzschuk, — Leipz., 1807, 7 vol., 8.º; *La Géographie de Pomponius Mela*, L. Baudet, — Par., 1843, 8.º, v. fr.

⁷ *Recherches curieuses d'antiquité*, — Lyon, 1683, 4.º

⁸ *L'Égypte ancienne*, — Par., 1762, 2 vol., 12.º; *Chronologie des rois*, — Par., 1765, 2 vol., 12.º

⁹ *L'Égypte sous la domination des romains*, — Par., 1807, 8.º

¹⁰ *L'Égypte sous les Pharaons*, — Grénoble et Par., 1814, 2 vol., 8.º; *Panthéon égyptien*, Par., 1823-31, 4.º, incomp.; *Lettres à M. le duc de Blacas*, relatives au musée royal égyptien de Turin, — Par., 1824-26, 8.º; *Id.* — *Sur le système hiéroglyphique*, de M. M. Spohn et Seyffarth, — Flor., 1820, 8.º; *Précis du système hiéroglyphique des anciens égyptiens*, Par., 1828, 2 vol., 8.º; *Lettres écrites d'Égypte et de Nubie*, — Par., 1833, 8.º; *Monuments de l'Égypte et de Nubie*, — Par. 1835-45, 4 vol., f.; *Notices descriptives*, Par., 1844, f.

¹¹ *Histoire de la législation*, — Par., 1817-37, 11 vol., 8.º (incomp., — public. a 1.ª P.)

Caillaud,¹ Peyron,² Silvestre de Sacy,³ Henri,⁴ Denon,⁵ a famosa *Historia scientifica da expedição de Bonaparte*⁶ Tremblay,⁷ Lenormant,⁸ d'Avennes,⁹ Lesneur,¹⁰ Brunet de Presle,¹¹ Dollfus,¹² Du Mesnil-Marigny,¹³ Jonnés;¹⁴ dos inglezes — Hamilton,¹⁵ Cory,¹⁶ Wilkinson,¹⁷ Pritchard,¹⁸ Sharpe,¹⁹ Palmer;²⁰ dos allemães — Perizo-

¹ *Voyages à l'oasis de Thèbes*, — Par., 1822, f.; *Voyage à l'oasis de Syouch*, — Par., 1823, f.; *Voyage à Merod*, — Par., 1826, 4 vol., 8.º, (ou 2 vol., f.); *Recherches sur les arts et métiers, les usages de la vie civile et domestique des anciens peuples de l'Égypte, de la Nubie, et d'Éthiopie*, — Par., 1821 — 37, 4.º

² *Nas Memorie delle reale accademia delle scienze di Torino*, 1.ª série, com o titulo de — *Papiri græci R. Taurinensis musei egyptii editi atque illustrati*; vol. XXXI, XXXIII, 1826-27.

³ *Chrestomathie arabe*, — Par., 1827, 3 vol. (text. arab. e trad. fr. Abdallatis).

⁴ *Lettres à Champollion le jeune, sur l'incertitude de l'âge des monuments égyptiens*, — Par., 1828; *L'Égypte pharaonique*, — Par., 1846, 2 vol., 8.º

⁵ *Voyage dans la basse et haute Égypte*, — Par., 1829, 2 vol., 8.º, (com o atlas, f.)

⁶ *Histoire scientifique et militaire de l'expédition française en Égypte*, — Par., 1830-36, 12 vol., 8.º

⁷ *L'art égyptien*, — Par., 1833, s.

⁸ *Musée des antiquités égyptiennes*, — Par., 1836-40, f.

⁹ *Monuments égyptiens*, — Par., 1847, f.

¹⁰ *Chronologie des rois d'Égypte*, — Par., 1848-50, 4.º

¹¹ *Examen critique de la succession des dynasties égyptiennes*, — Par., 1850, 8.º

¹² *Supr. cit.*, p. 32, n. 2.

¹³ *Supr. cit.*, p. 32, n. 2.

¹⁴ *Supr. cit.*, p. 3, n. 1.

¹⁵ *Remarques on several parts of Furkey, P. 1: egyptiaca or some account of the ancient and modern state of Egypte*, — Lond., 1809, 4.º

¹⁶ *Ancients fragments of the phoenician, chaldean, egyptian, etc.*, — Lond., 1832, 8.º

¹⁷ *Manners and customs of the ancient egyptians*, — Lond., 1837-41, 6 vol., 8.º; *Fragments of the hieratic papyrus at Turin*, — Lond., 1859, 8.º

¹⁸ *An analysis of the egyptian mythology*, — Lond. 1838, 5 vol., 8.º

¹⁹ *The history of Egypt*, — Lond., 1859, 2 vol., 8.º

²⁰ *Egyptian chronicles*, — Lond., 1860, 2 vol., 8.º

nio,¹ Heeren,² Minutoli,³ Ritter,⁴ Lepsius,⁵ Schwartz,⁶ Böckh,⁷ Bunssen,⁸ Brugsch,⁹ Duemichen,¹⁰ etc.; dos italianos — Gazera,¹¹ Rossellini,¹² Valeriani,¹³ Cantu,¹⁴ Lumbroso.¹⁵

¹ *Origines babilonicae et aegyptiacae*, — Utrecht, 1736, 2 vol., 8.^o

² *Historische Werke*, — Gotting., 1821, s., 15 vol., 8.^o; (*vid. VII, Alterthums Handbuch*, e X-XV, *Ideen über die Politik*, etc.); *Manuel d'histoire ancienne*, — Par., 4827, 8.^o (v. fr. da VII, *Alterthums*); *De la politique et du commerce des peuples de l'antiquité*, — Par., 1830-42, 7 vol., 8.^o (v. fr. da X-XV, *Ideen*).

³ *Reize zum Tempel des Jupiter Ammon in der Libyschen Wüste und nac Ober-Aegyten*, — Berl., 1824, 4.^o

⁴ *Die Erdekunde*, — Berl., 1830-58, 20 vol., 8.^o; *Geographie générale comparée*, — Par., 1836, 3 vol., 8.^o (v. fr. da P. I).

⁵ *Das Todtenbuch der Aegypter nach dem hieroglyphischen Papyrus in Turin*, — Leipz., 1842, 4.^o; *Auswahl der wichtigsten alterthums*, — Leipz., 1842, f.; *Die Chronologie der Aegypter*, — Berl., 1849, 4.^o (in comp.; só a P. I, fontes e critica); *Denkmäler aus Aegypten, und Aetiopien*, — Berl., 1849-56, 12 vol., f; *Briefe aus Aegyptien*, — Berl., 1842, 8.^o

⁶ *Das alte Aegypten*, — Leipz., 1843, 2 vol., 4.^o

⁷ *Manetho und die Hundsternperiode*, — Berl., 1845, 8.^o

⁸ *Aegyptens stelle in der Weltgeschichte*, — Hamb., 1845-56, 5 vol., 8.^o

⁹ *Geographische Inschriften altägyptischer Denkmäler*, — Leipz., 1857-58, 4.^o, (inc.); *Sammlung demostischgriechischer Eigennamen ägyptischer*, etc., — Berl., 1851, 8.^o; *Numerorum apud veteres aegyptios demoticorum doctrine*, — Berl., 1849, 4.^o; *Histoire d'Égypte*, — Leipz., 1859, 4.^o

¹⁰ *Die Flotte einer ägyptischen Königin aus dem 17. Jahrh. vor unserer Zeitrechnung*, — Leipz., 1867, f.; *Eine vor 3000 Jahren abgefasste Geteiderechng*, — Berl., 1869, 4.^o

¹¹ *Descrizione dei monumenti Egizii del real museo di Torino*, — Tur., 1824, 8.^o

¹² *Monumenti dell'Egitto e della Nubia*, — Flor., 1834, 8 vol., 8.^o

¹³ *Atlante monumentale del basso e dell'alto Egitto*, — Flor., 1837, 2 vol., f. e 8.^o

¹⁴ *Vid. p. 44, n. 7.*

¹⁵ *Recherches sur l'économie politique de l'Égypte*, — Tur., 1869, 8.^o

Auxiliados por todos estes poderosos recursos, a organização economica e financial do Egypto, apesar das lamentaveis perdas dos seus papyros, destacar-se-nos-ha na antiguidade, se não limpa de difficuldades e de manchas obscuras, ao menos com a sufficiente clareza para lhe reconhecermos as suas feições typicas.

66. É mais limitado o numero dos escriptores que teremos de consultar para conhecermos a organização financeira entre os hebreus, pois que a respeito d'estes não se dá o mesmo que a respeito dos egypcios: temos os livros sagrados, em que o tempo e a mão dos homens não imprimiram alteração notavel, e que nos são por isso a mais pura e abundante fonte a que podemos recorrer, embora, para completar este mesmo estudo, tenhamos de percorrer outros livros da antiguidade e soccorrenos ao vivo clarão que em tal assumpto ha derramado a critica de alguns escriptores modernos.

Tivemos já occasião de notar que a aptidão dos hebreus para as mathematicas, tornando-os em todo o tempo notaveis na estatistica e no commercio, dera tambem ás suas leis organicas e religiosas uma feição altamente economica e estatistica, de forma que, neste estudo, bastar-nos-ia porventura a lição dos livros sagrados da lei mosaica. Citemos pois, em primeiro logar, os livros sagrados, a par de alguns outros antigos, e em seguida os modernos que nos podem auxiliar.

67. Nos livros sagrados dos hebreus, ¹ achamos de facto os elementos mais conducentes ao fim que nos propomos. Estudamos ali não só os assumptos que directamente nos interessam, como — o desinvolvimento indus-

¹ *Vid.* as edições polyglotas de: — B. Arias Montanus, — Anuerp., 1569-73, 8 vol., f., (hebr., chald., gr. e lat.); Brianus Waltonus, Lond., 1657, 6 vol., f., (hebr., samariti., chald., gr.

trial, commercial, agrícola e artistico; ¹ a população e o estado da propriedade movel, immovel e armentaria; ² e o organismo tributario; ³ mas tambem os que nos prestam luz para completarmos o conhecimento da organização financeira entre os hebreus na epocha de maior prosperidade da civilização hebraica, desde os reis até á divisão do reino, como — o organismo social; os costumes civis e religiosos; a organização da judicatura, da milicia e da marinha; o estado das subsistencias publicas; a legislação; o systema monetario; numa palavra a historia inteira dos hebreus. ⁴

Tambem nós fornecem subsidios preciosos os livros da *Nova Lei* ⁵ e o Talmud rabinico, ⁶ relativamente a

e lat.); Reineccius,—Leipz., 1747-51, 3 vol., f., (hebr. gr., lat. e all.); Samuel Lee,—Lond., 1831, f., (hebr., samarit., syr., gr. lat., hisp., fr., ital., all., e ingl.)

Vid. as hebraicas de: — Seb. Munster,—Basil., 1534-35, 2 vol., f., (com b not.); Corn. Adelkind,—Venez., 5312-12, (1551-52), 4.º; Hooght,—Amsterd., 1705, 2 vol., 8.º; Meiser, —Leipz., 1793, 8.º; *Magna Biblia Rabinica*,—Amsterd., 484-487, (1724-27), 4 vol., f.

Vid. as latinas de: — Rom., 1592, f.; Rom., 1593, 4.º, — Par., 1705, 7 vol., 24.º; Du Hamel,—Par., 1706, f.; Par., 1828, 8.º; Tournemino,—Alast., 1826-29, 15 vol., 8.º; Vereloni,—Rom., 1860-70, 5 vol., 4.º

Vid. emfim as francezas de: — Calmet,—Par., 1724, 9 vol. f.; E. Genoude,—Par., 1841, 18.º; Jager,—Par., 1846, 8.º Delaunay,—Par., 1856, 5 vol., 8.º

¹ No *Genesis, Exodo, Levitico, Deuteronomio, Josué, Juizes, Reis, Paralipomenos, Job, Proverbios, Isaias, Jeremias, Baruch, Ezechiel*, nos livros dos prophetas menores e nos *Machabeus*.

² No *Pentateuco, Josué, Juizes, Reis, Paralipomenos, Esdras, Nehemias, Isaias e Jeremias*.

³ No *Levitico, Numeros, Deuteronomio, Josué, Juizes, Reis, Paralipomenos*, e nos livros dos prophetas menores.

⁴ Em *Esdras, Nehemias, Judith, Psalmos, Sapiencia, Ecclesiastes*, e nos demais *supr. cit.*

⁵ Principalmente os *Evangelhos* e os *Actos dos Apostolos*. Vid. h. polyglotas.

⁶ *Talmud babilonicum*,—Amsterd., 1714-20, 14 vol., f.; Par.,

commercio, agricultura, pecuaria, população, costumes e moedas.

Passando agora dos livros sagrados aos escriptores profanos, de muito proveito nos será a lição do hebreu Flavio Josepho,¹ e de algumas passagens dos gregos Strabão² e Procopio,³ e dos latinos Tacito,⁴ Plinio,⁵ e Cícero.⁶

68. D'entre os escriptores modernos, para não multiplicarmos citações, sómente indicaremos: os francezes — Basnage,⁷ Fleury,⁸ Berruyer,⁹ Calmet,¹⁰ Bois-

1859, s.; Vien., 1841, 36 vol., f.; (v. allem. et comment.); Kischfeld,—Berl., 1842, 8.º, v. lat.

¹ Vid. p. 46, n. 3.

² Vid. p. 43, n. 5.

³ PROCOPII GAZAEI, *Opera quae reperiri potuerunt omnia*, Migne,—Par., 1860-61, 2 vol., 8.º (text. gr. e v. lat.)

⁴ *Opera*, Brotier,—Lond., 1812, 5 vol., 8.º; G. Alex. Ruperthi,—Hanov., 1832-39, 4 vol., 8.º; Ritter,—Cambridg., 1848, 4 vol., 8.º; TACITE, Dureau de Lamalle,—Par., 1827, 6 vol., 8.º, (text. lat. e v. fr.); *Oeuvres complètes*, J. L. Burnouf,—Par., 1829-33, 6 vol., 8.º, (text. lat. e v. fr.)

⁵ Vid. p. 43, n. 11.

⁶ Vid. p. 50, n. 1.

⁷ *Histoire des Juifs depuis J. Christ*,—Hay., 1716-26, 15 vol., 12.º

⁸ *Histoire ecclésiastique*,—Par., 1722-37, 36 vol., 4.º; Par., 1740-58, 40 vol., 12.º; Nim., 1778-80, 25 vol., 8.º; Par., 1830-37, 6 vol., 8.º; *Moeurs des Israelites et des chrétiens*,—Lyon, 1810, 8.º

⁹ *Histoire du peuple de Dieu, jusqu'à la naissance du Messie*,—Par., 1728, 7 vol., 4.º

¹⁰ *Dictionnaire historique et critique de la Bible*,—Par., 1730, 4 vol., f.; *Histoire universelle sacrée et profane, depuis le commencement du monde*,—Strasb., 1735-71, 17 vol., 4.º; *Histoire de l'ancien et du nouveau Testament*,—Par., 1737, 4 vol., 4.º, (Introd. à Hist. de Fleury).

sy,¹ Pastoret,² Lenormand,³ Sauley,⁴ Hir,⁵ Dollfus,⁶ Du Mesnil-Marigny;⁷ os inglezes — Lewis,⁸ Shuckford,⁹ Prideaux,¹⁰ Russell,¹¹ Beke,¹² Rawlinson;¹³ os allemães — Michaelis,¹⁴ Eichhorn,¹⁵ Jost,¹⁶ Meier,¹⁷ Elena,¹⁸ Eweld,¹⁹ Gratz.²⁰

69. Para formarmos uma ideia sufficientemente exacta da organização financeira entre os gregos, nos mais pros-

¹ *Dissertations critiques*,—Par., 1785, 2 vol., 12.º

² *Moyse, considéré comme législateur*,—Par., 1788, 8.º

³ *Manuel de l'histoire ancienne de l'orient*,—Par., 1867, 18.º

⁴ *Histoire d'Hérode*,—Par., 1868, 8.º

⁵ *Études bibliques*,—Par., 1869, 2 vol., 8.º

⁶ *Vid. p. 32, n.º 2.*

⁷ *Vid. p. 32, n.º 2.*

⁸ *Origines hebreæ*,—Lond., 1724-25, 4 vol., 8.º

⁹ *The sacred and profane history of the World*,—Lond., 1743, 4 vol., 8.º; *Histoire du Monde*,—Leyd., 1738, 3 vol., 12.º, v. fr., J. F. Bernard.

¹⁰ *The Old and New testament connected in the history of the Jews and neighbouring nations*,—Lond., 1749, 4 vol., 8.º; *Histoire des Juifs et des peuples voisins*,—Amsterd., 1728, 6 vol., 12.º, v. fr.

¹¹ *The connexion of sacred and profane history*,—Lond., 1827-32, 3 vol., 8.º

¹² *Origines biblicæ, or Researches in primeval history*,—Lond., 1836.

¹³ *Five Great monarchies of the ancient Eastern World*,—Lond., 1867, 4 vol., 8.º

¹⁴ *Einleitung in göttlichen Schripten des alten Bundes*,—Hamb., 1787, 4.º

¹⁵ *Weltgeschichte*,—Gotting., 1818-20, 5 vol., 8.º; *Einleitung ins alte Testament*,—Leipz., 1823-27, 5 vol., 8.º

¹⁶ *Geschichte der Israeliten*,—Berl., 1820-28, 9 vol., 8.º

¹⁷ *Judaica fragmenta*,—Jen., 1832, 8.º

¹⁸ *Geschichte der mosaischen institutionen*,—Hamb., 1836, 2 vol.

¹⁹ *Geschichte der Volkes Israel*,—Gotting., 1851-59, 7 vol., 8.º

²⁰ *Théâtre des événements racontés dans les divines Écritures*,—Par., 1870, 2 vol., 8.º, v. fr. de Gimarey.

nos tempos da civilização d'estes povos, abundantes documentos se nos deparam nos livros de politica, historia, philosophia e litteratura, que nos legou a antiguidade helenica. Pelo que, não será indispensavel o mencionar vestigios das instituições, que estudamos, em documentos que parecem estranhos á sciencia de que nos occupamos, como tradições religiosas e poeticas, e documentos litterarios de toda a especie. Se de outra forma procedemos ha pouco, relativamente á India, ao Egypto, e mesmo á Judeia, agora iremos limitando a área das nossas investigações historicas, á proporção que a sciencia das finanças se vai, no correr dos tempos, destacando as demais, e tomando vida, feição e historia propria.

Na Grecia e em Roma, todavia, ainda não encontramos tractados especiaes que nos dispensem de lançar mão, uma ou outra vez, de subsidios aparentemente estranhos ao fim a que miramos; e assim, não desprezaremos alguns dos subsidios que julgámos proveitosos ao traçar a resenha historica financeira das mais notaveis civilizações orientaes.

Para a historia da organização financeira da Grecia, servem-nos de fonte:

- a) Livros especiaes e geraes da antiguidade grega e romana;
- b) Livros modernos.

70. Como auctores especiaes que devemos consultar para a referida historia, citamos Platão,¹ Xenophonte² e Aristoteles.³

Se os trabalhos do primeiro podem ser apodados de utopistas, e se por isso só imperfeitamente nos podem pôr ao facto do estado real financeiro dos gregos, visto que Platão se occupou menos da realidade, do que do

¹ Vid. p. 48, n. 2.

² Vid. p. 43, n. 1.

³ Vid. p. 47, n. 1.

desiderandum a que ella devia mirar, segundo o mesmo Platão, é comtudo innegavel que as suas obras, nas reformas que preconizam, nos transmittem um reflexo das instituições a cuja historia nos vamos referindo.

Os escriptos de Xenophonte e Aristoteles são trabalhos especiaes, a que só falta o titulo de *financeiros* para que sejam tidos como tractados da sciencia que estudamos, correspondentes ao estado em que esta se achava então entre os gregos. Nesses escriptos desenha-se com sufficiente nitidez o perfil do organismo financeiro da Grecia; a sua contextura tributaria; a organização dos seus serviços publicos, o grau do desinvolvimento da sua industria, do seu commercio, da sua marinha; emfim, a medida da fortuna publica, as receitas e as despesas do Estado.

Com a lição porém de outros auctores da antiguidade grega, completaremos o quadro historico da sciencia das finanças naquelle paiz, ou porque uns directamente se occupem de assumptos que têm ligação immediata com a organização financeira, ou porque outros escrevam sobre materias que projectam claridade neste estado.

71. No primeiro caso, temos: Thucydides,¹ Phryniscus,² Lysias,³ Eschines,⁴ Aristophanes,⁵ Demosthe-

¹ *De bello peloponesiaco* lib. VIII, F. Popo,—Leipz., 1821-40, 41 vol., 8.º (text. gr. e v. lat.); Haack,—Lond., 1823. 4 vol. 8.º (*id.*);—Par., 1841, 8.º (*id.*); *Histoire de la guerre du Péloponèse*, Didot,—Par., 1853, 2 vol., 8.º, (*id.*); Betaut,—Paris 1863, 8.º (*id.*) fr.

² *Elogæ nominum et verborum atticorum*, Lobeck,—Leipz. 1820, 8.º (text. gr. e v. lat.)

³ *Orationes quae supersunt omnes*, Franz,—Stuttg., 1831, 8.º (text. gr.); *Oeuvres complètes*, Auger.,—Par., 1783, 8.º, v. fr.

⁴ *Opera omnia*, Wolf,—Leipz., 1808-10, 2 vol. 8.º (text. gr.); Bremi,—Tur., 1823-24, 2 vol., 8.º (*id.*); Mitchell.—Oxf. 1822, 8.º; Beckher,—Leipz., 1823, 8.º; Dobson,—Lond., 1827, 2 vol., 8.º, v. lat. E nos *Oratores attici*, Didot,—Par., 1847-58, 2 vol., 8.º (text. gr. e v. lat.)

⁵ *Vid.* p. 43, n. 2.

es,¹ Theophrasto,² Dicearco,³ Polybio,⁴ Plutarcho,⁵ Har-
 -eration,⁶ Philostrato,⁷ Pollux,⁸ Atheneu,⁹ Stobeo,¹⁰ —
 -nde vemos não só a organização tributaria helenica,
 -não tambem o estado da fortuna publica, da urbana,
 -ral e mineria, da industrial, commercial, monetaria,
 -fiduciaria; assim como a organização dos serviços pu-
 -licos, politicos, religiosos; fiscaes, judiciarios, navacs,
 -militares e administrativos; o estado social, politico e
 -ntellectual da população; todos os elementos, em summa,
 -le que havemos mister quando historiamos a vida finan-
 -ceira de um povo.

Para avivarmos os traços d'esse quadro historico, po-
 -lemos ainda soccorrer-nos a outros vantajosos recursos.
 — Assim, estudaremos o movimento commercial e mari-

¹ *Quae extant omnia*, Duport, — Lond., 1827, 10 vol., 8.º
 text. gr. e v. lat.); *Opera*, Dindorf, — 1846-51, 9 vol., 8.º (*id.*);
 Woemel, — Par., 1857, 2 vol., 8.º (*id.*); *Les œuvres complètes*,
 Boissonade, — Par., 1811-21, 10 vol., 8.º (text. gr. e v. fr.);

² *Vid.* p. 48, n. 3.

³ *Fragmenta*, Manzi, — Rom., 1819, 4.º, text. gr.; *Quae super-
 sunt*, Fuhr, — Darmst., 1841, 8.º, (*id.*) *Εἰς τὸν Γεωγραφὴν ἑλλήνων
 μῖνον* de Muller, — Par., 1855-61, 8.º (*id.*) *Vid.* — *Fragments
 des poèmes géographiques*, de Letronne, — Par. 1840.

⁴ *Historiarum quidquid superest*, Schweighauser, — Leipz.,
 1789-95, 9 vol., 8.º (text. gr. e v. lat.); Baxter, — Lond., 1823,
 4 vol. (*id.*); *POLIBII Historiarum reliquiae*, — Par. 1859, 8.º (*id.*);
Histoire générale, — F. Bouchot, — Par., 1847, 3 vol., 18.º, v. fr.

⁵ *Vid.* p. 47, n. 5.

⁶ *Lexicon in decem oratores graecos*, Dindorf, — Oxf. 1853, 2
 vol., 8.º, text. gr.; Maussac, — Leyd., 1683, 4.º, (text. gr. e v. lat.)

⁷ *Philostratorum quae supersunt omnia*, G. Olearius, — Leipz.,
 1709, f., (text. gr. v. lat.); *Philostratorum et Callistrati opera*,
 Dübner, — Par., 1849, 8.º, (*id.*); *Les images ou tableaux*, Embry,
 — Par., 1609, f., v. fr.; *La gymnastique*, Mynas, — Par., 1858,
 8.º, v. fr.; *Lettres*, Caseneuve, — Tournou, 1620, 4.º, v. fr.;
Appollonius de Thyane, Chassang, — Par., 1862, 8.º, v. fr.

⁸ *Vid.* p. 49, n. 4.

⁹ *Vid.* p. 47, n. 6.

¹⁰ *Vid.* p. 43, n. 9.

timo, o industrial, e artistico, a religião, usos e costumes, o organismo dos serviços publicos, religiosos, militares e politicos, entre os gregos; avaliaremos a perfeição que deram ao credito, o conhecimento que mostraram dos principios economicos, como regularam o movimento das populações, como instituiram a familia; como desinvolveram as subsistencias e riqueza publica, como protegeram a propriedade; numa palavra, aperfeiçoaremos o conhecimento da civilização helenica, lendo Eschylo,¹ Pindaro,² Izeu,³ Herodoto,⁴ Euripedes,⁵ Isocrates,⁶ Eratosthenes,⁷ Luciano,⁸ Diodoro,⁹ Strabão,¹⁰ Arriano,¹¹

¹ *Quae supersunt omnia*, Paley,—Cambridg, 1847, 2 vol., 8.º, text. gr.; *Theatre d'Eschyle*, Al. Pierron,—Par., 1841, 18.º, v. fr.

² *Opera quae supersunt*, Boeckh,—Leipz., 1811-21, 3 vol., 4.º, (text. gr.); *Carmina*, Ileyn, Fiorillo,—Leipz., 1817-18, 3 vol., 8.º, (text. gr. e v. lat.); Scheidewin,—Gott., 1845-50, 2 vol., 8.º, (text. gr.); *Traduction complète de Pindare*, C. Poyard,—Par., 1853, 8.º, v. fr.

³ Nos *Oratores attici* de Mitchell,—Oxf, 1822-28, 10 vol., 8.º, text. gr.; nos de Bekker,—Leipz., 1823-24, 5 vol., 8.º, (*id.*); e nos de Dobson,—Lond., 1827 seg., 16 *id.*, 8.º (text. gr. e v. lat.)

⁴ *Vid.* p. 43, n. 4.

⁵ *Opera omnia*, Priesley,—Glasg., 1821, 9 vol. 8.º (text. gr. e v. lat.); *Tragédies d'Euripide*, Artaud,—Par., 1857, 2 vol., 8.º, v. fr.

⁶ *Opera omnia*, Auger,—Par., 1782, 3 vol. 8.º (text. gr. e v. lat.); Lauge,—Halle, 1803, 8.º, text. gr.; *Oeuvres d'Harates*, Auger,—Par., 1781, 3 vol. 8.º, v. fr.

⁷ *Eratosthenis Catasterismi*, Schaubach,—Gotting., 1795, 8.º, (text. gr. e v. lat.); *Eratosthenica*, Bernhardy,—Berl. 1622, 8.º, (text. gr.)

⁸ *Opera*, Reitz,—Amsterd. e Utrecht, 1743-46, 4 vol. 4.º, (text. gr. e v. lat.); G. Dindorf,—Par., 1840, 8.º, (*id.*); *Oeuvres*, Falbot,—Par., 1837, 2 vol., 18.º, v. fr.

⁹ *Vid.* p. 43, n. 6.

¹⁰ *Vid.* p. 43, n. 5.

¹¹ *Vid.* p. 43, n. 7.

ausanias,¹ Sextus,² Eliano,³ Arnobio,⁴ e Diogenes Laercio.⁵

72. D'entre os escriptores latinos, alguns podemos citar, cuja leitura nos pode esclarecer emquanto ao commercio, á industria, ás artes e agricultura, população, marinha, etc., dos gregos, taes como: Cicero,⁶ Ovidio,⁷ Virgilio,⁸ Tito Livio,⁹ Vitruvio,¹⁰ Seneca,¹¹ Plinio¹², Quintiliano,¹³ Justino,¹⁴ e Quinto Curcio.¹⁵

¹ *Descriptio Graeciae*, Walz, — Leipz., 1838-39, 3 vol., 8.º (ext. gr. e v. lat.); Dindorf, — Par., 1846, 8.º (*id.*); *Description de la Grèce*, Clavier, — Par., 1814-23, 7 vol. 8.º (text. gr. e v. fr.)

² *Opera*, Fabricius, — Leipz., 1718, f., (text. gr. e v. lat.); Leipz., 1842, 2 vol., 8.º

³ *Vid.* p. 49, n. 3.

⁴ *Vid.* p. 32, n. 3.

⁵ *Vid.* p. 33, n. 8.

⁶ *Vid.* p. 48, n. 5.

⁷ *Opera omnia*, — Lond., 1821, 9 vol., 8.º; Amar, — Par., 1822, 5 vol., 32.º; Burmann, — Fur., 1823, 8 vol. 8.º; Lemair, — Oxf., 1826, 5 vol., 8.º; *Oeuvres*, Nisard, — Par., 1830, 8.º, v. fr.

⁸ *Vid.* p. 50, n. 2.

⁹ *Historiarum libri qui supersunt omnes*, Drakenbosch, — Amsterdam., 1738-46, 7 vol. 4.º; Kreyssig, — Leipz., 1828, 4.º; Twiss, — Oxf., 1840-41, 4 vol., 8.º; *Histoire romaine*, D. de Lamalle, et Freinshem, Par., 1824, 17 vol., 8.º, v. fr.; Corpet, — Par., 1831, 17 vol., 8.º, (text. lat. e v. fr.); Nisard, — Par., 2 vol., 8.º, e na collec. de Nisard, cit.

¹⁰ *Architectura*, Straticco, — Utina, 1825-30, 4 vol. 8.º; *De Architectura*, Marino, — Rom., 1836, 4 vo., f.; *L'Architecture*, Mauzass, — Par., 1847-48, 2 vol., 8.º (text.) lat., e v. fr.)

¹¹ *Opera*, Fickert, — Leipz., 1842-45, 3 vol., 8.º; e na collec. Nisard cit., text. lat. e v. fr.

¹² *Vid.* p. 43, n. 11.

¹³ *De institutione oratoria*, Spalding, Leipz., 1798-1829, 5 vol., 8.º; *Institution oratoire*, Onizille, — Par., 1829-35, 6 vol., 8.º, (text. lat. e v. fr.)

¹⁴ TROGI POMPEI *externae historiae in compendium redactae*, Walpy, — Leipz., 1822, 2 vol., 8.º; Dübner, — Leipz., 1831, 8.º; *Histoire universelle*, Boitard, — Par., 1827-29, 2 vol. 8.º, v. fr.

¹⁵ *Vid.* p. 43, n. 12.

73. Numerosos são os escriptores modernos que a este proposito poderiamos citar. Nomeemos porém só aquellas cuja leitura mais directamente aproveita ao assumpto de que nos occupamos.

74. Dentre os escriptores, que em particular se occuparam modernamente da historia financeira e economica dos gregos, mencionemos: os francezes — Beaumont,¹ Ganilh,² Reynier,³ Bargemont,⁴ Parieu,⁵ Blanqui,⁶ Du Mesnil-Marigny,⁷ Jonnés;⁸ os allemães — Hopfner,⁹ Boeckh,¹⁰ Heeren,¹¹ Weitzel,¹² Schoemann,¹³ Mohl,¹⁴ Schneiderhahn,¹⁵ e Stoll;¹⁶ os inglezes — Wallace,¹⁷ Mac-

¹ *Considérations historiques sur les impôts*,—Lond., 1760, 2 vol., 8.º; *Loisirs du chevalier d'Éon*,—Amsterd., 1775, 13 vol., 8.º

² *Essai politique sur le revenu des peuples de l'antiquité*,—Par., 1823, 2 vol., 8.º

³ *De l'économie politique et rurale des grecs*,—Par., 1825, 8.º

⁴ *Histoire de l'Économie politique*,—Par., 1841, 2 vol., 8.º

⁵ *Traité des impôts*,—Par., 1867, 4 vol., 8.º; *Histoire des impôts généraux*,—Par., 1856, 8.º

⁶ *Histoire de l'économie politique*,—Par. 1860, 2 vol., 16.º

⁷ *Vid.* p. 32, n. 2.

⁸ *Vid.* p. 3, n. 1.

⁹ *Beschreibung des häuslichen, sittlichen, politischen, kriegerischen wissenschäftlichen Zustandes des Griechchen*,—Erf., 1806-11, 4 vol., 8.º

¹⁰ *Die Staates-Hausaltung der athener*, Berl., 1817-18, 2 vol., 8.º; *Économie politique des athéniens*,—Par., 1828, 2 vol., 8.º, v. fr. de Laligaut; *Urkunden über das Seewesen des attischen Staates*,—Berl., 1840, 8.º

¹¹ *Vid.* p. 42, n. 6.

¹² *Geschichte der Staates wissenschaft*,—Tubing., 1833, 8.º

¹³ *Antiquitates juris publici græcorum*,—Greifswald., 1838.º, 8.º

¹⁴ *Die geschichte und literatur der Staates wissenschaften*,—Erlang., 1855-58, 3 vol., 8.º

¹⁵ *Die Entwicklung der attischen demokatie von Perikles bis in die Zeit des Demosthenes*,—Tubing., 1867, 4.º

¹⁶ *Geschichte der griechen bis zur Unterwerfung unter rom*,—Hannor., 1868, vol., 8.º

¹⁷ *A dissertation on the numbers of mankind in ancient and*

Bluch,¹ Hume,² e Grote;³ os italianos — Postelli,⁴ Jorio,⁵ Mantu.⁶

Dos que escreveram sobre assumptos auxiliares da ciencia das finanças, como o socialismo, o communismo, pauperismo, a beneficencia publica, o commercio, a arinha, a historia politica ou social, e que nos podem proveitar no presente estudo, apontaremos: os francezes — Bougainville,⁷ Huet,⁸ Salzade,⁹ Despreaux,¹⁰ Ronon,¹¹ Barthélémy,¹² Ruet,¹³ Ganill,¹⁴ Boinvilliers,¹⁵

derne times,—Lond...., 8.º; *Dissertation historique sur la pulation*,—Amsterd., 1769, 8.º v. fr. de Eidous.

¹ *The principles of political Economy*,—Edimb., 1849, 8.º; *Principes d'Économie politique*,—Par., 1851, 2 vol., 8.º, v. fr. Ang. Plauche; *A Dictionary geographical, statistical, and historical*,—Lond., 1851, 2 vol., 4.º; *The litterature of political Economy*,—Lond., 1845, 8.º

² *Philosophical works complete*,—Lond., 1854-56, 4 vol., 8.º

³ *A History of Greece, from the earliest period to the close of the generation contemporary with Alexander the Great*,—Leipz., 1869, 2 vol., 8.º

⁴ *De magistratibus atheniensium*,—1541, 8.º

⁵ *Storia del commercio e della navigazione*,—Napol., 1778-83, 4 vol., 4.º

⁶ *Vid.* p. 44, n. 7.

⁷ *Discours sur les métropoles grecques*,—Par., 1745, 12.º; e *Mem. de l'Academ. des inscript. et bel. lett.*

⁸ *Histoire du commerce et de la navigation des anciens*,—Lion, 1763, 8.º

⁹ *Recueil des monnoies*,—Brux., 1767, 4.º

¹⁰ *Histoire générale et particulière de la Grèce*,—Rouen, 1780-89, 16 vol., 12.º

¹¹ *Essai sur les monnaies anciennes et modernes*,—Par., 1792, 8.º

¹² *Voyage du jeune Anacharsis en Grèce*,—Par., 1799, 2 vol., 4.º

¹³ *Tableau chronologique de l'histoire universelle du commerce des anciens*,—Par., 1809, 2 vol., 4.º

¹⁴ *Vid.* p. 62, n. 2.

¹⁵ *Dictionnaire des antiquités grecques de Fungault*,—Par., 1824, 8.º

Bargemont,¹ Chamborant,² Tailhand,³ Luvine,⁴ Christophe,⁵ Thonissen,⁶ e Sudre;⁷ dos italianos,—Denina,⁸ e Cibrario,⁹ além dos já citados; os inglezes—Gillies,¹⁰ Anderson,¹¹ Mifford,¹² Jacob,¹³ e Thirlwall;¹⁴ os allemaes—Manso,¹⁵ Müller,¹⁶ Kruse,¹⁷ Gouroff,¹⁸ Brouwer,¹⁹ Zacharias,²⁰ Wachsmuth,²¹ Kortum,²² Schlickeysen,²³ Otreschkoff,²⁴ e Held.²⁵

¹ *L'Économie politique chrétienne*,—Par., 1834, 3 vol., 8.º

² *Du paupérisme*,—Par., 1842, 8.º

³ *Histoire philosophique de bienfaisance*,—Par., 1847, 8.º

⁴ *Histoire secrète et publique de la police ancienne*,—Par., 1847, 4 vol., 8.º

⁵ *Du problème de la misère et de sa solution chez les peuples anciens et modernes*,—Par., 1851, 3 vol., 8.º

⁶ *Le socialisme depuis l'antiquité jusqu'à nos jours*,—Louvain, 1852, 2 vol., 8.º

⁷ *Histoire du communisme*,—Par., 1856, 18.º

⁸ *Istoria politica e letteraria della Grecia*,—Venez., 1784, 4 vol., 8.º

⁹ *Della Economia politica del medio-evo*,—Tur., 1841, 3 vol., 8.º

¹⁰ *History of the ancient Greece*,—Lond., 1786, 2 vol. 4.º

¹¹ *Historical deduction of commerce*,—Lond., 1790-1801, 4 vol., 8.º

¹² *History of Greece*,—Lond., 1822, 10 vol., 8.º

¹³ *History inquiry in to the production and consumption of the precious metals*,—Lond., 1831, 2 vol., 8.º

¹⁴ *History of Greece*,—Lond., 1855, 6 vol., 8.º

¹⁵ *Sparta*,—Leipz., 1800, 5 vol., 8.º

¹⁶ *Geschichten hellenischer Stämme*,—Bresl. 1820-24, 2 vol., 8.º

¹⁷ *Hellas, oder geographisch-antiquarische Darotellung des alten Griechelands und seiner Colonien*,—Leipz., 1825, 3 vol., 8.º

¹⁸ *Recherches sur les enfants trouvés*,—Par., 1829, 4.º

¹⁹ *Histoire de la civilisation morale et religieuse des grecs*,—Gronnig., 1633, 2 vol., 8.º

²⁰ *Vom Staate*,—Heidelb., 1842, 3 vol., 8.º

²¹ *Hellenische alterthumskunde aus dem Gesichtspunkte des Staatz*, Hall., 1843-44, 2 vol., 8.º

²² *Geschichte Griechenlands*,—Heidelb., 1854, 3 vol., 8.º

²³ *Erklärung der abkürzungen auf Münzen des alterthums*,—Berl., 1855, 8.º

²⁴ *De l'or et de l'argent*,—Par., 1856, 8.º

²⁵ *Staat und Gesellschaft vom Standpunkte der Geschichte des Muscheit und des staates*,—Leipz., 1863, 3 vol. 8.º

5. A historia financial da civilisação romana na época do seu apogeu, desde Cesar aos Antoninos, mais do que a grega nos dispensa, para a compormos, de recorrer a todos os monumentos da litteratura dos romanos; assim vamos restringindo, a mais e mais, o plano que façamos a proposito das primitivas civilisações. É que, em Roma, as sciencias politicas, administrativas e economicas, começavam já por ventura a ter vida propria, a figurar por isso como elementos distinctos no mundo das sciencias sociaes, embora involvidos ainda nos tratados e repositorios juridicos que chegaram até nós. Mas, esperando que a rapida resenha, que vamos fazer, se circumscreva em área bibliographica mais restricta, não pense que, para fazer a historia das finanças romanas, se pode prescindir de consultar alguns monumentos litterarios, embora pareçam ter com este assumpto relação menos proxima.

Assim, poderemos dividir as fontes, que vamos resenhar, em:

- a) Livros romanos ou gregos, especiaes;
- b) Livros romanos ou gregos, subsidiarios;
- c) Livros modernos.

76. Estudaremos em livros especiaes a organização das receitas e despezas publicas do imperio romano, a organização dos seus serviços publicos, tanto civis e politicos, como militares, maritimos e administrativos, e enfim o estado da riqueza publica.

D'estes livros, devemos citar, em primeiro logar, o *Codex theodosiano*,¹ o *Digesto* e o *Codigo* de Justinia-

¹ *Codex theodosianus*; Jac. Gothofredi, — Leipz., 1736-45, 6 vol., f.; — Mant., 1740 seg., 7 vol., f.; — Venez., 1750, 6 vol., f.; — *Novellæ*, Zisardini, — Faenz., 1766, 8.º; *Codicis theodosiani fragmenta inedita*, Amad. Peyron, — Tur., 1823, 4.º; *Id.*, Wenck, — Leipz., 1825, 8.º; *Codices gregorianus, hermogenianus, theodosianus*, Hänel, — Bonn., 1842, 4.º

no,¹ nos quaes achamos alguns titulos peculiares ao nosso estudo, não esquecendo muitos dos fragmentos dos antigos jurisconsultos e legisladores de Roma, que aquelles vastissimos repositorios conservaram, e que são para as nossas indagações, um subsidio importante.

Alem d'estas fontes, que poderemos chamar officiaes temos a fonte abundantissima dos escriptores romanos e dos gregos que escreveram sobre as coisas romanas os quaes nos legaram passagens especiaes ácerca da organização administrativa, tributaria, politica e economic dos romanos.

D'entre os gregos, citamos: Polybio,² Strabão,³ Plutarco,⁴ Diodoro,⁵ Flavio Josepho,⁶ Eliano,⁷ Appiano.

¹ *Corpus juris civilis, cum notis integris D. Gothofredi, oper et studio S. v. Leeuwen*,—Amsterd., 1663, 2 vol., f.;—Leipz. 1738, 2 vol., f.;—Bal., 1756, 2 vol., f.; 1781, 2 vol., f.; Krigellii,—Leipz., 1827-43, 8.º; Beck,—Leipz., 1829-37, 2 vol. 8.º; Galisset,—Par., 1855, 4.º; *Corps de droit civil romain*,—Metz, 1803-13, 14 vol., 4.º, (text. lat. e v. fr.); *Id.*, 68 vol. 12.º (*id.*); *Id.*, Otto, Schilling, Saintenis,—Leipz., 1839, 7 vol. 8.º, v. all.

² *Vid.* p. 59, n. 4.

³ *Vid.* p. 43, n. 5.

⁴ *Vid.* p. 47, n. 5.

⁵ *Vid.* p. 43, n. 6.

⁶ *Vid.* p. 46, n. 3.

⁷ AELIANI et LEONIS imperatoris, J. Meurs, S. Arcer,—Leyd., 1613, 4.º, (text. gr. e v. lat.); *La milice des grecs et romains*, L. M. Rosaincourt,—Par., 1616, 8.º, v. fr.; *Id.*, Bussy,—Par., 1757, 2 vol., 12.º, (*id.*)

⁸ *Romanarum historiarum quae supersunt*, Didot,—Par., 1839, 8.º, (text. gr. e v. lat.); APPIANI ALEXANDRINI, *Hist. rom.*, Bekker, Leipz., 1852-53, 2 vol., 8.º; APPIEN ALEXANDRIN.,..... *des guerres des romains*, Cl. Saissèl,—Lyon, 1544, f., v. fr.;—Par., 1569, f. (tom a Iberica e a Annibalica);—Par., 1530, 8.º (*id.*); Odet Ph. des Mares,—Par. 1660, f., v. fr.; *Hist. des guerres civiles de la répub. rom.*, Combes-Dounous,—Par., 1808, 3 vol., 8.º, v. fr., (comprende só os liv. XIII a XVII).

Dio Cassio,¹ Arriano,² Herodiano,³ Trebelliano Pollio,⁴ Eusebio,⁵ Zozimo,⁶ Evagrias,⁷ e Zonaras;⁸ dentre os romanos: Cicero,⁹ Tito-Lívio,¹⁰ Varrão,¹¹ Sallustio,¹² Pli-

¹ *Historiæ romanae quæ supersunt*, H. Sam. Reimar, —Hamb., 1750-52, 2 vol., f. (text. gr. e v. lat.); Schœfer, —Leipz., 1818, 4 vol., 16.º, text. gr.; Reisk, Sturz, —Leipz., 1824-43, 9 vol., 3.º (text. gr. e v. lat.); CASSII DIONIS, *librorum perditorum fragmenta parisiensia*, Haase, —Bonn., 1840, 8.º; DIONIS CASSII, *rerum romanorum libri LXXX*, Beckker, —Leipz., 1849, 2 vol., 3.º, v. lat.; *Histoire romaine de DION CASSIUS*, Gros, —Par., 1845-56, 8.º, v. fr., (complet. em 1863-66, por Boisséac).

² *Vid.* p. 43, n. 7.

³ HERODIANI, *Historiarum libri VIII*, F. Aug. Wolff, —Hal., 1792, 8.º, text. gr.; Bekker, —Berl., 1826, 8.º (*id.*); 1855, 12.º (*id.*); *Histoire de HERODIEN*, N. Hub. de Montgault, —Par., 1745, 12.º, v. fr.; *Histoire rom.*, L. Halévy, —Par., 1860, 12.º, v. fr.

⁴ Nos *Historiæ Augustæ Scriptores*, VI, Cl. Salmas, J. Casaubon, —Par., 1820, f.; *Les écrivains de l'histoire d'Auguste*, Moulins, —Par., 1866, 3 vol., 12.º, v. fr.; J. Cheau, —Par., 1844-47, 3 vol., 8.º, v. fr.; Baudemeut, collect. Nisard.

⁵ *Vid.* p. 47, n. 10.

⁶ *Historia nova*, J. F. Reitemeier, —Leipz., 1784, 8.º (text. gr. e v. lat.); *Histoire rom.*, écrite par XIPHILIN, ZONARE et ZOZIME, Cousin, —Par., 1678, 4.º, v. fr.; *Geschichte*, Heyler, —Franf., 1802-4, 8.º, v. all.

⁷ *Historia ecclesiastica*, H. Valessii, —Oxf., 1844, 8.º; Cousin, —Par. 1675, 4 vol., 4.º, v. fr., (com a de Euseb.; *vid.* p. 37, n. 10).

⁸ *Lexicon*, G. Hermann, —Leipz., 1808, 3 vol., 4.º, text. gr.; *Annales*, Dubauge, —Par., 1686-87, 2 vol., f., (nos *Bysantine Historiæ Scriptores var.*, 12.º); Pinder, 1841-44, 2 vol., 8.º, no *Corpus Scriptor. hist. bysant.*, Dindorf, —Bonn., 1828, s., 3.º); *Histoire rom.* par XIPHILIN, ZONARE et ZOZIME, cit. h. n.

⁹ *Vid.* p. 50, n. 1.

¹⁰ *Vid.* p. 61, n. 9.

¹¹ *Vid.* p. 43, n. 10.

¹² *Quæ extant*, G. Cost, —Leipz., 1724, 2 vol., 4.º; S. Avercamp., Amsterd., 1742, 2 vol., 4.º; C. SALLUSTIUS, J. L. Bourzouf, —Par., 1821, 8.º; SALLUSTII *quæ extant*, F. D. Gerlach, Basil., 1823-31, 3 vol., 4.º; *Quæ supersunt*, R. Dietsch, —Leipz.,

nio,¹ Tacito,² Suetonio,³ Hygino grammatico,⁴ Quintiliano,⁵ Plinio Segundo,⁶ Justino,⁷ Eumenio,⁸ Lampridio,⁹ Vopisco,¹⁰ Aurelio Victor,¹¹ Symmaco,¹² Eutropio,¹

1858-59, 2 vol., 8.º; *Les oeuvres de Salluste*, D. de Lamalle,—Par., 1823, 8.º, v. fr.; Rozoir,—Par., 1856, 2 vol., 18.º, (text lat. e v. fr.)

¹ *Vid.* p. 43, n. 11.

² *Opera*, G. Brotier,—Lond., 1812, 5 vol., 8.º; Alex. Ruper-
ti,—Hanov., 1832-39, 4 vol., 8.º; F. Ritter,—Cambrigd., 1848
4 vol., 8.º; TACITE, Dureau de Lamalle,—Par., 1827, 6 vol.
8.º (text. lat. e v. fr.); *Oeuvres complètes*, J.-L. Bournouf,—
Par., 1829-33, 6 vol., 8.º, (text. lat e v. fr.)

³ *Opera*, Baumg. Crusius,—Leipz., 1816-18, 3 vol., 8.º;
Lond., 1820, 4 vol., 8.º; *Duodecim Cæsares et minora quæ su-
persunt opera*, Hase,—Par., 1828, 2 vol., 8.º; *Des vies des douze
Césars*, Lévesque,—Par., 1807, 2 vol., 8.º, v. fr.; Golbery,—
Par., 1832-33, 3 vol., 18.º, (*id.*); Baudement, (na collec. Ni-
sard.)

⁴ HYGINI grammatici et POLIBII, *De Castris romanis quæ ex-
tant*, R. H. Schel,—Amsterd., 1660, 4.º

⁵ *Vid.* p. 61, n. 18.

⁶ *Epistolarum libri X, et Panegyricus*, Lemaire,—Par., 1822-
23, 2 vol., 8.º, na collec. Nisard, (text. lat. e v. fr. de Sacy e
Bournouf); *Lettres et Panegyrique*, Sacy et Pierrot, Par., 1833,
3 vol., 8.º, v. fr.

⁷ *Vid.* p. 61, n. 14.

⁸ *Panegyrici*, (nos *Panegyrici veteres*,—Lond.,—1828, 5 vol.,
8.º); *Spicilège de littérature ancienne et moderne*, Coupé,—Par.,
1802, 2 vol., 8.º, (v. fr. dos *Panegyrici veteres*); Laudriot,—
Par., 1854, (*id.*)

⁹ Nos *Historiæ Aug. Script.*, cit. *supra*.

¹⁰ Nos *Hist. Aug. Script.*, cit. h. n.

¹¹ *Historiæ romanæ breviarium*, J. Arntzen,—Amsterd., 1733,
4.º; *Origine du peuple romain, hommes illustres, histoire des Cæ-
sars, vies des empereurs*, Dubois,—Par., 1846, 8.º, v. fr.; e nos
Hist. Aug. Script., cit. h. n.

¹² *Epistolarum libri X*, F. Jureto,—Par., 1604, 4.º;—Leyd.,
1653, 12.º; Q. AURELII SYMMACHI, *VIII orationum ineditarum
partes*, Aug. Maius,—Mil., 1815, 8.º;—Françf., 1816, 8.º

¹³ *Breviarum historiæ romanæ*, Tzschucke,—Leipz., 1804, 8.º;
—Lond., 1821, 8.º; na collec. de Nisard, (text. lat. e v. fr. de
Baudement).

actancio, ¹ Ammiano Marcellino, ² Vegesio, ³ Cassiodoro, ⁴ Rutilio Numaciano, ⁵ e Jornandes. ⁶

Completaremos emfim o nosso estudo, — avaliaremos o estado do commercio e da industria na sociedade romana; apreciaremos a sua architectura, os seus usos e costumes, o seu luxo e a sua miseria; veremos qual o desinvolvimento que ali tomou a beneficencia publica, qual o valor, uso e abundancia da alimentação geral, e como aquella sociedade soube ampliar a viação publica e proteger e animar a propriedade urbana, rural e pecuaria; calcularemos o movimento da sua população; avaliaremos os seus censos e as causas que lá determinaram a emigração, — lançando mão de todos os elementos históricos e estatísticos que, em favor do nosso estudo, encontramos nos seguintes escriptores: Dionysio, ⁷ Possi-

¹ *Opera omnia*, J. L. Büllemann, — Leipz., 1739, 8.º; Le Brun, Du Fresney, — Par., 1748, 2 vol., 4.º; — Rom., 1754-59, 4 vol., 8.º; Besançon; 1838, 8.º; *De mortibus persecutorum*, Paul, Bauldri, — Utrecht, 1692-93, 8.º; *Traité de la mort des persécutés*, Maucroix, — Par., 1680, 12.º, v. fr.

² *Vid.* p. 49, n. 12.

³ *Institutorum rei militaris lib. v*, Valard, — Par., 1762, 12.º; *De re militari lib. v*, N. Schwabel, — Nuremb., 1767, 4.º; — Strasb., 1806, 8.º; *Institutiones militares*, B. Ligras, — Par., 1759, 12.º, v. fr.; Bougars, — Par., 1712, 12.º, (*id.*); collect. de Nisard.

⁴ *Opera omnia*, J. Garet, — Rouen, 1679, 2 vol., f.; — Venez., 1729, 2 vol., f.

⁵ *De reditu suo lib. II*, A. W. Zumpt, — Berl., 1840, 8.º; nos *Poetae latini minores*, J. C. Vernsdorf, — Altenb., 1780-98, 10 vol., 8.º, t. v.; *Itinéraire de RUTILE*, F. Z. Collombet, — Par., 1842, 8.º, v. fr.; e na collec. Nisard.

⁶ *Historiæ antiquæ*, (nos *Scriptores rerum italicarum*, Muratori, — Mil., 1723-51, 29 vol., f., t. I; e nos *Monumenta Germaniæ historica*, G. H. Pertz, — Hanov., 1826-61, 17 vol., f., incompl.); *De la succession des royaumes et des temps*, Savayner, — Par., 1843, 8.º, v. fr.; *Collect.* Nisard.

⁷ *Antiquitatum romanorum libri quodquod supersunt*, Hudson, — Oxf., 1704, 2 vol., f., (text. gr. e v. lat.); *Opera omnia*, J. U. Reisk, Leipz., 1774-77, 6 vol., 8.º, (*id.*); A. Mai, — Leipz.,

donio,¹ Athenaeu,² Apollinário,³ Sócrates o escolástico, Procopio,⁵ gregos; romanos — Plauto,⁶ Cátão o antigo, Vitruvio,⁸ Virgílio,⁹ Horácio,¹⁰ Ovidio,¹¹ Catullo,¹² Juvenal,¹³ Columella,¹⁴ Valério Máximo,¹⁵ Seneca,¹⁶ Flo-

1823, 6 vol., 16.º, text. gr.; *Les antiquités romaines*, F. Bellanger,—Par., 1723, 2 vol., 4.º, v. fr.

¹ POSSIDONII RHODII, *Reliquiae doctrinae*, Ball, Wythenbach, —Leyd., 1810, 8.º; e nos *Fragmenta historicorum graecorum*, Didot,—Par., 1841, 5 vol., 8.º, t. III.

² *Vid.* p. 47, n. 6.

³ APOLLINARIUM, *Interpretatio psalmodiarum*, —Par., 1580, 8.º; Sylburge,—Heidelb., 1596, 8.º

⁴ *Ecclesiastica historia*, Valesii, —Oxf., 1844, 8.º, text. gr.; R. Hussey,—Oxf., 1853, 3 vol., 8.º (text. gr. e v. lat.); Migne, —Petit-Montrouge, 1859, 8.º (*id.*), e nas ediç. de Eusebio, (*vid.* p. 47, n. 10.

⁵ *Vid.* p. 55, n. 3.

⁶ *Vid.* p. 48, n. 4.

⁷ *Catoniana*, sive M. PORCII CATONIS, *ensoris, Quae supersunt operum fragmenta*, H. A. Lion, —Gotting., 1826, 8.º; *De re rustica*, (nos *Scriptores rei rusticae*); *Économie rurale*, v. fr de Antoine, (na *Collect.* Nisard.)

⁸ *Vid.* p. 61, n. 10.

⁹ *Vid.* p. 50, n. 2.

¹⁰ *Vid.* p. 50, n. 3.

¹¹ *Vid.* p. 61, n. 7.

¹² *Opera omnia*, Lond., 1822, 2 vol., 8.º; *Carmina*, Silling,—Gotting., 1823, 8.º; Heysé,—Berl., 1855, 8.º; CATULLE, H. Guerle,—Par., 1837, 8.º, v. fr.; (na *Collect.* Nisard, v. de Collet).

¹³ *Satyrae*, Rupert,—Leipz., 1801, 3 vol., 8.º; —Par., 1810, 2 vol. 8.º; König,—Lond., 1835, 8.º; Schopen,—Bonn., 1840, 2 vol., 8.º; *Satyres de Juvenal, de Perse et de Sulpice*, O. Di-verneresse,—Par., 1831, 2 vol., 32.º, (text. lat. e v. fr.)

¹⁴ *De re rustica*, (nos *Scriptores rei rusticae*, de Got. Schneider,—Leipz., 1794-97, 7 vol., 8.º; e nos *Agronomes latins*, de Nisard,—Par., 1844, 8.º, text. lat. e v. fr.); *Économie rurale de Columelle*, Du Bois,—Par., 1845-46, 3 vol., 8.º (*id.*)

¹⁵ VALERII MAXIMI, *Dictorum et factorum memorabilium*, Ab. Torren,—Leyd., 1726, 4.º; —Lond., 1822, 3 vol., 8.º; Kempf.—Berl., 1854, 8.º; VALÈRE MAXIME, Peuchot, Allais,—Par., 1822, 2 vol., 12.º, (text. lat. e v. fr.); Fremion,—Par., 1827-28, 3 vol., 8.º (*id.*); *Collect.* de Nisard, v. de Baudement.

¹⁶ *Vid.* p. 61, n. 11.

1. Frontino, 2 Aulo Gellio, 3 Apuleu, 4 Orosio, 5 Juliano
 apostata, 6 Idacio, 7 Salviano, 8 Macrobio, 9 e Sidonio
 Apollinario.¹⁰

1 FLORUS et LUCIUS AMPELIUS, Duker, — Leyd., 1744, 8.º;
 Fischer, — Leipz., 1760, 8.º; *Epitome rerum romanarum*, — Leipz.,
 1832, 2 vol., 8.º; LUCII FLORI, *Epitome de Tit. Liv. bellorum
 annium annorum dcc libri II*, O. Jann., — Leipz., 1853, 8.º;
Abregé de l'histoire romaine de FLORUS, Paul, — Par., 1827, 8.º,
 text. lat. e v. fr.); *Histoire romaine*, Rozair, — Par., 1829, 8.º,
 v. fr.; Pagané, — Par., 1833, 8.º, v. fr.; *Collect. de Nisard*, v.
 de Baudement.

2 *Libri IV Strategematicon*, Oudendorf, — Leyd., 1779, 8.º;
 Diederich, — Ves., 1841, 8.º; *Les Stratégèmes, de Frontin*, D'A-
 blancourt, — Par., 1730, 3 vol., 8.º, v. fr.; *De aquæ ductibus ur-
 bis Romæ*, Polen, — Batav., 1722, 4.º; *Commentaire de S. J.
 Frontin sur les aqueducs de Rome*, Rondelet, — Par., 1820-21,
 2 vol., 4.º, (text. lat. e v. fr.); SEXTUS JUL. FRONTIN, *Les Stra-
 tagèmes, tiqueducs de la ville de Rome*, Bailly, — Par., 1849, 8.º,
 v. fr.; *De limitibus* (?), (nos *Romani agrimensores* de Blanc-
 Lachmann, — Berl., 1853.

3 *Vid. p. 47, n.º 13.*

4 *Vid. p. 48, n.º 7.*

5 *Adversus paganos historiarum libri VII, ut et apologeticus
 contra Pelagium, de arbitrii libertate*, Havercamp, — Leyd., 1738,
 4.º; — Montrouge, 1856, gr.

6 *Opera quæ supersunt omnia*, Spanheim, — Leipz., 1696, f.,
 (text. gr. e v. lat.); *Oeuvres complètes*, Toverlet, — Par., 1821,
 3 vol., 8.º, v. fr.

7 *Chronicon et fasti consulares*, J. Sirmond, — Par., 1619,
 8.º, (nas *Opera varia* do mesmo Sirmond, — Par., 1695, 4 vol.,
 f., t. II, p. 230; na collec. de Bouquet, *Récueil des historiens
 des Gaules et de la France*, — Par., 1738-1835, 21 vol., f., t. I;
 e em Sandoval, *Hist. de los reyes de Castilla y de Leon*, — Pampl.,
 1615, f.)

8 *Opera*, S. Baluz, — Par., 1684, 8.º; (em Migne, *Patrologia
 latina*, t. LIII, p. 496); *Oeuvres de Salvien*, Collombet, — 1833-
 34, 2 vol., 8.º, (text. lat. e v. fr.)

9 *Opera quæ supersunt*, Gronov., — Leyd., 1670, 8.º; Valpii,
 — Pad., 1736, 8.º; L. Jann., — Leipz., 1848, 2 vol., 8.º; *Collect.
 de Nisard*, v. fr. de Mahul.

10 *Opera*, J. Sismondi, Labbe, — Par., 1652, 4.º; *Oeuvres*, Col-
 lombet, — Lyon, 1836, 3 vol., 8.º, (text. lat. e v. fr.)

77. A bibliographia antiga, como vemos, é sobre maneira abundante em indicações para a historia das finanças romanas; e comtudo não o é menos a moderna, sendo que a critica, em nossos dias, tem accumulado numerosos elementos que esclarecem e explicam a civilização romana em todas as suas particularidades.

Para não tornar prolixas estas resenhas bibliographicas, só indicaremos dos livros modernos aquelles que mais nos convem consultar, e de cuja leitura melhores fructos auferiremos para a historia da organização financeira entre os romanos.

D'entre os escriptores que, a par de outros assumptos, tractam da organização economica e financeira entre os romanos, bastará mencionar: Gódofredo,¹ Chassipol,² Bouchaud,³ Bilhon,⁴ Pastoret,⁵ Dureau de Lamalle,⁶ Laferrière,⁷ Giraud,⁸ Levasseur,⁹ Parieu,¹⁰ Duruy,¹¹ Gui-

¹ Nas not. e comment. do *Corp. Jur. Civ. Rom.*, (Vid. p. 66, n. 1.) e nos *Paratitla* ao *Cod. Theodos.*, (Vid. p. 65, n. 1).

² *Traité des finances et de la fausse monnaie des romains*, — Par., 1740, 12.º

³ *De l'impôt du vingtième sur les successions, et l'impôt sur les marchandises chez les romains*, — Par., 1772, 8.º; *Recherches historiques sur la police des romains*, — Par., an. VIII, 8.º

⁴ *Gouvernement des romains*, — Par., 1807, 8.º; *Principes d'administracion et d'économie politique des anciens peuples*, — Par., 1819, 8.º

⁵ *Vid.* p. 50, n. 11.

⁶ *Economie politique des romains*, — Par., 1840, 2 vol., 8.º; (e var. mem. nas da *Academ. des Inscript.*, t. X, XII e XIV).

⁷ *Histoire du droit français*, — Par., 1845-58, 6 vol., 8.º, (na introd.); *Cours de droit public et administratif*, — Par., 1854-60, 2 vol., 8.º

⁸ *Histoire du droit romain*, — Par., 1847, 8.º; *Recherches sur le droit de propriété chez les romains*, — Aix, 1838, 2 vol., 8.º

⁹ *De pecuniis publicis, quomodo apud romanos quarto post Christum sæculo ordinarentur*, — Par., 1854.

¹⁰ *Histoire des impôts généraux sur la propriété et le revenu*, Par., 1856, 8.º; *Traité des impôts*, — Par., 1866-67, 4 vol., 8.º

¹¹ *État du monde romain vers le temps de la fondation de l'empire*.

ot, ¹ Blanqui, ² e Ortolan; ³ inglezes, italianos e hispanhoes,—Muratori, ⁴ Gibon, ⁵ Torres, ⁶ Mengotti, ⁷ Nardini, ⁸ Baudi de Vesmi, ⁹ Cantu; ¹⁰ allemães e hollandezes—Burmann, ¹¹ Hegewich, ¹² Bosse, ¹³ Niebuhr, ¹⁴ Savigny, ¹⁵ Lau, ¹⁶ Mommsen. ¹⁷

¹ *Essais sur l'histoire de France*,—Par., 1860, 8.º (I, *Du régime municipal dans l'empire romain*); *Histoire générale de la civilisation en Europe et en France*,—Par., 1859-60, 5 vol., 8.º; (ou I, 12.º); *Histoire des origines du gouvernement représentatif et des institutions politiques en Europe*,—Par., 1855, 2 vol., 8.º, ou 12.º).

² *Vid.* p. 62, n. 6.

³ *Histoire de la législation romaine*,—Par., 1863, 8.º

⁴ *Antiquitates italicæ mediæ ævi*,—Mil., 1738-42, 6 vol., f.; *Dissertazioni sopra le antichità italiane*,—Rom., 1792, 6 vol., 8.º; *Kerum italicarum scriptores præcipui*,—Mil., 1723-51, 29 vol., f.; *Annali d'Italia*,—Rom., 1786, 20 vol., 8.º; *Delle antichità estensi et italiane*,—Moden., 1717-40, 2 vol., f.; *Novus thesaurus veterum inscriptionum*,—Mil., 1739-42, 4 vol., f.

⁵ *History of the decline and fall of the roman empire*,—Lond., 1788, 12 vol., 8.º;—Oxf., 1828, 8 vol., 8.º; (e nas *The same history*);—Lond., 1130, 8.º;—Par., 1840, 8 vol., 8.º); *Histoire de la décadence et de la chute de l'empire romain*,—Par., 1819, 13 vol., 8.º, v. fr.;—Par., 1829, *id.*, *id.*

⁶ *Memoria apologetica del commercio e coltura dei romani*,—Venez., 1788, 8.º;—*ib.*, 1791.

⁷ *Del commercio de' Romani*,—Veron., 1797, 8.º;—Venez., 1803, *id.*

⁸ *Roma antica*,—Rom., 1818-20, 4 vol., 8.º

⁹ *Vicende della proprietà in Italia*,—Tur., 1836, 4.º

¹⁰ *Vid.* p. 44, n. 7.

¹¹ *Vectigalia populi romani*,—Leyd., 1774, 4.º

¹² *Historische Versuch über die römischen finanzen*,—Alton., 804, 8.º

¹³ *Grundzüge des finanzwesens im römischen staate*,—Brannschw., 1804, 2 vol., 8.º

¹⁴ *Römische geschichte*,—Berl., 1828-32, 3 vol., 8.º;—*ib.*, 1853, 1 vol., *id.*; *Histoire romaine*, B. P. A. de Golbery,—Strasb., et Par., 1830-40, 7 vol., 8.º, v. fr.; *Historische und philologische Vorträge*, (I, *Römische geschichte*,—Berl., 1846-48, 3 vol., 8.º, Isler; IV, *Römische alterthümer*,—Berl., Isler, 1858, 8.º); *Lectu-*

Dentre os escriptores que tractaram da organisação politica e administrativa dos romanos e dos variados factos da sua estatistica social, e que por isso é de incontestavel vantagem consultar, citamos: os francezes — Burnouf,¹ Jonnés,² Bergier,³ Levasseur,⁴ Cujas,⁵ Montesquieu,⁶ Beaufort,⁷ Texier,⁸ Delamarche,⁹ Ozaneaux,¹⁰ Mongarède,¹¹ Cuchan,¹² Naudet,¹³ Reynaud,¹⁴ Serri-

res on ancient history,—Lond., 1852, 3 vol., 8°, v. ingl. de I. Schmitz.

¹ *Geschichte des römischen rechts im mittelalter*,—Heidelb. 1850-51, 7 vol., 8°; *Histoire du droit romain au moyen âge* Ch. Guenoux.—Par., 1839, v. fr.; *Die roemische Steuerverfassung unter den Kaisern*,—Berl., 1822-23; (nas *Abhand. v. Acaad Berl.*, e nos *Vermischte schriften*,—Berl., 1850, 5 vol., 8°)

² *Lehrbuch der politischen Economie*,—Heidelb., 1858-60; 3 vol., 8°, (t. III, *Finanzwissenschaft*. É a 6.ª edic. a que citamos; está-se porém fazendo a 7.ª); *Traité d'Economie nationale*. F. R. de Kemmeter,—Brux., 1839, 8°, (v. fr. da P. I, ou economica).

³ *Römische Geschichte*,—Berl. 1861, 3 vol., 12°; *Histoire romaine*, Alf. Alexandre,—Par., 1862-64, 4 vol., 12°, v. fr. *Geschichte des römischen Münzwesens*,—Berl., 1860, 8°

⁴ V. fr. de Tacito. *Vid.* p. 55, n. 4.

⁵ *Vid.* p. 3, n. 1.

⁶ *Histoire des grands chemins de l'empire romain*,—Bruxel., 1728 (ou 1736), 2 vol., 4°

⁷ *Vid.* p. 72, n. 9.

⁸ *Opera omnia*,—Neapol., 1758-83, 11 vol., f.

⁹ *Considérations sur les causes de la grandeur des romains de leur décadence*, (nas *Oeuvres complètes*),—Par., 1839, 2 vol., 12°

¹⁰ *La république romaine*,—Par., 1767, 6 vol., 12°

¹¹ *Du gouvernement de la république romaine*,—Par., 1797, vol., 8°

¹² *Recherches historiques*,—Par., 1806, 8°

¹³ *Les Romains*,—Par., 1845, 8°

¹⁴ *Hist. de la révol. qui renversa la repub. rom.*,—Par., 1820 2 vol. 8°; *Hist. du siècle d'Auguste*,—Par., 1840, 8°

¹⁵ *Tacite et son siècle*,—Par., 1881, 2 vol., 8° (1).

¹⁶ *Des changements de l'administration de l'empire rom.*,—Pa. 1817, 2 vol., 8°

¹⁷ *Relations polit. et commerc. de l'empire rom.*, Par., 1863, 8°

gny,¹ Marchand,² Champagny,³ Dùmont,⁴ Christophe;⁵ os inglezes, italianos e allemães — Duni,⁶ Gruter,⁷ Hooke,⁸ Drumann,⁹ Reumont,¹⁰ Gregorovius,¹¹ Beker,¹² Lord,¹³ Rubino,¹⁴ Herzberg,¹⁵ Preuss,¹⁶ Heeren,¹⁷ Sudre,¹⁸ Hegewisch,¹⁹ Bosse.²⁰

78. A idade média offerece ao nosso estudo um interesse, por ventura superior ao que podemos achar em qualquer das epochas de que temos fallado; mas, ao mesmo tempo, se quizermos fazer a resenha das fontes da sua historia financeira, achamos aqui mais difficuldades do que nas epochas alludidas, exceptuando comtudo a India e o Egypto.

A idade média não tem limites precisos, traçados pelos acontecimentos, e que seja impossivel alargar sem violencia das leis da historia e da razão, ou assentados pelo

¹ *Droit public et administratif romain*,—Par., 1863, 2 vol., 8.º

² *Notice sur Rome*,—Par., 1869, 8.º

³ *Études sur l'empire rom.*,—Par., 1870, 3 vol., 12.º

⁴ *Recherches historiques et crit.*,—Par., 1779, 8.º

⁵ *Du droit à l'oisiveté*,—Par., 1868, 8.º

⁶ *Origine e progressi del cittadino romano*,—***

⁷ *Inscriptiones antiquæ totius orbis romani*,—Amsterd., 1707, 4 vol., f.

⁸ *Roman history*,—Lond., 1766, 4 vol., 4.º, (ou 11 vol., 8.º)

⁹ *Geschichte roms.*,—Königsb., 1834-44, 6 vol., 8.º

¹⁰ *Geschichte des Stadt rom.*,—Stutg., 1868, 6 vol., 8.º

¹¹ *Handbuch der romische alterthümer*,—Leipz., 1868, 8.º

¹² *Old Roman World*,—New-York, 1868, 8.º

¹³ *Beiträge zur Vorgeschichte italiens*,—Leipz., 1869, 8.º

¹⁴ *Geschichte Grischenlands unter der Herrschaft der Römer*,—Hall., 1869, 3 vol., 8.º

¹⁵ *Geschichte des stadt rom.*,—Berl., 1868, 2 vol., 8.º

¹⁶ *Kaiser Diocletian und seine Zeit*,—Leipz., 1869, 8.º

¹⁷ *Vid.* p. 52, n. 2.

¹⁸ *Vid.* p. 64, n. 7.

¹⁹ *Vid.* p. 73, n. 12.

²⁰ *Vio.* p. 73, n. 13.

consenso unanime dos historiadores:¹ não é dominada pelo vulto giganteo de uma civilisação que, como foco poderoso, chame a si e faça derivar de si todos os phenomenos intellectuaes e sociaes de que, durante seculos, a idade média foi activissimo laboratorio. Muito pelo contrario.

Se a queda do imperio romano occidental lhe marca ponto de partida, natural e por todos acceto,² não acontece todavia o mesmo emquanto ao termo da mesma epocha; pois que os factos, que naturalmente serviriam para encerrar o periodo medievido, ou não dizem directamente respeito ao organismo financeiro, e por isso seria violentar o espirito fazel-os marcos millenarios num caminho a que parecem alheios,³ ou respeitam especialmente a uma ou outra das individualidades collectivas que sobresaem na larga tela em que a humanidade, durante aquelles seculos, se estereotypou. Por onde, sendo aliás excellentes balisas para a historia particular, são insufficientes ou falsas para a geral e financeira.

Não são menores as difficuldades que derivam das proprias fontes, tanto coevas como posteriores, que será mister consultar.

As coevas, sobre escassas quanto ao numero, são defi-

¹ *Cantu*, (cit., p. 44, n. 7), *Moyen âge*, disc. prelim.; *D. Lévi*, *Éléments d'histoire générale*, — Par., 1864, 8.º, p. 16; *Dr. Ludwig Wachler*, *Lehrbuch der Litteratur-geschichte*, — Leipz., 1850, p. 134.

² *Vid.* comtudo *Wachler*, *h. n. 1*.

³ Referimo-nos á extincção do feudalismo, que, segundo alguns, deveria marcar o fim da idade media; ao apparecimento do methodo cartesiano, á reforma de Lutero, ao tractado de Westphalia etc., — factos que, segundo o modo de pensar de cada escriptor, servem para determinar *naturalmente* o fim da idade média. *Vid.* *Cantu*, l. c. *Montferrier*, *Encyclopédie mathématique*, — Par., 1859, 4 vol., 8.º, t. I, p. VIII et IX; *Ch. D'Orbigny*, *Dictionnaire universelle d'histoire naturelle*, — Par., 1841, 10 vol., 8.º, t. I, p. LXXXIV.

cientes e incompletas quanto á maneira por que reproduzem os factos, fastidiosamente minuciosos quasi sempre em assumptos sem importancia e barbaramente laconicas nos que a têm. As posteriores são, na maior parte, justamente suspeitas: umas deixam-se tomar de odio a tudo o que pertence á idade media, desdenhando todas as instituições, porque nasceram ou vigoraram entre os *barbaros*, ou porque dimanaram directamente do catholicismo; outras, em reacção aberta contra estas, deixam-se indevidamente arrebatadas de enthusiasmo por todas as instituições da idade media, vendo-as, não á luz serena da sciencia, mas ao esplendor da aureola poetica d'aquelles tempos cavalheirosos de heroismo audaz e de fé ardente.— Poucas conservam a imparcialidade necessaria para pintar com as côres da verdade os crimes ferozes e as virtudes admiraveis, a superstição baixa e a fé purissima, a vulgaridade brutal e a inspiração surprehendente, o cynismo torpe e a doutrina elevadissima, enfim a vida real d'essa epocha tão calumniada, tão vária, tão original, tão cheia de seiva, que prende a historia moderna á historia do mundo antigo.

Accresce a isto a difficuldade natural que se encontra, quando se procura apreciar devidamente as coisas da idade média: a indole d'aquella epocha, diversa da dos nossos tempos, exige serios estudos preparatorios; alem do que, a confusão em que lá se revolvem todos os elementos sociaes, a forma rude, inculta e desordenada das suas producções litterarias, e a aspereza e o grosseiro organismo da sua linguagem, embaraçando as nossas investigações, robustecem seriamente a repugnancia que sempre nos toma ao começarmos qualquer trabalho arido, e de resultados escassamente lucidos. A convicção, porém, de que muitas instituições tiveram seu berço na idade media, e de que, para bem se comprehenderem, lá devem ser estudadas; e as riquezas de originalidade em todas as modalidades da actividade humana, — compen-

sam de sobra o arduo labor e a fadiga improba que esse estudo nos custará.

79. Para irmos coherentes com as ideias geralmente recebidas em historia, a idade media abrangerá, para nós o periodo que decorre entre a quédá do imperio romano occidental (476), e a do imperio romano oriental, ou bysantino (1453); e tanto melhor isto nos parece, quanto é certo que este ultimo facto marca uma epocha importante na historia da sciencia financeira, a epocha da regularisação das contribuições, como veremos.

Para combinar, nos termos possiveis, os interesses de nosso estado com as leis geraes da historia e com a escassez do tempo, procuraremos indicar as fontes onde se poderá estudar o organismo financeiro dos estados que, neste periodo, apparecem e desaparecem, não ainda de todos, senão d'aquelles que sobresaem como tendo vida mais sua, propria, singular e poderosa, e como descrevendo, dentro da idade media, um cyclo completo em que mostraram seu desinvolvimento, apogeu, decadencia e morte. Aos estados que, partindo da idade media, ultrapassaram chegando até nós, alludiremos quando nos referirmos á epocha moderna.

De maneira que abrangeremos em nosso estudo os organismos notaveis d'aquelle periodo, que não legaram á nossa epocha um representante digno de especial menção, e afastaremos ao mesmo tempo a necessidade de repetirmos a indicação de muitas fontes,—o que aliás aconteceria, se quizessemos considerar a idade media como epocha historica totalmente separada da presente.

Algumas das instituições da idade media pereceram, como as das civilizações de que temos fallado; outras porém chegaram até aos nossos dias, ou robustecendo-se e desinvolvendo-se sempre, ou modificando-se e alterando-se segundo as leis historicas da sociedade.

Pelo que, não omitiremos o proveitoso estudo das

organizações financeiras já extintas, da idade média, dignas de serem estudadas por alguma especialidade, nem repetiremos a resenha das fontes das que chegaram até nós, nem tão pouco commetteremos o anachronismo de as lá estudar, ou o erro de scindirmos o seu estudo. Aos que vêem na idade media o vasto alfobre social e politico das modernas sociedades, imitando as duas resenhas terão um quadro unico, incompleto, é verdade, mas sufficiente para dirigir os primeiros passos na exploração d'aquella fecunda epocha!

Em harmonia com estas ideias, apontaremos as fontes em que podemos estudar o organismo financeiro do imperio oriental, ou byzantino, da monarchia ostrogothica, da longobarda, da dos frankos, da wisigothica, da dos anglo-saxões; o organismo dos povos do Islam, do imperio carlovingio, da monarchia dos normandos, da dos burgundihões; o organismo slavo e suevico; e, porque nesta epocha chegaram ao apogeu do seu desinvolvemente, incluiremos neste quadro, embora chegue até nós, o papado, a liga hanseatica, as republicas de Veneza, Pisa e Genova. Emfim. ou pela poderosa influencia que exerceram sobre todas as instituições sociaes, e, portanto, sobre as financeiras, ou porque, sem serem Estados, tiveram um organismo vasto, e, por mais de um motivo, digno de ser estudado pelo lado financeiro, incluímos tambem no mesmo quadro as ordens militares e as religiosas.

80. O aspecto geral do imperio romano do oriente, leetôa d'esse quadro da idade media que ha pouco esboçámos. Não nos deve surpreender isso porém, attendendo a que, se pela chronologia pertence á idade media, pertence pelo seu organismo á epocha anterior; pois que verdadeiramente não é mais do que uma continuação do organismo romano decadente, decompondo-se, depois de alterado pelas condições especiaes da sociedade grega,

differente, sob muitos aspectos, da sociedade romana. Essa também a razão porque o imperio de Bysancio nos offerece apenas o espectaculo triste de uma agonia longa que não excita a compaixão, de uma decomposição lenta, mas permanente, para que não ha piedade, de uma lucta de dez seculos sem grandeza, de uma civilisação requintada e sem nobreza, de uma sciencia de prodigiosa analyse, sem utilidade nem elevação. Intrigas de mulheres sem pudor, de aulicos sem brio, de eunuchos; estereis e ridiculas discussões de cerco: são os grandes interesses que se debatem nesta miserrima arena, cada vez mais e mais limitada pelos barbaros, e d'onde debalde procuramos ver surgir alguma instituição importante, alguma doutrina elevada, alguma invenção util ou grande, emfim algum titulo serio á admiração da posteridade. Nada d'isso. É uma vasta necropole onde, um após outro, se desconjuntam em podridão cadaverica todos os elementos sociaes que Bysancio recebera de Roma e que pudera ter rejuvenescido na occasião da reforma legal justiniana, a que já nos referimos.

O imperio bysantino não mereceria pois a nossa attenção se, como continuação do romano, o seu systema tributario não attrahisse o nosso estudo pelo interesse que a historia do seu organismo, relativamente perfeito, desperta; e se os actos de um ou outro imperador não merecessem ser indicados á observação dos que se occupam da sciencia financeira, que se aperfeiçoa, não só estudando como os grandes organismos se formam e desinvolem, senão também vendo como elles se decompõem e morrem, e como os grandes homens se hão esforçado por lhes espaçar a ruina final.

81. As fontes que, para isso, podemos consultar, são os monumentos legaes d'aquelle imperio onde de involta com a politica e a administração, aprenderemos a sua organização economica e financeira,

ção — o *Codigo Theodosiano*, ¹ o *Corpus Juris* ² de Jus-
tino, e as *Basilicas*. ³

Dos innumerados auctores que commentaram ou appli-
caram estas fontes, e que por isso podem, numa ou ou-
tra passagem, ser proveitosamente consultados, citare-
mos os seguintes, cujas obras se acham escriptas em
alemão: Gothofredo, ⁴ Heineccio, ⁵ Pothier, ⁶ Brunemann, ⁷

Vid. p. 65, n. 1.

Vid. p. 68, p. 1, *signanter*, em os titulos do *Digesto*: —
de rebus conducti, XIX, 2; *De publicanis et vectigalibus*, XXXIX, 4;
de rebus questionibus, XLVIII, 18; *Ad municipalem*, L, 1; *De muneribus
et honoribus*, L, 4; *De vacatione et excusatione*, L, 5; *De jure
juramentis*, L, 6; *De verborum significatione*, L, 16; e os se-
quentes titulos do *Codigo*: — *De episcopis et clericis*, I, 3; *De
muneribus et capitulatione*, I, 52; *De nudinis et mercationibus*, IV,
1; *De vectigalibus et commissis*, IV, 61; *De testamentis*, VI, 23;
de edicto divi Hadriani tollendo, VI, 33; *De annonis et tributis*,
VI, 16; *De indictionibus*, X, 17; *De immunitate nemini concedenda*,
X, 25; *De muneribus et honoribus*, X, 40; *De muneribus patri-
cium*, X, 41; *De excusationibus munerum*, X, 47; *De quibus
muneribus*, X, 48; *De auro coronario*, X, 74; *De aqueductu*, XI,
1; *De capitulatione civium*, XI, 48; *De agricolis et censitis*, XI,
1; *De censibus*, XI, 57; *De dignitatibus*, XII, 1.

ΒΑΣΙΛΙΚΩΝ libri LX, F. A. Fabrotus, — Par., 1647, 7 vol.,
text. gr. e v. lat.; *Basilicorum libri LX*, C. G. E. Heimbach,
Leipz., 1823-50, 5 vol. 4.º, (*id.*); *Supplementum*, A. Reitz;
Leyd., 1765, f., (*id.*); *Id.*, Zacarias v. Lingenthal, — Leipz.,
1846, 4.º, (*id.*).

⁴ *Opera juridica minora*, — Leyd., 1733, f.; *Codex theodosia-
cus*, *vid.* p. 65, n. 1.

⁵ *Elementa juris civilis secundum ordinem Pandectarum*, —
Grech, 1772, 2 vol. 8.º; *Historia juris civilis*, — Strasb., 1765,
2 vol. 8.º; *E varias passagens nas suas — Opera*, — Geneb., 1765-68,
3 vol., 4.º

⁶ *Pandectæ justinianæ*, — Lyon, 1783, 3 vol., f.; — Par.,
1820-22, 3 vol., f.; *Les Pandectes de Justinien*, — Par., 1812-24,
4 vol., 8.º, v. fr.

⁷ *Commentarium in L libros Pandectarum*, — Francf., 1762,
1 vol., f.; *Commentarium in Codicem*, — *ib.*, 1755, 2 vol., f.

G. Struvio,¹ Lauterbach,² Leyser,³ Páresio,⁴ Voet Boehmero,⁶ Schulting,⁷ Bartholo,⁸ Alciato,⁹ Bynckeshoëck,¹⁰ Cujas,¹¹ Duareno,¹² Hubero,¹³ Noodt,¹⁴ Strichio,¹⁵ Tulden,¹⁶ Lennclavio,¹⁷ Haubold,¹⁸ Bonnefidio, Faber,²⁰ Mornach.²¹

E dos que escreveram em algumas das linguas vivas

- ¹ *Syntagma jurisprudentiæ*,—Francf., 1692, 2 vol., 4.^o
² *Collegium theorico-practicum ad Pandectas*,—Tubing., 1784, 3 vol., 4.^o
³ *Meditationes ad Pandectas*,—Giessen, 1774, 12 vol., 4.^o
⁴ *Commentarium in xxv Digesti libros*,—Amsterd., 1669, 4.^o f.; *Praelectiones in XII libros Codicis*,—Amsterd., 1671, 2 vol. 4.^o. Ambas estas obras na ediç. venez., 1738, 3 vol.
⁶ *Commentarium ad Pandectas*,—Geneb., 1778, 2 v. f.;—Besanç., 1831, 5 vol., 4.^o
⁶ *Exercitationes ad Pandectas*,—Hanov., 1745-64, 6 vol. 4.^o.—Gotting., *id.*
⁷ *Notæ ad Digesta*,—Leyd., 1824-35, 8 vol., 8.^o
⁸ *Lectura super I et II parte Codicis*,—Neapol., 1471, 2 vol. f.; Venez., *id.*; *Prima et secunda pars lecturæ super ffo novo*,—Venez., 1471-3, 2 vol. f.,
⁹ *Opera omnia*,—Lyon, 1560, 5 vol., f.
¹⁰ *Opera omnia*, Leyd.,—1767, 2 vol., f.
¹¹ *Vid.* p. 74, n. 5.
¹² *Opera*,—Luca, 1765-72, 4 vol., f.
¹³ *Praelectiones juris civilis*,—Francf., 1748, 3 vol. 4.^o
¹⁴ *Opera omnia*,—Leyd., 1760, 2 vol., f.
¹⁵ *Opera omnia*, Francf., 1744-55, 16 vol., f.
¹⁶ *Opera juridica*,—Lovain., 1701-2, 5 vol., f.
¹⁷ *Juris græco-romani tam canonici quam civilis tomus II*,—Francf., 1596, f., (text. gr. e v. lat.)
¹⁸ *Manuale Basilicarum*,—Leipz., 1818, 4.^o
¹⁹ *Jus orientale*,—....., 1573, 8.^o
²⁰ *Commentarium in Pandectas*, (nas—*Opera*,—Lyon, 1658-63, 10 vol., f.
²¹ *Observationes in codicem, Pandectas, et Digestorum libros*,—Par., 1721, 4 vol., f.

mais conhecidas entre nós, bastará mencionar: Gluck,¹ Languerow,² Puchta,³ Ferrière,⁴ Donat.⁵

D'entre os historiadores que, dando-nos conta dos principaes factos da historia politica, juridica e social da sociedade bysantina, nos fornecem o conhecimento do seu organismo financeiro, apontaremos alguns que, sendo contemporaneos dos factos que narram, podem proveitosamente ser consultados. Taes são: os escriptores da *collecção bysantina*,⁶ Marcellino,⁷ Libanio,⁸ Orosio,⁹ Evagrias,¹⁰ Jornandes,¹¹ Sozomeno,¹² Socrates,¹³ Eusebio.¹⁴ E escriptores modernos, que escreveram em latim, ou em lingua que nos é mais ou menos familiar, são, entre

¹ *Eläuterung der Pandekten*,—Erlangen, 1796-1849, 48 vol., 2.º, (com o — *Vollständiges Sach und Gesetz Register*,—Erlang., 1822-32, 3 vol., 8.º dos 35 vol.

² *Lehrbuch der Pandekten*,—Marburg, 1854-57, 3 vol. 8.º

³ *Pandekten*, Leipz., 1863, 8.º

⁴ *La jurisprudence du Code, du Digeste, et des Nouvelles*,—Par., 1688, 6 vol., 4.º

⁵ *Oeuvres complètes*,—Par., 1828-30, 4 vol., 8.º

⁶ *Corpus scriptorum historiae bysantinae*,—Bon., 1828, seg., 8 vol. 8.º (incompl.); *Bysantinae historiae Scriptores varii*,—1848, 39 (?) vol., f.; *Histoire de Constantinople*,—Par., 1672-74, 3 vol., 4.º, (v. fr. de excerptos da *Collec. bysant.*)

⁷ *Ohronicon*,—Par., 1618, 8.º; (e nas — *Opera varia* de Jacques Girmond,—Par., 1696, 5 vol. f., t. II; e na *Biblioth. greco-lat.* de Goltandio,—Venez., 1765-81, 14 vol., f., t. X.

⁸ *Praeludia oratoria, declamationes et dissertationes morales*,—Par., 1606-27, 2 vol., f., (text. gr. e v. lat.)

⁹ *Vid.* p. 71, n. 5.

¹⁰ *Vid.* p. 67, n. 7.

¹¹ *Vid.* p. 69, n. 6.

¹² *Historia ecclesiastica*,—Petit-Montrouge, 1849, 8.º, (com de Socrates).

¹³ *Vid.* p. 70, n. 4.

¹⁴ *Vid.* p. 47, n. 10.

outros: Struvio, ¹ Ward, ² Duboys, ³ Giraud, ⁴ Mortreuil, ⁵ Ritter, ⁶ Rousselot, ⁷ Christophe, ⁸ Lelevel, ⁹ Boecking, ¹⁰ Ker, ¹¹ Burigny, ¹² Le Beau, ¹³ Gibbon, ¹⁴ Royon. ¹⁵ Sismondi, ¹⁶ Varenne, ¹⁷ Manso, ¹⁸ Pilati, ¹⁹ Murralt, ²⁰ Mignot, ²¹ Isambert, ²² Wilken, ²³ Xivrey, ²⁴ Hardouino, ²⁵ Raunusio, ²⁶

¹ *Historia juris romani justianiani, græci, etc.*,—Jen., 1718, 4.º

² *Inquiry into the foundation and history of the laws of nations in Europe, etc.*,—Lond., 1795, 2 vol., 8.º

³ *Histoire du droit criminel des peuples anciens*,—Par., 1845, 8.º; *Histoire du droit criminel des peuples modernes*,—Par., 1854–60, 3 vol., 8.º

⁴ *Vid.* p. 72, n. 8.

⁵ *Histoire du droit bysantin*,—Par., 1843–46, 3 vol., 8.º

⁶ *Historia philosophiæ græco-romanæ*, Goth., 1857, 8.º *Geschichte der philosophie*,—Hamb., 1837–53, 12 vol., 8.º; (vej. também a v. fr. da 1 parte, *Philosophia antiga*, por Tissot,—Par., 1835–37, 4 vol., 8.º)

⁷ *Études sur la philosophie*,—Par., 1842, 3 vol., 8.º

⁸ *Vid.* p. 75, n. 5.

⁹ *Geographie du moyen âge*,—Bruxell., 1852, 3 vol., 8.º

¹⁰ *Notitia dignitatum*,—2 vol., 8.º

¹¹ *Imperatores orientis*,—Tymaviæ, 1744, f.

¹² *Histoire des révolutions de l'empire de Constantinople*,—Par., 1850, 3 vol., 12.º

¹³ *Histoire du Bas-Empire*,—Par., 1757, 29 vol., 12.

¹⁴ *Vid.* p. 73, n. 5.

¹⁵ *Histoire du Bas-Empire*,—Par., 1803, 4 vol., 8.º

¹⁶ *Histoire de la chute de l'empire romain*,—Par., 1835, 2 vol., 8.º

¹⁷ *Histoire de Constantin*,—Par., 1728, 4.º

¹⁸ *Leben Constantins*,—Bresl., 1817, 8.º

¹⁹ *Histoire des révolutions*,—Hay., 1783, 8.º

²⁰ *Essai de chronographie bysantine*, S. Petersb., 1855, 8.º

²¹ *Histoire de l'imperatrice Irene*,—Par., 1762, 12.º

²² *Histoire de Justinien*,—Par., 1856, 2 vol., 8.º

²³ *Rerum ab Alexio I, etc.*,—Heidelb., 1811, 8.º

²⁴ *Memoire sur la vie de M. Poléologue*,—Par., 1851, 4.º

²⁵ *Histoire de l'empire de Constantinople*,—Par., 1656, f.

²⁶ *De bello constantinopolitano*,—Venez., 1634, f.

Laiteau,¹ Leonardi,² Ferrand,³ Guizot,⁴ Wallon,⁵ Garnier,⁶ Sabatier,⁷ Schoell,⁸ Savigny,⁹ Guarini,¹⁰ Hege-
wisch,¹¹ Serrigny,¹² Terrasson,¹³ Bach,¹⁴ S. Prix,¹⁵
Hugo,¹⁶ Walter,¹⁷ C. F. Eichorn,¹⁸ Ortolan,¹⁹ Schlo-
ner,²⁰ Tillemont,²¹ Herbelot,²² Heeren,²³ Lecky,²⁴
Ronbach,²⁵ Scheffel,²⁶ Alzog.²⁷

¹ *Histoire de Jean de Brienne*,—Par., 1727, 12.^o

² *De capta a Mehemet II Constantinopoli*,—Par., 1823, 4.^o

³ *Hist. des progrès de la civilisation*, Par., 1833-41, 6 v., 8.^o

⁴ *Vid.* p. 73, n. 1.

⁵ *Histoire de l'esclavage*,—Par., 1847-48, 3 vol., 8.^o

⁶ *Histoire de la monnaie*,—Par., 1819, 2 vol., 8.^o

⁷ *Descript. générale des monnaies bysant.*,—Par., 1862, 2 v., 8.^o

⁸ *Histoire de la littérature grecque*,—Par., 1823-25, 8 vol. 8.^o

⁹ *Vid.* p. 74, n. 15.

¹⁰ *Finanza del popolo romano*,—Napol., 1842.

¹¹ *Vid.* p. 73, n. 12.

¹² *Vid.* p. 75, n. 1.

¹³ *Histoire de la jurisprudence romaine*,—Par., 1824, 4.^o

¹⁴ *Hist. Jurisprud. romanæ*,—Leipz., 1822, 8.^o

¹⁵ *Hist. du droit romain*,—Par., 1822, 8.^o

¹⁶ *Lehrbuch der Geschichte des römischen Rechts*,—Berl., 1826,
vol. 8.^o; *Histoire du droit rom.*,—Par., 1821-22, 2 vol., 8.^o,

¹⁷ *Geschichte des Römischen Rechts*, Bon., 1845-56, 6 vol., 8.^o

¹⁸ *Journal de la science historique du droit*, (com Savigny e
oeschen, desde 1815).

¹⁹ *Vid.* p. 73, n. 3.

²⁰ *Universal historische Uebersicht*,—Franf., 1826-37, 9 vol.,
^o; *Histoire universelle de l'antiquité*,—Strasb., 1828, 3 vol.,
^o, (v. fr. dos prim. vol.)

²¹ *Memoires pour servir à l'histoire ecclesiastique*,—Par., 1693-
712, 16 vol., 4.^o; *Histoire des empereurs*,—Par., 1690-1738,
vol., 4.^o

²² *Bibliothèque orientale*,—Hay., 1777-79, 4 vol., 4.^o

²³ *Vid.* p. 52, n. 2.

²⁴ *Geschichte der Ursprungs und Einflusses der aufklärung in
Europa*,—Leipz., 1868-69, 2 vol., 8.^o; *History of european
orals from Augustus to Charlemagne*, Lond., 1869, 2 vol., 8.^o

²⁵ *Geschichte der Gesellschaft*.—Würtzh. 1860, 2 vol. 8.^o

E finalmente, dos que, a par de outros assumpto-tractaram da organização economica e financeira do imperio de Bysancio, e que por isso muito especialmente nos devem chamar a attenção. citaremos: Parieu,¹ (Cbrsckoff,² Leber,³ Formaleoni,⁴ S. Joseph,⁵ Levasseur e Vesmi,⁷ que escreveram em francez; Ganilh,⁸ Schlickeysen,⁹ Vanghan,¹⁰ Jorio,¹¹ Deppusg,¹² Rau,¹³ Seaman,¹⁴ e Cibrario,¹⁵ que escreveram noutras linguas.

82. A monarchia ostrogothica teve uma existencia ephemera, pois que, podemos dizer, nasceu e morreu com Theodorico, (490-552). Merece todavia a nossa attenção, porque, naquelle curto periodo, apresenta-nos o espectaculo de um vasto estado, organizado quasi de repente, (490-493), e deixa-nos ver como das ruinas cahoticas do imperio de Augustulo se pôde formar um estado poderoso, que, durante alguns annos, restituiu

¹ *Vid.* p. 72, n. 10.

² *De l'or et de l'argent*,—Par., 1856, 8.º

³ *Essai sur l'appréciation de la fortune privée au moyen âge*,—Par., 1847, 8.º

⁴ *Histoire du commerce*, Venez., 1789, 2 vol., 8.º

⁵ *Essai historique sur le commerce*,—Par., 1820, 8.º

⁶ *Vid.* p. 72, n. 9.

⁷ *Vid.* p. 73, n. 9.

⁸ *Essai politique sur le revenu public des peuples de l'antiquité, du moyen âge, etc.*,—Par., 1823, 2 vol., 8.º

⁹ *Erklärung der Abkürzungen auf Münzen des Alterthums*,—Berl., 1855, 8.º

¹⁰ *Discourse of coin and coinage*,—Lond., 1675, 12.º

¹¹ *Storia del commercio*,—Napol., 1778-83, 4 vol., 4.º

¹² *Hist. du commerce*,—Par., 1830, 2 vol., 8.º

¹³ *Vid.* p. 74, n. 16.

¹⁴ *Essays on the Progress*, etc.,—New-York, 1868, 2 vol., 12.º

¹⁵ *Vid.* p. 64, n. 9.

ordem á Italia assolada, conteve as bordas germanicas, e fez tremer o proprio imperador de Bysancio.

Se depois de Theodorico este vasto edificio se desmoronou, nem por isso ficou sendo exemplo menos illustre do quanto pode o genio organisador de um grande homem, e de como do meio do cahos e das ruinas a energia humana pode fazer surgir um organismo relativamente admiravel.

Theodorico, passando a sua juventude em Bysancio, como de todos é sabido, assentando o seu imperio no meio dos destroços da velha Roma, e firmando-o nas armas dos barbaros, seus congeneres, que o haviam auxiliado, não admira que ás instituições do estado que fundava dêsse uma indole mixta,— romana e bysantina, —mo lificando-as pelas peculiares das nações, ou tribus barbaras que commandava e que eram ao mesmo tempo a sua força e a sua garantia.

É por isto que o organismo, rude, e como que incipiente, d'este Estado, nos apparece como um mixto de instituições romanas, bysantinas e godas, tanto na ordem civil, como na administrativa e politica. É pois de esperar que, relativamente ás financeiras, se deva fazer a mesma observação, havendo mais a notar quanto a estas, que não devemos admirar a mudança que encontramos nas instituições que os ostrogodos acceitaram dos romanos, pelo que toca a divisão das terras, lançamento de novos tributos ou augmento dos antigos, pois que tudo isso demandavam as necessidades d'aquelle estado de conquista e a limitada sciencia de governação, da parte dos conquistadores; o que se não dava pelo que respeita á organização complexa dos serviços geraes e instituições, que só medram em tempos de paz e com os esforços da civilisação.

Para fazermos a historia politica, economica e financeira do organismo da monarchia ostrogothica, po-

demos recorrer ou a fontes contemporaneas d'aquella sociedade, ou a fontes modernas.

D'aquellas, mencionaremos — o *Edicto* de Theodorico,¹ Bœcio,² Eunodio,³ Cassiodoro,⁴ Jornandes,⁵ Procopio,⁶ Isidoro Hispalense,⁷ o pseudonymo Guidon de Ravena,⁸ o *Heldenbuch*,⁹ e Epiphanio;¹⁰ das modernas — Baronio,¹¹ Muratori,¹² Cochlao,¹³ Sartorius,⁴ Hurter,¹⁵ Manso,⁶

¹ Nas *Opera omnia* de Cassiodoro, ediç. de Garrett,—Rouen, 1679, 2 vol., f.;—Venez., 1729, 2 vol. f.; *Variæ lect.*,—Gen., 1650, p. 650.

² *Opera omnia*,—Basil., 1570, f.; *De consolatione philosophiæ*,—Jen., 1853, 8.º; *Consolation*,—Par., 1771, 12.º, (v. fr. de Leon Colesse).

³ *Opera*,—Par., 1611, 8.º; (nas *Opera varia* de Sismond,—Par., 1696, 5 vol., f.); *Panegyricus regi ostrogothorum Theodorico dictus*, Berl., 1812, 8.º

⁴ *Vid.* p. 69, n. 4.

⁵ *Vid.* p. 69, n. 6.

⁶ *Anecdota*, (na *Collec. bysant.* cit.)

⁷ *Chronicon gothorum*, (nas *Opera omnia*,—Rom., 1797–1803, 7 vol., 4.º;—*Montrouge*, 1850, 4 vol., 8.º

⁸ *Geographia libri V*,—Par., 1688, 4.º; (e no *Sita orbis* de Pamp. Mela,—*vid.* p. 50, n. 6).

⁹ Berl., 1811, 8.º; Stuttg., 1843–7, 6 vol., 8.º; (e nas — *Deutsche Gedichte des mittelalters* de Hagen,—Berl., 1808–25,

¹⁰ *Opera omnia*,—Petit-Mostrouge, 1858, 3 vol. 8.º

¹¹ *Annales ecclesiastici*,—Luc., 1738–57, 38 vol., f., (annot. por Pagi).

¹² *Vid.* p. 73, n. 4.

¹³ *Antiqua regum Italiæ gothicæ gentis scripta*,—Dresd., 1529, 8.º; *Vita Theodorici regis ostrogothorum et Italiæ*,—Stokholun., 1699, 4.º

¹⁴ *Essai sur l'état civil et politique des peuples d'Italie sous le gouvernement des goths*,—Par., 1811, 8.º

¹⁵ *Geschichte ostrogothischen Königs Theodorick und seiner Regierung*,—Schaffouse, 1808.

¹⁶ *Geschichte des ostrogothischen Reichs in Italien*,—Bresl., 1824, 8.º

Grocio,¹ Du Roure,² Cantu,³ Sismondi,⁴ Rossi,⁵ Reumont,⁶ Vennucci,⁷ e Tamassio.⁸

84. A monarchia lombarda, ao contrario da ostrogothica, estendendo-se por toda a Italia, apresenta-nos, desde o seculo VI ao IX, quasi sempre o quadro sombrio de lutas estereis, de morticinios ferozes, de anarchia desenfreada, de correrias sem fim, de depredações brutaes. até que desapareceu, absorvida na vasta monarchia carlovingia e nos Estados da Egreja de Roma.

Se, apesar de tudo, parâmos diante d'este marco da historia, ennodado de tanto sangue e de tantas miserias, para procurar decifrar-lhe a epigraphie complexa, é porque a monarchia lombarda, no vasto labor social da idade media, apparece com um character seu, proprio; e porque o seu estudo se nos afigura indispensavel para avaliar as civilisações italicas posteriores.

As depredações e correrias d'estes povos deve a historia attribuir a consolidação de estados, ao depois poderosos, que foram um ensino vivo do grau de poder, da civilisação e influencia a que um estado pode ser elevado pelo patriotismo, pela fecunda iniciativa individual, e pela practica dos bons preceitos economicos. Facilmente se vê que estamos alludindo a Veneza, Genova, Pisa, e ás demais republicas italianas da idade media.

¹ *Historia gothorum, vandal., et longob.*,—Amsterd., 1655, 8.º

² *Hist. de Theodoric le Grand*,—Par., 1846, 2 vol., 8.º

³ *Hist. des Italiens*,—Par., 1859, 12 vol. 12.º, (v. fr. de Arm. Coombe).

⁴ *Hist. des republ. ital. du moyen âge*,—Par., 1840-44, 1.º vol., 8.º

⁵ *Storia antica e moderna d'Italia*, Mil., 1819-23, 19 vol., 3.º

⁶ *Beiträge zur italienischen geschichte*,—Berl., 1853-57, 6 vol.,

⁷ *Storia d'Italia*,—Fierenz., 1852-58, 4 vol., 8.º

⁸ *Storia del regno dei Goti e dei Longobardi in Italia*,—Berl., 1825-26, 3 vol., 8.º

Do conhecimento da historia dos lombardos inferir-se-ha quam pernicioso é aquelle pseudo-systema de governação, que, para sustentar por especiosos e falsos motivos uma ordem que é apenas fructo da tyrannia ou da gangrena que corróe os elementos sociaes, defende a conveniencia de ter inermes e imbelles os cidadãos, para serem comprimidos e envilecidos sob as mãos dos que governam sem talentos, nem virtudes, nem patriotismo. A rapida conquista da Italia por Theodorico á frente dos ostrogodos, e por Alboino e Clefis guiando os incultos lombardos, provam-n'ó exuberantemente.

Na historia d'este povo aprende-se tambem como a invencivel frouxidão do individualismo ou do espirito egoista, corrompe e envenena as instituições dos povos que não sabem a tempo acautelar-se contra tão funestos ataques; e deparam-se-nos lá fecundos elementos para apreciar o systema feudal que ali despontou incarnado na antiga instituição dos *duces*, e o germen da subdivisão da Italia, que por tantas vezes, e ainda em nossos dias tem sido a causa de guerras, fataes para a civilisação e para a humanidade.

O organismo militar dos lombardos, preparado para a resistencia momentanea e rapida, a distribuição dos bens territoriaes, verdadeiros *beneficios* militares, a extensão dos bens do rei, proprietario poderoso, os costumes ingenuos e barbaros, a organização civil e criminal mal modelada pela romana, os defeitos, e vicios até, da suas instituições, e da sua politica, tudo isto nos offerece materia digna de estudo serio, pelas suas fecundas conseqüencias para o nosso intuito.

E assim se justifica o demorarmo-nos um pouco em prescrutar as fontes onde podemos estudar a historia politica, social e economica dos incultos lombardos. Essa fontes, dividil-as-hemos em contemporaneas da monarchia lombarda, e modernas, consoante ao que fizemos relativamente á monarchia ostrogothica; mas advertire

nos que, para completar a resenha d'essas fontes, deverá dicionar-se-lhe a que logo faremos a proposito do imperio carlovingio, que absorveu, como vimos, uma parte da monarchia lombarda.

Das fontes contemporaneas d'esta monarchia, mencionamos: Warnefridio,¹ Gregorio Magno,² Procopio,³ Anastacio o bibliothecario,⁴ e Luitpraud;⁵ das modernas: Leo,⁶ Gaillard,⁷ Baronio,⁸ Cenni,⁹ Savigny,¹⁰ Muratori,¹¹ Gibbon,¹² Troya,¹³ Tamassio,¹⁴ Spelta,¹⁵ Peregrino,¹⁶ Zanetti,¹⁷ e as *Memorias* da Academia de Torin.

85. Interessa duplamente o estudo da organisação social, politica e economica dos francos, não só porque estes povos foram o tronco d'onde ao depois brotou a moderna França, senão tambem porque, embora fossem uma confederação de barbaros e grosseiras tribus ger-

¹ *De origine et gestis longobardorum*,—Lugd. Batas., 1595, 1.º; *Histoire de Paul diacre d'Aquillée*,—Par., 1603, 8.º, v. fr.

² *Epistolæ*, (nas *Opera omnia*,—Montrouge, 1858, 5 vol., 8.º); *Dialogorum libri IV*,—(ib.)

³ *Vid.* p. 55, n. 3.

⁴ Na *Collec. bysant.*—*Vid.* p. 83, n. 6.

⁵ *Opera quæ extant*,—Antuerp., 1640, f.

⁶ *Geschichte von Italien*,—Hamb., 1829, 3 vol., 8.º

⁷ *Memoires sur les longobards*, (nas *Memoires de l'Academ. des Inscript.*, t. XXXII, XXXV, XLIII).

⁸ *Vid.* p. 88, n. 11.

⁹ *Monumenta dominationis pontificiæ*,—Rom., 1760-61, 2 vol., 8.º

¹⁰

¹¹ *Vid.* p. 74, n. 5.

¹² *Vid.* p. 73, n. 4.

¹³ *Vid.* p. 73, n. 5.

¹⁴ *Storia d'Italia del medio evo*,—Nap., 1839-55, 14 vol., 8.º; *Indice diplomatico longobardo*,—Nap., 1845, f., (incompl.)

¹⁵ *Vid.* p. 89, n. 8.

¹⁶ *Historia*,—Par., 1603, 4.º

¹⁷ *Historia principum longobardorum*,—Nap., 1749-54, 5 vol., 8.º

¹⁸

¹⁹ *Del regno de' longobardi in Italia*,—Venez., 1753, 2 vol., 4.º

manicas, cedo nos apparecem contudo, revelando na historia um organismo legal, fortemente constituido, e elevando-se, no espaço de quatro seculos, de obscuras tribus meio-selvagens a poderoso imperio, por ventura rival de Roma nos dias da sua grandeza.

Abandonando o Ysala, o Weser e o Mein; passando o Rheno, espalhando-se pelas Gallias, Burgonha e alta Italia; vencendo sob o commando de Clovis as legiões romanas; batendo guiados por Clotario os burguinhões, e subjugando-os sob a direcção de Clodomiro e Childberto; invadindo a Italia conduzidos por Theodoberto. e açacalando as formidaveis frankiskas para cortarem as legiões bysantinas; detidos depois pelos lombardos, repellidos pelos wisigodos e expulsos pelos saxões; passando da realza popular, electiva e federal, através de crudelissimas luctas civis e crimes horrorosos, para chegarem ao feudalismo, á tyrannia sem grandeza, á independencia sem liberdade; levantando a realza energica e vivaz de Clovis e Theodeberto, para a deixarem asphixiar-se na realza-phantasma de Childerico: os francos legaram-nos, na sua historia, proveitosa lição para os que se empenham em descobrir as forças, que levantam os imperios, e que nem sempre derivam da valentia militar e brutal e da astucia hypocrita dos usurpadores e dos despotas lição que nos deixará ver tambem como nos destinos de uma nação pode influir a perseverança de uma raça em alcançar o poder supremo.

Accresce ainda que no organismo d'estes povos se encontra o germen de algumas modernas instituições, da França e, pelo consequente, de uma grande parte da Europa culta. Et tanto basta para justificarmos estas leves considerações neste ponto da historia medieva.

Não é de esperar que vamos descobrir nestes povos instituições financeiras tão complexas como as modernas: mas as que lá achamos servem já, quando bem estuda-

tas, para nalguns pontos corrigirmos as que nos são coetaneas, — do que nos não admiremos, attendendo a que as condições fundamentaes da vida dos povos não estão sujeitas a tão grande variação como se antolhará talvez a muitos.

Estudaremos a organização economica e financeira, ao mesmo tempo que a social e a politica, dos francos, lendo dos escriptores antigos — Sidonio Apollinario; ¹ Gregorio de Tours; ² Aimon; ³ os chronistas da collecção de D. Bouquet, Haudiguier, Housseau, Précieux e Poisier; ⁴ Velezio, ⁵ e as *Capitulares*; ⁶ e, dentre os modernos, — Montesquieu, ⁷ Boulainvilliers, ⁸ Dubos, ⁹ Reynier, ¹⁰ Bailly, ¹¹ Pastoret, ¹² Guizot, ¹³ Lehnérou, ¹⁴ Laferrière, ¹⁵ Gue-

¹ Vid. p. 71, n.º 10.

² *Opera omnia*, — Par., 1699, f.; — Par., 1836-41, 4 vol., 8.º, y. fr. de J. Gaudet e Taranne).

³ *Libri quinque de gestis francorum*, — Par., 1603, f.

⁴ *Recueil des historiens des Gaules et de la France*, — Par., 1738-55, 21 vol., f.

⁵ *Gesta francorum*, — Par., 1646-58, 3 vol., f.

⁶ *Capitularia regum francorum*, — Par., 1780, 2 vol., f., edic. de Baluz.

⁷ *Esprit des lois*, (nas *Oeuvres complètes*, — Par., 1830), Liv. XXX.

⁸ *Hist. de l'ancien govern. de la France*, — Hay., 1727, 3 vol., 8.º

⁹ *Hist. critique de l'établissement de la monarch. franç. dans les Gaules*, — Par., 1744, 4 vol., 12.º

¹⁰ *De l'économie publique et rurale des Celtes, des Germains et les autres peuples du nord et du centre de l'Europe*, — Genève, — Par., 1818, 8.º

¹¹ *Histoire financière de la France*, — Par. 1830, 2 vol., 8.º

¹² Vid. p. 50, n.º 11.

¹³ Vid. p. 73, n.º 1.

¹⁴ *Hist. des institutions merovingiennes et du gouvernement des Mérovingiens*, — Par., 1841, 8.º

¹⁵ Vid. p. 72, n.º 7.

rard,¹ Cantu,² Roth,³ Pertz,⁴ Perry,⁵ Thierry,⁶ Colliar,⁷ Sismondi,⁸ Gaguin,⁹ Daniel,¹⁰ Ranken,¹¹ Hugo,¹² Ozaneaux,¹³ e Michelet.¹⁴

86. Mais immediato nos é o interesse que nos offerece o estudo da organização social, economica e politica, dos wisigodos, visto que d'elles vieram muitas das instituições que ao depois figuraram em o nosso e no visinho país como veremos; sendo que, em face dos monumentos que ou já foram colligidos na peninsula, ou ainda jazem ineditos nos archivos nacionaes e castelhanos, temos por facil o demonstrar que o elemento romano e o barbaro, nomeadamente o wisigothico, formam os dois robustos caules subterraneos da comosa arvore da organização juridica peninsular, como as reliquias autochtonas, quicá

¹ *Polyptique de l'abbé Irmion, — avec des préloges pour servir à l'histoire de la condition des personnes et des terres depuis les invasions des barbares jusqu'à l'institution des communes, —* Par., 1836-44, 2 vol. 4.º

² *Vid. p. 44, n. 7.*

³ *Über den burgerlichen Zustand der Gallier zur zeit der fränkischen Eroberung, —* Munich, 1827, 8.º

⁴ *Geschichte der merovingischen Hansmein, —* Hanov., 1819, 8.º

⁵ *The franks, from their first appearance to the death of Pepin, —* Lond., 1857, 8.º

⁶ *Essai sur l'hist. de la formation et des progrès du tiers-état, —* Par., 1860, 8.º; *Récueil des monuments inédits de l'histoire du tiers-état, —* Par., 1850-54, 3 vol., 4.º

⁷ *Hist. des classes laborieuses en France, etc., —* Par., 1859, 8.º

⁸ *Histoire des Français, —* Par., 1821-43, 31 vol., 8.º

⁹ *Compendium super francorum gestis, —* Par., 1500, f.

¹⁰ *Hist. de France, —* Par., 1855, 17 vol., 4.º

¹¹ *History of France A. D. 486 to 1715, —* Lond., 1801-20, 9 vol., 8.º

¹² *France historique et monumentale, —* Par., 1836-43, 5 vol., 8.º

¹³ *Hist. de France, —* Par., 1850, 2 vol., 12.º

¹⁴ *Histoire de France, —* Par., 1845-63, 15 vol., 8.º

líticas,¹ e as indígenas mosarabicas, formam a larga e trincada parenchyma da sociedade peninsular luso-hispanica.

Vê-se pois que o elemento wisigothico a que vamos referir-nos, como o romano, cujas fontes, já resenhámos, o primevo e indígena, que por sua indole não cabem no quadro circumscripto que traçamos, são todos assumpto de particular interesse para os que quizerem estudar a historia social da peninsula iberica.

Como é sabido, os wisigodos, transpondo amigavelmente as fronteiras do imperio romano, e mais tarde precipitando-se violentamente no interior das provincias romanas, invadiram a Thracia, guiados por Fritigern e Alavivus, assolaram a Italia, e, em tempos de Honorio, fixaram-se no sul das Gallias, d'onde a audacia e o exemplo de Vallia os levou a subir os alcantis pyrenaicos, e a percorrer de lá por todas as Hespanhas, alagando-as, avassallando-as por fim, e obrigando os vandalos a transporem o estreito gaditano, e os alanos e os suevos a reconhecerem o senhorio wisigothico.

A conquista da peninsula terminou-se em tempos de Eurico. Esta epocha é o marco milliarario que a historia levantou, para d'alli em diante contar o periodo da decadencia da civilisação wisigothica, submergida a final nas aguas ensanguentadas do Chryssus, para em seu lugar se erguer outra civilisação, diferente em usos, costumes e organismo, e da qual fallaremos em occasião opportuna.

Durando por tres seculos a dominação wisigothica, facilmente supponmos os profundos vestigios que ella levava deixar na historia da peninsula hispanica.

¹ Vid. ZAMACOLA, *Historia de las naciones bascas*,— Auch., 1818, 3 vol., 8.º; ERRO, *El mundo primitivo, ó examen filosófico de la antigüedad y cultura de la nacion bascongada*,— Madrid, 1815, 4.º; HUMBOLDT, *Essai de recherches sur les premiers habitants de l'Espagne, par le moyen de la langue basque*,— Berl., 1821, 4.º

É pois obvio o interesse que nos prende á historia d'esse povo, que devemos contar entre os nossos maiores, e cuja organisação civil, economica e politica devemos estudar como fonte, se não de actuaes instituições por certo das muitas que, durante seculos, nos regeram.

A indole especial d'estas simples resenhas força-nos a não levar mais longe as considerações que suggere a importancia d'este assumpto.

Para o estudo do organismo wisigothico, cumpre-nos primeiro que tudo, consultar o *Codigo Wisigothico*,¹ e depois, a par de outras fontes, S. Isidoro Hispalense,² Victor Fununense³ e João Biclaseense;⁴ e, dos auctores modernos, só citaremos Masdeu,⁵ Aschbach,⁶ Ferreras, Saint-Hilaire,⁸ Gallardo,⁹ Toledano,¹⁰ A. Herculano,¹¹ Colmeiro,¹² Escriche,¹³ Canga-Arguelles,¹⁴ Pastor,¹⁵

¹ *Codex legum antiquarum, in quo continentur leges wisigothorum*,—Francf., 1613, f.; (e nos *Portugalice monumenta historica à sæculo octavo post Ch. usque ad quintum decimum*,—jussu academice scientiarum olisiponensis edita; *Leges et consuetudines*,—Lisb., 1856, f.

² *Vid.* p. 88, n. 7.

³ *Chronicon*, (nas collec. de H. Canisio,—Ingolst., 1600, 4.º; e na *Bibliotheca Patrum*, de Gallandi,—Venet., 1788, 14 vol. f., tom. VII.)

⁴ *Chronicon*, (na cit. collec. de H. Canisio):

⁵ *Historia de España*,—Madrid, 1783–1805, 20 vol., 4.º

⁶ *Historia de España*,—Madrid, 1700–27, 16 vol., 4.º

⁷ *Histoire d'Espagne*,—Par., 1839–47, 7 vol., 8.º

⁸ *Histoire d'Espagne*,—Par., 1846–56, 10 vol., 8.º

⁹ *Origen, progresos y estado de las rentas de la corona de España, su gobierno y administracion*,—Madrid, 1817, 3 vol., 4.º

¹⁰ *Curso de Instituciones de hacienda publica de España*,—Madrid, 1862, 2 vol., 8.º

¹¹ *Historia de Portugal*,—Lisb., 1846, 4 vol., 8.º

¹² *Derecho administrativo español*,—Madrid, 1858, 2 vol., 8.º

¹³ *Diccionario razonado de legislación y jurisprudencia*,—Madrid., 1847, 3 vol., f.

¹⁴ *Elementos de la ciencia de hacienda*,—Lond., 1825, 8.º; *Diccionario de hacienda*,—Madrid, 1833, 2 vol., f.

¹⁵ *La ciencia de la contribucion*,—Madrid, 1856, 2 vol., 8.º

Monte,¹ Marina,² Duhamel,³ Tapia,⁴ Gaillard,⁵ Asso⁶ e Mascará,⁷ alem de muitos que já citámos a proposito de outros povos, e afóra os que nos indica D. Nicolau Antonio.⁸

¹ *Examen de la hacienda pública de España*,— Madrid, 1855, vol., 8.º

² *Ensayo histórico-crítico sobre la antigua legislación de los Reynos de Leon y Castilla*,— Madrid, 1834, 2 vol., 4.º

³ *Histoire constitutionnelle de la monarchie espagnole depuis l'invasion des hommes du nord*,— Par., 1845, 2 vol., 8.º

⁴ *Historia de la civilización española*,— Madrid, 1840, 4 vol., 8.º

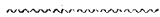
⁵ *Description des monnaies espagnoles du cabinet de D. Garcia la Torre*,— Madrid, 1852, 8.º

⁶ *Historia de la economía política de Aragón*,— Zaragoza, 1808, 4.º

⁷ *Colección de Documentos inéditos del archivo general de la Corona de Aragón*.

⁸ *Bibliotheca hispana vetus*,— Matrit., 1789, 2 vol., f.; *Bibliotheca hispana nova*,— Matrit., 1783-88, 2 vol., f.

INDICE DAS MATERIAS



| | Numeros |
|---|---------|
| . I: Utilidade da Sciencia das Finanças. — Provas radas do direito publico, do direito natural, e da historia de alguns povos antigos | 1-5 |
| . II: Definição da Sciencia das Finanças. — Exposição de <i>quatro grupos</i> de definições | 6-10 |
| nição que adoptámos | 11, 12 |
| . III: Etymologia da palavra Finanças. — Opinião de Du Cange e de outros | 13 |
| stão sobre a vernaculidade do termo | 14, 15 |
| . IV: Accepções do vocabulo Finanças. — Varias accepções da palavra <i>finanças</i> | 16 |
| pções da palavra <i>financeiros</i> | 17 |
| . V: Assumpto da Sciencia das Finanças. — Do que ella se occupa | 18 |

| | Numeros |
|--|-------------|
| União da theoria com a práctica..... | 19, 20 |
| Vastidão do assumpto; e como o Estado póde ser objecto de estudos financeiros | 21, 22 |
| CAP. VI: Importancia da Sciencia das Finanças. — De- | |
| monstração d'essa importancia..... | 23 |
| Perniciosos systemas, derivados de se não dar ás finanças a merecida importancia | 24-27 |
| Erros provenientes do mesmo mal | 28 |
| Outras considerações em abono da necessidade dos estu- dos financeiros | 29, 30 |
| A quem particularmente interessa o estudo das finanças | 31-37 |
| CAP. VII: Relações da Sciencia das Finanças com as | |
| demais. — Relações que provêm do character social e | |
| politico d'esta sciencia | 37 |
| Razão das suas relações com a moral, com o direito na- tural, com a economia, com a estatistica, com a admj- nistração, com o direito civil, commercial, criminal, politico e internacional.... | 39-4 |
| Relações mais remotas | 45, 4 |
| CAP. VIII: Historia das Finanças. — Limites em que a | |
| hâvemos de fazer | 47-4 |
| Fontes em que póde estudar-se o organismo financeiro da India antiga | 51-6 |
| Do Egypto | 61-6 |
| Dos hebreus | 66-6 |
| Dos gregos | 69-7 |
| Dos romanos..... | 75-' |
| Lance de olhos sobre a idade média | 78-' |

| | Numeros |
|--|---------|
| tes em que póde estudar-se o organismo financeiro do | |
| mpério bysantino..... | 81 |
| 3 ostrogodos..... | 82, 83 |
| 3 lombardos..... | 84 |
| 3 francos..... | 85 |
| 3 wisigodos..... | 86 |

EMENDAS IMPORTANTES

| | | | | |
|-------------|-------------|-------------------------|---------------------|---|
| 2, lin. 15, | onde se lê: | <i>não precisassem,</i> | leia-se: | <i>precisassem</i> |
| 25 | » 30 | » | <i>Aug. Comte,</i> | » <i>Comte,</i> |
| 44 | » 16 | » | <i>montantes</i> | » <i>montanhas</i> |
| » | » | » | <i>pateando</i> | » <i>patenteando</i> |
| 50 | » 5 | » | <i>do Egypto</i> | » <i>do Egypto moderna-</i> <i>mente</i> |
| 56 | » | » | <i>Ewald</i> | » <i>Ewald</i> |
| 64 | » 1 | » | <i>Lurine</i> | » <i>Lurine</i> |
| 78 | » 12 | » | <i>nosso estado</i> | » <i>nosso estudo.</i> |
